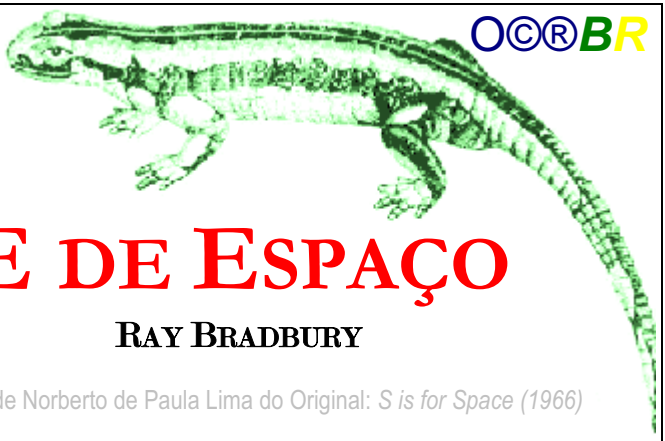


E DE ESPAÇO

RAY BRADBURY

Tradução de Norberto de Paula Lima do Original: *S is for Space (1966)*

Sobre o Autor:

Ray Bradbury, romancista, contista, ensaísta, dramaturgo, argumentista e poeta, nasceu em Waukegan, Illinois, EUA, em 22 de Agosto de 1920, terceiro filho de Leonard Spaulding Bradbury e Esther Marie Mauberg Bradbury.Por alturas de 1931, Ray Bradbury começou a escrever as suas histórias em papel de embrulho. Cerca de 1943, já tinha deixado o emprego de vendedor de jornais e começou a escrever a tempo inteiro, publicando numerosos contos em jornais e revistas. Em 1947 Bradbury casou com Marguerite McClure e nesse mesmo ano coligiu muitos dos seus melhores trabalhos e publicou-os sob o título Dark Carnival, a sua primeira colectânea de contos.

A sua reputação como primeiro escritor de ficção científica firmou-se com a publicação de The Martian Chronicles em 1950. Obra simultaneamente de crítica social e ficção científica, The Martian Chronicles reflete algumas das ansiedades prevalecentes na América dos primeiros tempos da Era Atómica dos anos cinquenta: o medo da guerra nuclear, os anseios por uma vida mais simples, as reações contra o racismo e a censura e o receio dos poderes políticos estrangeiros.

Outra de entre as mais conhecidas obras de Ray Bradbury, o romance Fahrenheit 451, foi publicado em 1953 e a ação desenrola-se num futuro em que a palavra escrita está proibida. Resistindo a um estado totalitário que manda queimar todos os livros, um grupo de rebeldes decora obras inteiras, literárias e filosóficas.

A obra de Ray Bradbury foi incluída na coletânea The Best American Short Stories (1946, 1948 e 1952) e ele foi galardoado com os maiores prêmios da literatura de ficção no mundo.

Ray Bradbury vive atualmente na Califórnia e continua a escrever e a proferir conferências.

Sobre a Digitalização Desta Obra:

Se os livros tivessem preços acessíveis, todos poderiam comprá-los. A digitalização desta obra é um protesto contra a exclusão cultural, e por conseqüência social, causada pelos preços abusivos dos livros editados e publidados no Brasil. Assim, é totalmente condenável a venda deste e-livro em qualquer circunstância. Distribua-o livremente.

Em homenagem a "Sônietchka"

ÍNDICE

Introdução	003
Crisálida	005
Pilar de Fogo	030
Hora Zero	073
O Homem	085
Fuga no Tempo	099
O Pedestre	105
Saudações, e adeus	111
O menino invisível	122
Venha ao meu porão	133
O piquenique de um milhão de anos	151
A mulher gritando	162
O sorriso	178
Eles eram morenos, e de olhos dourados	184
O bonde	200
A máquina voadora	205
Ícaro Montgolfier Wright	211

Para Charles Beaumont
que viveu naquela casinha
na metade do quarteirão seguinte
quase toda a minha vida.

E para Bill Nolan
e Bill Idelson, amigo de Rush Gook,
e para Paul Condylis...

Porque...

INTRODUÇÃO

Júlio Verne foi meu pai.
H. G. Wells foi meu sábio tio.
Edgar Allan Poe foi o primo com asas de morcego que guardávamos lá em cima, na sala do sótão.
Flash Gordon e Buck Rogers foram meus irmãos e amigos.
Aí têm minha ascendência.
Acrescentando, claro, o fato de que muito provavelmente Mary Wollstonecraft Shelley, autora de Frankenstein, foi minha mãe.
Com uma família dessas, eu não poderia deixar de ser outra coisa: um escritor de fantasia e de curiosíssimas histórias de ficção científica.
Vivi nas árvores com Tarzã uma boa parte de minha vida, com meu herói, Edgar Rice Burroughs. Quando desci da folhagem, pedi uma pequena máquina de escrever quando tinha doze anos, para o Natal. E matraqueando na máquina, escrevi meu primeiro seriado de imitação, John Carter, Condestável de Marte, e de cor, bati episódios inteiros de Chandu, o Mágico.
Mandei tampas de caixas pelo correio, e acho que juntei-me a todas as sociedades secretas do rádio que existiam. Guardei histórias em quadrinhos, a maioria das quais ainda tenho, em grandes caixas, no porão de minha casa, na Califórnia. Ia às matinês do cinema. Devorava as obras de H. Rider Haggard e Robert Louis Stevenson. Em meio aos verões de minha juventude, pulei alto e mergulhei bem fundo no vasto oceano do Espaço, muito, muito tempo antes que a Era Espacial propriamente dita fosse mais do que um pontinho no telescópio de duzentas polegadas, de Monte Palomar.
Em outras palavras, eu me apaixonava por tudo o que fazia. Meu coração não batia; explodia. Eu não me aquecia com um assunto; eu fervia. Sempre corri e gritei quando se trata de uma lista de coisas grandes e mágicas que eu sabia que simplesmente não poderia viver sem elas.
Eu era um menino-mágico imberbe que puxava coelhos

irritadiços de cartolas de "papier-mâché". Tornei-me um homem-mágico barbado que puxa foguetes de sua máquina de escrever e dos Ermos do Espaço, que se estendem tão longe quanto o olho e a mente podem ver e imaginar.

Meu entusiasmo sustentou-me bem, através dos anos. Nunca me cansei dos foguetes e das estrelas. Nunca cessei de gostar de me apavorar com algumas das minhas histórias mais exóticas e tenebrosas.

Assim, aqui nesta nova coleção de histórias, você encontrará não só E de Espaço, mas uma série de subtítulos que muito poderiam ser : T de Trevas, ou A de Apavorar, ou D de Deliciar. Aqui, você vai encontrar quase todas as faces de minha natureza e minha vida que possa querer descobrir. Minha capacidade de rir-me alto com a simples descoberta de que estou vivo num estranho, selvagem, e estimulante mundo. Minha capacidade igualmente grande de pular e ir plantar groselhas quando sinto o cheiro de estranhos cogumelos crescendo em meu porão, à meia-noite, ou ouvir uma aranha cantarolando enquanto tece sua tapeçaria, no armário embutido, pouco antes do nascer do sol.

Você que está lendo, e eu, que escrevo, somos bastante iguais. A pessoa jovem dentro de mim atreveu-se a escrever estas histórias para entretê-lo. Encontramo-nos no território comum de uma Era incomum, e compartilhamos nossos dons de sombra e luz, sonhos bons e maus, alegrias simples, e mágoas não tão simples.

O menino mágico fala de um outro ano. Fico de lado e deixo-o dizer o que mais precisa dizer. Escuto, e divirto-me.

Espero que você, também.

RAY BRADBURY
Los Angeles, Califórnia
19 de Dezembro, 1965.

CRISÁLIDA

Rockwell não gostava do cheiro da sala. Não tanto pelo cheiro de cerveja, de McGuire, ou o cheiro cansado, suarento, de Hartley; mas o forte cheiro de inseto que exalava o frio corpo de pele esverdeada de Smith, rígido e nu, sobre a mesa. Havia também um odor de óleo e graxa, da maquinaria sem nome brilhando no outro canto da saleta.

Smith era um cadáver. Irritado, Rockwell ergueu-se de sua cadeira, e guardou seu estetoscópio. - Preciso voltar ao hospital. As emergências de guerra. Você compreende, Hartley. Smith está morto há oito horas. Se quiser informações adicionais peça uma autópsia...

Interrompeu-se ao ver Hartley erguer sua mão trêmula e ossuda. Hartley apontou para o cadáver; esse cadáver com uma dura casca verde quebradiça, solidificada sobre cada polegada de sua carne. - Use seu estetoscópio de novo, Rockwell. Só mais uma vez. Por favor.

Rockwell quis reclamar, mas ao invés disso, suspirou, sentou-se, e usou o estetoscópio. É preciso tratar os colegas médicos com polidez. Aperta-se o estetoscópio contra a carne verde e fria, fingindo escutar...

A saleta, fracamente iluminada, explodiu à sua volta. Explodiu numa pulsação verde e fria. Atingiu os ouvidos de Rockwell, como punhos. Atingiu-o. Viu seus dedos tremerem sobre o cadáver deitado.

Ele ouvira um pulso.

No fundo do corpo escuro, ouvira o coração bater uma vez. Soou como um eco, sob braças de água do mar.

Smith estava morto, sem respirar, mumificado. Mas, no núcleo daquela morte, seu coração vivia. Vivia, remexendo-se como um pequenino feto!

Os finos dedos de cirurgião de Rockwell moveram-se depressa.

Abaixou a cabeça. À luz, ele era moreno, com alguns fios brancos.

Tinha um rosto liso, agradável. Por volta de trinta e cinco anos.
Ouviu de novo, e de novo, com o suor esfriando em seu rosto suave.
O pulso era inacreditável.
Uma batida a cada trinta e cinco segundos.
A respiração de Smith; como se podia acreditar naquilo, também? Uma respiração a cada quatro minutos. O movimento da caixa torácica, imperceptível. Temperatura do corpo?
Sessenta graus.
Hartley riu-se. Não era um riso agradável. Mais como um eco perdido. - Está vivo - disse, cansado. - Sim, está vivo. Quase me enlouqueceu, muitas vezes. Injetei adrenalina, para acelerar o pulso, mas não adiantou. Tem estado assim, há doze semanas. E não podia suportar mantê-lo em segredo mais tempo. Por isso que telefonei, Rockwell. Ele é... antinatural.
A impossibilidade daquilo assoberbava Rockwell, com uma excitação inexplicável. Tentou erguer as pálpebras de Smith. Não conseguiu. Estavam recobertas com uma epiderme. Bem como os lábios. E as narinas. Não havia meio para Smith respirar...
- No entanto, respira. - A voz de Rockwell era monótona. Deixou cair o estetoscópio, apalermado, pegou-o, e viu seus dedos tremendo.
Hartley avolumou-se, emaciado, sobre a mesa. - Smith não gostou que o chamasse. Chamei-o, mesmo assim. Smith não queria, pelo que me disse há uma hora.
Os olhos de Rockwell dilataram-se em círculos negros e quentes. - Como ele poderia falar? Não pode mover-se.
O rosto de Hartley, ossos agudos, maxilar forte, olhos cinzentos semicerrados, retorceu-se nervosamente. - Smith... pensa. Eu sei o que pensa. Está com medo de que você o exponha ao mundo. Ele me detesta. Por quê? Quero matá-lo, por isso. Veja. - Hartley procurou, em seu casaco manchado e amassado, um revólver de aço azulado. - Murphy, pegue isto. Pegue antes que eu o use no corpo asqueroso de Smith!
Murphy recuou seu volumoso rosto avermelhado, com medo. -

Não gosto de armas. Pegue você, Rockwell.
Rockwell retrucou, a voz cortante como um bisturi. - Ponha esse revólver de lado, Hartley. Depois de três meses cuidando de um paciente, está com o psiquismo abalado. Um pouco de sono vai curá-lo. - Umedeceu os lábios. - Que tipo de doença Smith pegou?
Hartley hesitou. Sua boca formou as palavras devagar. Começando a dormir em pé, Rockwell percebeu. - Não é doença - Hartley conseguiu dizer. - Não sei o que é. Mas ele me perturba, assim como um menino se ressente do nascimento de um novo irmão, ou irmã.
Ele está errado. Ajude-me. Ajude-me, por favor.
- Claro - sorriu Rockwell. - Meu sanatório, deserto, é o lugar ideal para examiná-lo. Ora ... bem, Smith é o fenômeno médico mais incrível, de toda a história! O corpo simplesmente não se comporta desta maneira!
Não continuou. Hartley tinha o revólver apontado diretamente para o estômago de Rockwell. - Espere. Espere. Você... não vai enterrar Smith! Pensei que você me ajudaria. Smith não é sadio.
Quero que ele seja morto! Ele é perigoso! Sei que é!
Rockwell piscou. Hartley estava obviamente psico-neurótico.
Não sabia mais o que dizia. Rockwell aprumou os ombros, sentindo-se frio e calmo, por dentro. - Mate Smith e eu vou acusá-lo de assassinato. Está esgotado, física e mentalmente. Afaste essa arma.
Olharam um para o outro Rockwell avançou, em silêncio, e pegou o revólver, pôs a mão no ombro de Hartley, e deu a arma para Murphy, que olhou para ela como se fosse mordê-la. - Chame o hospital, Murphy. Vou tirar uma semana de folga. Talvez mais. Diga-lhes que estou fazendo uma pesquisa no sanatório.
Um esgar formou-se na carne vermelha e lisa do rosto de Murphy. Que faço com este revólver?
Hartley cerrou os dentes, com força. - Guardo-o. Vai querer usá-

lo... depois.
Rockwell estava com vontade de gritar para o mundo que ele era o único possuidor do ser humano mais extraordinário de toda a história. O sol brilhava forte no quarto da clínica deserta onde estava Smith, sem dizer palavra, deitado em sua mesa; seu rosto simpático congelado numa expressão verde, indiferente.
Rockwell entrou no quarto, cuidadoso. Usou o estetoscópio contra o tórax verde. Arranhou-o, fazendo o ruído de metal batendo contra a carapaça de um besouro.
McGuire estava perto, olhando o corpo, desconfiado, cheirando a muitas cervejas, recém-adquiridas.
Rockwell escutou atentamente. - A viagem na ambulância deve tê-lo abalado. Não se deve arriscar...
Rockwell soltou uma exclamação.
Pesadamente, McGuire aproximou-se. - O que há de errado?
- Errado? - Rockwell olhou em volta, desesperado. Fechou uma das mãos. - Smith está morrendo!
- Como sabe? Hartley disse que Smith finge-se de morto. Enganou-se de novo...
- Não! - Rockwell trabalhava furiosamente com o corpo, injetando-lhe drogas. Qualquer droga. Praguejando o mais forte que podia. Depois de todo este trabalho, não podia perder Smith. Não; não agora.
Tremendo, retorcendo-se por dentro, tornando-se completamente e liquidamente louco, o corpo de Smith ressoava como remotas marés vulcânicas estourando.
Rockwell fez força para se manter calmo. Smith era um caso único. Um tratamento normal não teria nenhum efeito sobre ele. O quê, então? O quê?
Rockwell arregalou os olhos. A luz do sol refletia-se na mão endurecida de Smith. Uma luz quente. Brilhava, iluminando a ponta do estetoscópio. O sol. Enquanto olhava, nuvens passavam pelo céu, interrompendo a luz solar. O quarto escurecia. O corpo de Smith silenciou. As marés vulcânicas arrefeceram.

- McGuire! Feche a janela! Antes que o sol reapareça!
McGuire obedeceu.
O coração de Smith desacelerou e sua respiração retomou seu ritmo lento e irregular.
- A luz solar faz mal a Smith. Impede algo que não sei o que é, nem porque, mas não é bom... - Rockwell relaxou. - Meu Deus, não quero perder Smith. Por nada no mundo. Ele é diferente, tem sua norma própria, fazendo coisas que ninguém já fez. Sabe de uma coisa, Murphy?
- Quê?
- Smith não está agonizando. Tampouco está morrendo. E não estaria melhor morto, não importa o que diga Hartley. A noite passada, quando estava acomodando Smith na maca, aprontando-o para a viagem até aqui, percebi, de repente, que ele gosta de mim.
- Bá! Primeiro Hartley, e agora você. Smith lhe disse isso?
- Não me disse. Mas, não está inconsciente debaixo de toda aquela pele dura. Está desperto. Sim, é isso. Está em vigília.
- Pura e simplesmente... está petrificando. Vai morrer. Há semanas que não come. Hartley disse isso. Hartley o alimentou via intravenosa até que a pele endureceu a ponto de a agulha não mais poder penetrar.
A porta do cubículo abriu-se guinchando, devagar. Rockwell sobressaltou-se. Hartley, seu rosto duro descansado depois de algumas horas de sono, seus olhos um pouco mais cinza, hostis, estava ali na porta. - Se saírem do quarto - disse, calmamente - posso matar Smith em alguns segundos. Bem?
- Não se aproxime nem mais um passo - Rockwell aproximou-se de Hartley. - A cada vez que vier, será revistado. Francamente, não confio em você. - Não trouxera armas. - Por que não me contou sobre a luz solar?
- Hein? - fez Hartley, suavemente. - Ah, sim; esqueci. Tentei mudar Smith de posição, há algumas semanas. A luz do sol atingiu-o e ele realmente começou a morrer. Naturalmente, parei de tentar movê-lo. Smith parecia saber o que ia acontecer,

vagamente. Talvez ele o planejou; não estou certo. Enquanto ele ainda era capaz de falar e comer como um louco, antes de seu corpo ter enrijecido, avisou-me para não o mover, por um período de doze semanas. Disse que não gostava de sol. Disse que o sol poderia estragar tudo. Pensei que estava brincando. Não estava. Comia como um animal, um animal selvagem faminto, caiu em coma, e aí está... - Hartley praguejou, ofegante. - Preferiria que você o deixasse ao sol o bastante para matá-lo, sem querer.

McGuire virou suas duzentas e cinqüenta libras. - Escutem, e se pegarmos a doença de Smith?

Hartley olhou para o corpo, pupilas contraindo-se. - Smith não está com doença contagiosa. Não reconhece degeneração? É como câncer. Não há contaminação, é uma tendência congênita. Só comecei a temer e odiar Smith até há uma semana, quando descobri que estava respirando e vivendo, e resistindo, com suas narinas e boca fechadas. Não pode acontecer. Não deve.

A voz de MacGuire estremeceu. - E se você e eu e Rockwell, todos ficarmos verdes e uma peste se propague pelo país... e então?

- Então - replicou Rockwell - se estou errado, e talvez esteja, morrerei. Mas não me preocupa nem um pouco.

Voltou-se para Smith e continuou seu trabalho.

Um sino. Um sino. Dois sinos; dois sinos. Uma dúzia de sinos; uma centena de sinos. Dez mil, e um milhão de sinos metálicos, clamorosos. Todos surgindo subitamente no silêncio, gritando, berrando, ecoando, ferindo as orelhas!

Tilintando, cantando com vozes altas e baixas, tenor e baixa, estridentes e suaves. Longos martelos batendo nos sinos e rompendo o ar com o forte estrépito do som!

Com todos aqueles sinos tocando, Smith não conseguiu perceber logo onde estava. Sabia que não podia ver, porque suas pálpebras estavam coladas, sabia que não podia falar porque seus lábios estavam fundidos. Suas orelhas estavam tampadas, mas mesmo assim, os sinos tocavam.

Não podia ver. Mas, sim, podia, e era como dentro de uma pequena caverna escura e avermelhada, como se seus olhos estivessem virados para dentro de seu crânio. E Smith tentou revirar sua língua, e de repente, tentando gritar, percebeu que não havia mais língua, e que o lugar que costumava ocupar estava vazio, um ponto incomodando, que desejava uma língua mas não podia tê-la agora.

Sem língua. Estranho. Por quê? Smith tentou parar os sinos. Pararam, abençoando com um silêncio que o envolvia num frio lençol. As coisas estavam acontecendo. Acontecendo.

Smith tentou mover um dedo, mas não tinha controle. Um pé, uma perna, um artelho, a cabeça, tudo. Nada se movia. Tronco, membros; imóveis, congelados num caixão de cimento.

Um momento depois veio a terrível descoberta de que não mais estava respirando. Não com os pulmões, pelo menos.

- PORQUE NÃO TENHO PULMÕES! - gritou. Gritava por dentro, e aquele grito mental foi afogado, embrulhado, e enviado, ebriamente afundando numa maré vermelha, e escura. Uma maré rubra e estonteante que sonolenta, enfaixava o grito, garroteava-o, levava-o embora, deixando Smith descansar.

Não estou com medo, pensou. Entendo o que não entendo.

Entendo o que não temo, se bem que desconheço a razão.

Sem língua, sem nariz, sem pulmões.

Mas eles viriam, mais tarde. Sim, retornariam. As coisas estavam... acontecendo.

Pelos poros de seu corpo encouraçado, o ar penetrava, como a chuva martelando cada porção dele, dando a vida. Respirando por um bilhão de brânquias, respirando oxigênio, e nitrogênio, e hidrogênio, e dióxido de carbono; utilizando tudo. Imaginava se o coração ainda batia.

Sim, estava batendo. Devagar, devagar, devagar. Um opaco sussurro vermelho, uma correnteza, um rio à sua volta, lento, mais lento ; mais lento. Tão confortável.

Tão repousante.

As peças do quebra-cabeça juntavam-se, enquanto os dias iam se

acumulando em semanas. McGuire ajudava. Cirurgião aposentado, tinha sido secretário de Rockwell havia vários anos. Não ajudava muito, mas era boa companhia.
Rockwell notara que McGuire fazia piadas mal humoradas acerca de Smith, nervoso; e constantemente. Tentava ficar calmo. Mas um dia, McGuire parou, pensou um pouco, e falou, arrastando as palavras. - Ei, sabe o que me ocorreu? Smith está vivo! Deveria estar morto; mas está vivo; meu Deus!
Rockwell riu-se. - E por que você pensa que estou trabalhando?
Vou trazer uma máquina de raios-X na semana que vem, de modo que poderei ver o que está acontecendo dentro da casca de Smith. Rockwell tentou espetar uma seringa hipodérmica. A agulha quebrou contra a rija casca.
Rockwell tentou outra agulha, e outra, até finalmente conseguir abrir um furo, tirar algum sangue, e levou-o ao microscópio, para examiná-la. Horas mais tarde, calmamente brandiu o resultado do teste do soro sob o nariz vermelho de McGuire, e falou rapidamente.
- Céus, não posso acreditar. O sangue dele é germicida. Pinguei uma colônia de estreptococos nele, e foram todos eliminados em oito segundos! Pode-se injetar toda doença que se conhece nele e serão todas destruídas, beneficiar-se com elas!
Foi uma questão de horas, até novas descobertas. Isto mantinha Rockwell insone, tossindo à noite, pensando, teorizando, idéias titânicas, de novo e de novo. Por exemplo...
Hartley havia alimentado Smith com um certo número de centímetros cúbicos de soro a cada dia de sua doença, até recentemente.
NADA DAQUELA ALIMENTAÇÃO HAVIA SIDO ELIMINADA.
E tudo tinha sido armazenado, não sob a forma de gorduras, mas numa solução completamente anormal, um líquido "x", altamente concentrado no sangue. Uma onça daquilo poderia manter um homem bem alimentado por três dias. Esse líquido circulava pelo corpo, enquanto não era requisitado. Mais

disponível do que gordura.
Muito mais!
Rockwell iluminou-se com esta descoberta. Smith tinha líquido-x armazenado nele o bastante para durar ainda mais alguns meses. Auto-suficiente.
McGuire, quando soube, olhou triste para sua pança.
- Gostaria de armazenar minha comida desse jeito.
E isso não era tudo. Smith precisava de muito pouco ar. O ar que possuía parecia ser adquirido por um processo asmático, através da pele. E usava cada molécula dele, sem desperdícios.
- E - terminou Rockwell - eventualmente, o coração pode tirar férias de bater, completamente.
- Então, estaria morto! - disse McGuire.
- Para você e eu, sim. Para Smith; talvez. Só talvez. Pense só, McGuire. Em suma, em Smith, temos um fluxo sangüíneo auto-purificador que não exige reposição, exceto interior, durante meses, com uma intoxicação mínima e sem nenhuma eliminação, porque cada molécula é utilizada, num processo fechado, e fatal a qualquer vida microbiana. Tudo isto, e Hartley ainda fala de degeneração!
Hartley irritou-se ao saber das descobertas. Mas ainda insistia que Smith estava degenerando. Perigoso.
McGuire deu o seu palpite. - Como podemos saber se não é alguma super-infecção microscópica que aniquila qualquer outra bactéria, enquanto infesta a vítima. Afina... a febre malárica é por vezes utilizada cirurgicamente para curar sífilis; por que não um novo bacilo que vence a todos os outros?
- Bom palpite - disse Rockwell - mas nós não estamos doentes, não é?
- Pode muito bem ter de incubar em nossos corpos.
- Uma típica resposta de médico à antiga. Não importa o que aconteça com um homem, ele está doente... se variar da normalidade. E é essa a sua idéia, Hartley - declarou Rockwell - não minha.
Os médicos não se satisfazem, até que diagnosticam e rotulam

cada caso. Bem, penso que Smith está curado; tão sadio que você até está com medo dele.
- Está maluco - disse McGuire.
- Pode ser. Mas não creio que Smith precise de interferência médica. Ele está trabalhando pela própria saúde. Você acredita que ele está degenerando. Digo que ele está crescendo.
- Olhe para a pele dele - reclamou McGuire.
- Um carneiro em pele de lobo. Por fora, a epiderme dura, inflexível. Por dentro, recrescimento ordenado, mudança. Por quê? Estou a ponto de saber. Estas alterações internas de Smith são tão violentas que precisam de uma casca para proteger a ação. E quanto a você, Hartley, responda-me sinceramente: - quando era jovem, tinha medo de insetos, aranhas, e coisas assim?
- Sim.
- Aí está. Uma fobia. Uma fobia que está voltando contra Smith. Isso explica a sua aversão pelo estado dele.
Nas semanas que se seguiram, Rockwell repassou a vida de Smith cuidadosamente. Visitou o laboratório de eletrônica onde Smith estivera empregado e caíra doente. Investigou a sala onde Smith havia passado as primeiras semanas de sua "doença", com Hartley assistindo-o. Examinou as máquinas dali. Algo que mexia com radiações...
Enquanto esteve longe da clínica, Rockwell trancou Smith bem trancado, e fez com que McGuire guardasse a porta, em caso de Hartley ter alguma idéia estranha.
Os pormenores dos vinte e três anos de Smith eram simples. Tinha trabalhado por cinco anos no laboratório de eletrônica, com experiências. Nunca tinha estado seriamente doente em toda sua vida.
E com o passar dos dias, Rockwell fazia longas caminhadas na casa de banhos perto da clínica, sozinho. Dava-lhe tempo para pensar e solidificar a incrível teoria que estava se tornando uma unidade em sua mente.
E, uma tarde, parou perto de um jasmim em flor, à noite, do lado

de fora da clínica, estendeu a mão sorrindo, e apanhou um objeto escuro e brilhante, de ramo alto. Olhou para a coisa e enfiou-a no bolso. Entrou na clínica.
Chamou McGuire para a varanda. McGuire veio. Hartley, logo a seguir, praguejando e reclamando. Os três sentaram-se na sala de estar do prédio.
Rockwell contou-lhes.
- Smith não está doente. Os germes não podem viver dentro dele. Não está habitado por espíritos ou monstros exóticos que "possuíram" seu corpo. Menciono isto para mostrar que não deixei nada sem verificação. Rejeito qualquer diagnose normal para Smith. Ofereço a mais importante, a possibilidade mais facilmente aceitável de... mutação hereditária retardada.
- Mutação? - a voz de McGuire soava estranha.
Rockwell ergueu o pequenino objeto brilhante, de cor escura, à luz.
- Encontrei isto num arbusto do jardim. Vai ilustrar perfeitamente minha teoria. Após estudar os sintomas de Smith, examinando seu laboratório, e considerando diversas destas... - girou o objeto em seus dedos. - Estou certo. É metamorfose. E regeneração; alteração; mutação; após o nascimento. Aqui; peguem, isto é Smith.
Jogou o objeto para Hartley, que o apanhou.
- É a crisálida de uma lagarta - respondeu Hartley.
Rockwell concordou - Isso mesmo.
- Não está querendo inferir que Smith é uma... crisálida?
- Exatamente isso - replicou Rockwell.
Rockwell estava perto do corpo de Smith, na escuridão da noite.
Hartley e McGuire estavam sentados, no quarto, escutando. Rockwell tocou Smith, suavemente. - Suponha que haja mais coisas na vida, do que simplesmente nascer, viver setenta anos, e morrer. Suponha que haja mais um grande passo na existência humana, e Smith tenha sido o primeiro de nós a ter dado esse passo.
- Olhando para uma lagarta, estamos considerando um

objeto estático, Mas se transforma numa borboleta. Por quê? Não há teorias que explicam isso definitivamente. É um progresso, principalmente.
A coisa pertinente é que um objeto supostamente inalterável modifica-se para uma coisa intermediária, totalmente irreconhecível, uma crisálida, e emerge como borboleta. Por fora, a crisálida parece morta. É um engano. Smith nos enganou, como vêem. Por fora, morto.
Por dentro, fluidos, turbilhões, reconstruções, azáfama com um frenético objetivo. De larva para mosquito, de lagarta para borboleta De Smith para... ?
- Smith, uma crisálida? - McGuire riu-se, alto.
- Sim.
- Seres humanos não funcionam assim.
- Ora, pare com isso, McGuire. Esse passo evolucionário é grande demais para a sua compreensão. Examine este corpo e diga-me alguma outra coisa. Pele, olhos, respiração, fluxo sangüíneo. Semanas de assimilação de comida para esta frágil hibernação. Por que ele comeu toda aquela comida, por que ele precisa de todo aquele líquido-x em seu corpo, se não é para sua metamorfose? E a causa de tudo isto foi... radiação. Radiações duras do equipamento de laboratório do próprio Smith. Planejado ou acidental, eu não sei. Tocou alguma parte essencial de sua estrutura genética, alguma parte da estrutura evolucionária do homem que não estava programada para funcionar ainda por milhares de anos, quem sabe.
- Acha que algum dia todos os homens...?
- A larva não fica na poça d'água, ou no solo, ou a lagarta numa folha de alface. Elas mudam, estendendo-se pelo espaço em vagas.
- Smith é a resposta ao problema "O que acontece depois ao homem; daqui, para onde vamos?" - Defrontamo-nos com a parede branca do universo e a fatalidade de viver nesse universo, e o homem, tal como é hoje, não está preparado para ir contra esse universo. O menor esforço cansa o homem, excesso de

trabalho acaba com seu coração, a doença com o seu corpo. Talvez Smith venha estar preparado para responder o problema filosófico do propósito da vida. Talvez ele possa dar a ela um novo propósito.

- Ora, somos apenas uns insetinhos, todos nós, lutando num planeta que é a cabeça de um alfinete. O homem não foi feito para ficar aqui e ficar doente e pequeno e fraco, mas ainda não descobriu o segredo de um conhecimento mais vasto.

- Mas - mude o homem. Faça o homem perfeito. Um - um super-homem, se quiser. Elimine a mentalidade mesquinha, dê-lhe um completo autocontrole fisiológico, neurológico, psicológico: dê-lhe meios de pensar clara e incisivamente, dê-lhe um fluxo sangüíneo infatigável, um corpo que possa passar meses sem comida, que possa ajustar-se a qualquer clima e que possa acabar com qualquer doença.

Liberte-se o homem dos grilhões da carne e suas misérias, e então ele não mais será um pobre e miserável homenzinho com medo de sonhar, porque sabe que seu fraco corpo interpõe-se entre ele e o cumprimento de seus sonhos, e então ele estará pronto para partir para a guerra, a única guerra que vale a pena, o conflito do homem renascido contra todo o universo, confundindo com isto!

Sem fôlego, voz rouca, coração acelerado, Rockwell aproximou-se de Smith, tenso, pousou as mãos admirado, firmemente sobre o fria extensão da crisálida e fechou os olhos. A força e o impulso e a crença em Smith transbordavam dele. Ele estava certo. Ele estava certo. Sabia que estava certo. Abriu os olhos e olhou para McGuire e Hartley, que eram meras sombras na penumbra do quarto.

Após um silêncio de vários segundos, Hartley tirou uma baforada de seu cigarro. - Não acredito nessa teoria.

McGuire respondeu. - Como sabe que Smith não é só uma massa gelatinosa? Tirou um raio-X dele?

- Não podia arriscar, pois poderia interferir com suas mudanças, assim como a luz solar.

- Então, ele vai virar um super-homem? Como vai ficar?

- Esperaremos para ver.
- Acha que ele pode nos ouvir falando dele, agora?
- Possa ou não possa, algo é certo - estamos compartilhando um segredo que não deveríamos saber. Smith não contava com a minha entrada, e a de McGuire, no caso. Ele teria de se arranjar sozinho.
Um super-homem não gosta que as pessoas saibam de sua existência.
Os humanos têm um modo desagradável de serem invejosos, ciumentos e odiosos. Smith sabia que não estaria seguro se fosse descoberto. Talvez isso também explique sua aversão, Hartley.
Todos permaneceram em silêncio, escutando. Nada se ouvia. O sangue de Rockwell sussurrava em suas têmporas, e era tudo. Ali estava Smith; não mais Smith, mas um recipiente rotulado SMITH, de conteúdo ignorado.
- Se o que você diz for verdadeiro - falou Hartley - então, de fato, deveríamos destruí-lo. Pense no poder que ele teria sobre o mundo. E se sua mente for afetada como eu penso... ele vai tentar matar-nos quando escapar, porque somos os únicos a saber dele. Vai nos odiar pelo que sabemos.
Rockwell disse, calmo : - Não estou com medo.
Hartley silenciou. Sua respiração intensa e ruidosa fazia-se notar, no quarto.
Rockwell deu a volta à mesa, gesticulando.
- Acho que devemos nos recolher, agora, não?
A chuva fina engoliu o carro de Hartley. Rockwell fechou a porta, instruiu McGuire para dormir no térreo, numa maca à frente do quarto de Smith, e então foi para seu quarto, no andar superior.
Despindo-se, teve tempo de conjeturar sobre todos os inacreditáveis eventos das semanas passadas. Um super-homem. Por que não? Eficiência; força...
Acomodou-se na cama.
Quando; quando Smith emergirá de sua crisálida? Quando?
A chuva batia suavemente no telhado da clínica.

McGuire estava deitado, em meio ao som da chuva e do terremoto de trovão, revirando-se na cama, respirando pesadamente. Algures, uma porta guinchou, mas McGuire continuou a ressonar. Uma lufada de vento penetrou o hall. McGuire grunhiu e virou para outro lado.

Uma porta fechou-se delicadamente, e o vento parou.

Passos, cuidadosos, no carpete espesso. Passos lentos, despertas, alertas e prontos. Passos. McGuire piscou e abriu os olhos.

À luz fraca, um vulto estava sobre ele.

Do andar de cima, uma só lâmpada do hall lançava um facho amarelo perto da maca de McGuire.

Um odor de inseto esmagado encheu o ar. Uma mão moveu-se.

Uma voz começou a falar.

McGuire gritou.

Porque a mão que se movera para a luz, era verde.

Verde.

- Smith!

McGuire lançou-se, pesado, pelo hall, berrando.

- Ele está andando! Não pode ser, mas está andando!

A porta escancarou-se com a massa de McGuire. O vento e a chuva assobiaram à sua volta, e ele se afastou pela tempestade balbuciando.

No hall, o vulto estava imóvel. Lá em cima, uma porta abriu-se rapidamente, e Rockwell correu pela escada abaixo. A mão verde retirou-se da luz, para as costas do vulto.

- Quem é? - perguntou Rockwell, parando no meio da escada.

O vulto adiantou-se para a luz.

Os olhos de Rockwell estreitaram-se.

- Hartley! O que está fazendo aqui, de volta?

- Algo aconteceu - disse Hartley. - É melhor ir pegar McGuire.

Saiu correndo pela chuva, balbuciando como um louco.

Rockwell pensou um pouco. Revistou Hartley rapidamente com um relance, e saiu correndo pelo hall, e enfrentou o vento frio.

- McGuire! McGuire! Volte, seu idiota!
A chuva caía no corpo de Rockwell enquanto corria. Achou McGuire a cerca de cem jardas da clínica, ainda sem falar coisa com coisa.
- Smith... Smith... andando...
- Bobagem; Hartley voltou, foi só...
- Eu vi uma mão verde. Mexendo-se.
- Você sonhou.
- Não; não. - O rosto de McGuire estava pálido, coberto de água.
- Eu vi uma mão verde, acredite. Por que Hartley voltou?
Ele...
À menção do nome de McGuire, Rockwell foi esmagado com uma súbita percepção. O medo saltou dentro de sua mente, uma mancha louca de alarme, um lâmina de um grito silencioso de socorro.
- Hartley!
Empurrando McGuire abruptamente para um lado, Rockwell virou-se e pulou de volta para a clínica, gritando. Pelo hall, adentrando-se...
A porta de Smith estava escancarada.
Revólver na mão, Hartley estava no centro do quarto, Voltou-se, com o ruído da corrida de Rockwell. Ambos moveram-se simultaneamente. Hartley disparou a arma e Rockwell desligou a luz.
Escuridão. Uma chama atravessou o quarto, mostrando o perfil do corpo rígido de Smith, como um "flash" fotográfico, Rockwell pulou na direção da chama. Mesmo ainda enquanto pulava, profundamente chocado, percebendo porque Hartley tinha voltado. Naquele instante, antes de as luzes apagarem, Rockwell teve um relance dos dedos de Hartley.
Estavam de uma cor verde manchada.
Punhos, então. Hartley caindo, quando a luz se acendeu, e McGuire, encharcado, na porta, gaguejou as palavras - Smith está...
está... morto?

Smith não estava ferido. O tiro passara acima dele.
- Esse louco; louco - gritava Rockwell, acima da forma prostrada de Hartley. - O maior caso da história, e ele tenta destruí-lo!
Hartley acordou, devagar. - Eu deveria saber. Smith avisou você.
- Bobagens; ele... - Rockwell interrompeu-se, surpreso. Sim; aquela súbita premonição irrompendo em sua mente. Sim. Então, encarou Hartley. - Você, suba. Vamos trancá-lo esta noite. McGuire, você também. Assim poderá vigiá-lo.
McGuire grasnou. - A mão de Hartley. Olhe para ela. Está verde. Era Hartley, lá no hall; e não Smith!
Hartley ficou olhando para seus dedos. - Bonito, não? - comentou, amargurado. - Estive ao alcance daquelas radiações por um bom tempo, no começo da doença de Smith. Serei uma... criatura... como Smith. Já está assim há alguns dias. Escondi o fato. Tentei não dizer nada. Esta noite, não pude mais tolerar, e voltei para destruir Smith pelo que me fez...
Um ruído seco de rasgar, cortou o ar. Os três gelaram.
Três escamas da crisálida de Smith destacaram-se e caíram no chão, espiralando.
Instantaneamente, Rockwell dirigiu-se para a mesa, ansioso.
- Está começando a rachar. Da altura da clavícula ao umbigo, uma fissura estreita! Logo vai sair da crisálida!
O maxilar de McGuire estremeceu. - E então, o que?
As palavras de Hartley eram cortantes. - Teremos um super-homem. Pergunta: Qual o aspecto de um super-homem? Resposta: Ninguém sabe.
Outra crosta de escamas abriu-se.
McGuire tremeu. - Vai tentar falar com ele?
- Certamente.
- Desde quando... borboletas... falam?
- Ora, por Deus, McGuire!
Com os outros dois seguramente aprisionados no andar de cima, Rockwell trancou-se no quarto de Smith e arranjou ali uma maca, preparando-se para esperar durante a longa e úmida noite, vigiando, escutando, pensando.

Olhando as escamas destacando-se da pele da crisálida que se desmanchava, enquanto o Desconhecido procurava quietamente sair.
Só mais algumas horas de espera. A chuva escorregava por sobre a casa, tamborilando. Qual seria a aparência de Smith? Uma alteração nas orelhas, talvez, para melhorar a audição; olhos extra, talvez; uma mudança na estrutura craniana, a fisionomia, os ossos, a disposição de órgãos, a textura da pele, um milhão e uma mudanças.
Rockwell cansou-se e, no entanto, receava dormir. Pálpebras pesadas, pesadas. E se ele estivesse errado? E se sua teoria fosse totalmente despropositada? E se Smith fosse apenas uma geleia móvel lá dentro? E se Smith estivesse completamente louco... tão mudado que seria uma ameaça ao mundo? Não; não. Rockwell abanou a cabeça, meio tonto. Smith era perfeito. Perfeito. Não haveria espaço para maus pensamentos em Smith. Perfeito.
A clínica estava sepulcralmente quieta. O único ruído era o fraco crepitar da crisálida, escamas caindo no chão...
Rockwell adormeceu. Mergulhando na escuridão que obsturava o quarto, enquanto os sonhos avançavam sobre ele. Sonhos nos quais Smith levantava-se, andava com gestos rígidos, e Hartley, gritando, brandia um machado, brilhando, repetidamente, contra a armadura verde da criatura e a triturava num horror líquido. Sonhos nos quais McGuire corria, gaguejando, em meio a uma chuva de sangue. Sonhos em que...
Quente luz do sol. Luz solar em todo o quarto. Era manhã. Rockwell esfregou os olhos, vagamente perturbado pelo fato de que alguém abrira as janelas. Alguém tinha - ele pulou! Luz solar! Não se devia abrir as cortinas. Estiveram fechadas por semanas! Gritou.
A porta estava aberta. A clínica, mergulhada em silêncio. Mal ousando virar a cabeça, Rockwell olhou para a mesa. Smith deveria estar deitado ali.
Não estava.
Não havia nada sobre a mesa, exceto a luz do sol. E também...

uns poucos restos da crisálida partida. Restos.
Cacos quebradiços, um perfil descartado partido em dois, um segmento de casca que fora uma coxa, um resto de braço, um pedaço de tórax - os restos fraturados de Smith!
Smith tinha-se ido. Rockwell tropeçou até a mesa, e caiu. Revolvendo, como uma criança, saiu correndo do quarto e subiu a escada, gritando : - Hartley, o que fez com ele? Hartley! Acha que podia matá-lo, livrar-se do corpo, e deixar alguns pedaços de casca para trás para despistar?
A porta do quarto onde McGuire e Hartley tinham dormido, estava trancada. Às pressas, Rockwell abriu-a. Ambos estavam lá.
- Estão aqui - disse Rockwell, desorientado. - Não estiveram lá embaixo, então. Ou arrombaram a porta, desceram, mataram Smith e... não; não.
- O que há?
- Smith sumiu! McGuire, Hartley saiu deste quarto?
- Não, nenhuma vez.
- Então - há só uma explicação - Smith saiu de sua crisálida e escapuliu durante a noite! Nunca o verei, nunca vou conseguir vê-lo, maldição! Que louco fui, em dormir!
- Isso explica tudo! - declarou Hartley. - O homem é perigoso, senão teria ficado, e nos deixaria vê-lo! Só Deus sabe o que ele é.
- Precisamos procurar, então. Não pode estar longe. Vamos procurá-lo! Vamos, depressa, McGuire, Hartley!
McGuire sentou-se, cansado. - Não vou me mover. Deixe que ele se vire. Para mim, chega.
Rockwell não quis escutar mais. Desceu a escada, com Hartley em seu encalço. McGuire veio, momentos depois, ofegante.
Rockwell atravessou correndo o hall, parou junto às janelas amplas que davam para o deserto e para as montanhas, com a manhã rebrilhando sobre elas. Forçou a vista, imaginando se, afinal, ainda haveria alguma chance de encontrar Smith. O primeiro super-humano. O primeiro, talvez, de uma longa linhagem. Rockwell transpirava. Smith não iria embora sem se

mostrar ao menos para Rockwell.
Não podia ir-se. Ou podia?
A porta da cozinha abriu-se, devagar.
Um pé saiu pela porta, seguido por outro. Uma mão ergueu-se, contra a parede. Fumaça de cigarro saindo de uma boca entreaberta.
- Alguém procurando por mim?
Abismado, Rockwell virou-se. Viu a expressão no rosto de Hartley, e ouviu McGuire engasgar com a surpresa. Os três falaram juntos, uma só palavra, como que obedecendo a uma deixa: - Smith.
Smith exalava fumaça de cigarro. Seu rosto estava rosado, como se tivesse sido exposto ao sol, olhos de um azul brilhante. Estava descalço e seu corpo, nu, estava coberto com um velho roupão de Rockwell.
- Você se importaria em dizer-me onde estou? O que estive fazendo nos últimos três ou quatro meses? Isto é um... hospital, ou não?
O aparvalhamento golpeava a mente de Rockwell, duramente.
Engoliu em seco.
- Olá; isto é... Não se lembra de... nada?
Smith gesticulou. - Lembro-me de ter começado a ficar verde, se é o que quer dizer. Além disso... nada. - Passou sua mão rosada por seu cabelo castanho com o vigor de uma criatura recém-nascida e feliz por respirar de novo.
Rockwell apoiou-se contra a parede. Ergueu as mãos, chocado, para seus olhos, e abanou a cabeça. Sem acreditar no que via, falou: A que horas saiu da crisálida?
- A que horas saí do... que?
Rockwell levou-o ao quarto, atravessando o hall e apontou para a mesa.
Não percebo o que quer dizer - disse Smith, franca, sinceramente.
- Achei-me aqui neste quarto de pé, há meia hora, completamente nu.
- E isso é tudo? - perguntou McGuire, esperançoso, Parecia

aliviado.
Rockwell explicou a origem da crisálida sobre a mesa.
Smith franziu o cenho. - Isso é ridículo. Quem são vocês?
Rockwell fez as apresentações.
Smith dirigiu-se para Hartley. - Quando adoeci pela primeira vez, foi você que veio, não? Eu me lembro. Na instalação das radiações. Mas, que coisa mais tola. Que doença era?
Os músculos do rosto de Hartley eram como fios enrijecidos. Doença nenhuma. Você não sabe nada a respeito?
- Encontro-me entre estranhos, numa clínica estranha Encontro-me despido num quarto, com um homem dormindo numa maca. Ando por aí, faminto. Vou à cozinha, acho comida, como, ouço vozes exaltadas, e então sou acusado de ter emergido de uma crisálida. Que deveria pensar? Aliás, obrigado, por este roupão, pela comida e pelo cigarro emprestados. Não quis acordá-lo antes, Sr.
Rockwell. Não sabia quem era, e parecia morto de cansado.
- Ora, está bem. - Rockwell não conseguia acreditar naquilo.
Tudo desmoronava. A cada palavra de Smith, suas esperanças rasgavam-se como a crisálida despedaçada. - Como se sente?
- Bem. Forte. Excepcional, considerando quanto tempo estive inconsciente.
- Muito excepcional - reiterou Hartley.
- Pode imaginar como me senti, ao ver o calendário. Todos aqueles meses - puf! - foram-se. Imaginei o que estive fazendo todo aquele tempo.
- Nós também.
McGuire riu-se. - Ora, deixe-o em paz, Hartley. Só porque você o odiava...
- Odiava? - Smith sobressaltou-se. - Eu? Por quê?
- Está bem; pelo seguinte! - Hartley ergueu um dedo. - Suas amaldiçoadas radiações. Noite após noite sentado em seu laboratório. O que posso fazer quanto a isso?
- Hartley - advertiu Rockwell. - Sente-se e acalme-se.
- Não vou me sentar, nem me acalmar! Vão se deixar

ludibriar por essa imitação de homem, esse sujeitinho rosado que está executando o maior logro da história? Se tivessem um pingo de miolos, destruiriam Smith, antes que ele escapasse.

Rockwell desculpou-se pelo desabafo de Hartley.

- Smith abanou a cabeça. - Deixem-no falar. Do que se trata?

- Já sabe! - gritou Hartley, enfurecido. - Ficou deitado aí durante meses; ouvindo; planejando. Não pode me enganar. Despistou Rockwell, desapontou-o. Ele esperava que você fosse um super-homem. Talvez seja. Mas seja lá o que for agora, não é mais Smith.

Não mais. É apenas mais um dos seus engodos. Não deveríamos saber a seu respeito, e o mundo não deveria saber a seu respeito. Você poderia matar-nos, facilmente, mas preferiu ficar e convencer-nos da sua normalidade. É melhor assim. Poderia ter escapado há alguns minutos, mas isso deixaria suspeitas para trás. Ao invés disso, esperou, para convencer-nos de que é normal.

- Ele é normal - reclamou McGuire.

- Não; não é Sua mente é diferente; ele é esperto.

- Dê-lhe um teste de associação de palavras, então - sugeriu McGuire.

- Ele é esperto demais para isso, também.

- É muito simples, então. Vamos fazer um exame de sangue, auscultar seu coração, e injetar-lhe soro.

Smith aparentava dúvida. - Sinto-me como uma cobaia, mas se é o que querem... Que tolices.

Aquilo chocou Hartley. Olhou para Rockwell. - Pegue as seringas - falou.

Rockwell foi pegá-las, pensando. Agora, talvez afinal, Smith fosse um super-homem. Seu sangue, aquele super-sangue. Sua capacidade de matar germes. Sua pulsação. Sua respiração. Talvez Smith fosse um super-homem e não soubesse. Sim; sim, talvez...

Rockwell tirou sangue de Smith e olhou-o ao microscópio. Seus ombros abateram-se. Era sangue normal. Quando se introduziam germes nele, levavam um tempo normal para morrerem. O sangue não era mais um super-germicida. O

líquido-x, também tinha sumido.
Rockwell suspirou, sentindo-se miserável. A temperatura de Smith estava normal. Assim como seu pulso. Seu sistema nervoso e sensorial respondia de acordo com a norma.
- Bem, isso é tudo - falou Rockwell, baixinho.
Hartley afundou-se numa cadeira, olhos arregalados, segurando a cabeça entre seus dedos nodosos. Suspirou. - Desculpe; eu acho que... andei imaginando... coisas. Os meses eram tão longos. Noite após noite. Fiquei obcecado; amedrontado. Fiz papel de louco. Sinto muito; muitíssimo. - Olhou para seus dedos esverdeados. - Mas, e eu?
Smith disse. - Eu me recuperei. Você também vai, eu acho. Eu o compreendo. Mas não foi tão mau... realmente, não me lembro de nada.
Hartley relaxou. - Mas... sim, acho que está certo. Não gosto da idéia de meu corpo endurecer, mas não há como evitar. Estarei bem.
Rockwell estava nauseado. Aquela distensão súbita, tremenda, era demais para ele. A extrema tensão, a ansiedade, a privação, a curiosidade, o fogo, tudo afundado, dentro dele. Então isso era o homem da crisálida? O mesmo homem de antes. Toda essa gente e antecipação, para nada.
Respirou fundo, tentou estabilizar-se interiormente, seus pensamentos precipitados. Um torvelinho. Esse homem de tez rosada, e voz macia que estava à sua frente, fumando calmamente, era nada mais nada menos que alguém que sofrera alguma espécie de petrificação parcial da pele, e cujas glândulas enlouqueceram com a radiação, mas, mesmo assim, agora, apenas um homem, e nada mais. A mente de Rockwell, super-imaginativa, e fantástica, tornara cada faceta da doença e a compusera num organismo perfeito de pensamento bem-intencionado. Rockwell estava profundamente chocado, abalado, e desapontado.
A questão de Smith viver sem comida, seu sangue puro, baixa temperatura, e as outras evidências de superioridade, eram

agora fragmentos de uma estranha doença. Uma doença, e nada mais. Algo que acabara, estava encerrado e sem deixar nada para trás, senão alguns cacos, sobre uma mesa ensolarada. Haveria oportunidade para observar Hartley agora, caso sua doença progredisse, e anunciar a nova doença ao mundo médico.
Mas Rockwell não se importava com doenças. Importava-se com a perfeição. E aquela perfeição tinha sido rasgada e quebrada e pulverizada, e desaparecera. Seu sonho se fora. Sua super-criatura fora embora. Não se importava se o mundo inteiro agora se tornasse infestado de carapaças verdes, agora.
Smith estava se despedindo. - É melhor que eu volte para Los Angeles. Há um trabalho importante a ser feito, lá na fábrica. Tenho meu trabalho esperando. Lamento, mas não posso ficar. Acho que compreendem.
- Deveria ficar mais alguns dias, pelo menos - disse Rockwell.
Detestava ver aquele último traço de seu sonho desaparecer.
- Não, obrigado. Posso aparecer em seu escritório daqui a uma semana para um exame, doutor, se quiser? Posso aparecer a um intervalo de algumas semanas durante o próximo ano, mais ou menos, para me examinar; sim?
- Sim; sim, Smith. Por favor, apareça. Gostaria de conversar com você a respeito de sua doença. Teve sorte de ter saído vivo.
McGuire disse, satisfeito : - Posso lhe dar uma carona até L.A.
- Não se incomode. Vou a pé até Tujunga, e tomarei um táxi.
Quero andar, Há tanto tempo que não faço isso, que quero ver como é.
Rockwell emprestou-lhe um par de sapatos velhos e umas roupas usadas.
- Obrigado, doutor. Vou pagar-lhe o que lhe devo assim que puder.
- Não me deve um centavo. Foi muito interessante.
- Bem, até mais, doutor. Sr. McGuire. Hartley.
- Até logo, Smith.
- Até logo, Smith.
- Até logo.

Smith afastou-se pela calçada, que já estava sendo seca pelo fim da tarde ensolarada. Caminhava calmo e alegremente e assobiava. Gostaria de poder assobiar, também - pensou Rockwell, cansado.
Smith voltou-se uma vez, acenou para eles, e foi subindo a encosta, rumando para a cidade.
Rockwell ficou observando como uma criança observa seu castelo de areia favorito erodido e aniquilado pelas ondas do mar.
- Não acredito - ele dizia, repetidamente. - Não acredito; tudo isso está acabando tão cedo, tão abruptamente, para mim. Estou tonto e vazio por dentro.
- Tudo me parece rosado! - ria McGuire, contente.
Hartley estava ao sol. Suas mãos verdes pendiam, calmas, e seu rosto branco estava realmente relaxado pela primeira vez, em meses, notava Rockwell. Hartley disse, sereno: - Vai dar tudo bem. Vou me salvar desta. Graças a Deus! Graças a Deus! Não serei um monstro! Serei apenas eu mesmo. – Virou-se para Rockwell - Apenas não se esqueça; não deixe que me queimem por engano, pensando que estou morto ; apenas isto!
Smith afastou-se, a pé. Já era o cair da tarde, e o sol começava a desaparecer atrás de colinas azuladas. Já se viam umas poucas estrelas. O cheiro de água, poeira, e distantes flores de laranjeira estavam no ar quente.
O vento soprou. Smith respirava fundo. Caminhava.
Já à distância, longe da clínica, parou, e ficou imóvel. Olhou para o céu.
Jogando fora o cigarro que estivera fumando, esmagou-o, num gesto preciso, sob o calcanhar. Então aprumo seu corpo bem construído, passou a mão em seu cabelo, para trás, fechou os olhos, engoliu em seco, e relaxou as mãos, a seus lados.
Se¿ nenhum esforço, apenas com um som murmurante, Smith ergueu suavemente seu corpo, do chão, para o ar morno.
Flutuou, subindo, rápida e silenciosamente e logo estava perdido entre as estrelas, enquanto se dirigia para o espaço sideral...

PILAR DE FOGO

Ele saiu da terra, odiando. O ódio era seu pai; ódio era sua mãe.
Era bom caminhar de novo. Era bom pular fora da terra, que não mais ficava nas suas costas, e esticar os braços entorpecidos, violentamente, e tentar respirar fundo!
Ele tentou. E gritou.
Não podia respirar. Estendeu os braços acima da cabeça e tentou respirar. Era impossível. Ele andava sobre a terra, tinha saído da terra. Mas estava morto. Não podia respirar. Era impossível, Andava sobre a terra, tinha saído da terra. Mas estava morto. Não podia respirar. Podia tomar ar em sua boca e forçá-lo a meio caminho, garganta abaixo, com os movimentos débeis de músculos há muito adormecidos, com um esforço terrível! E com este pouquinho de ar, podia gritar e chorar! Queria ter lágrimas, mas não podia fazê-las vir, tampouco. Tudo o que sabia é que estava de pé, estava morto, e não deveria estar andando! Não podia respirar, e no entanto, estava de pé.
Os odores do mundo estavam à toda volta. Frustradamente, tentou cheirar os aromas de outono. O outono estava queimando a terra em ruínas. Através do campo, estavam as ruínas do verão; vastas florestas floresciam em chamas, lenha caída sobre lenha desfolhada. A fumaça da queimada era espessa, azul e invisível.
Ficava lá, no cemitério, odiando. Andava pelo mundo, e não podia cheirá-lo, saboreá-lo. Ouvia, sim. O vento rugia em suas recém-abertas orelhas. Mas estava morto. Mesmo enquanto andava sabia que estava morto e não deveria esperar muito de si ou deste odioso mundo vivo.
Tocou a lápide acima de sua própria tumba. Soube seu nome de novo. Era um belo trabalho de entalhe.

WILLIAM LANTRY

Era o que dizia a lousa.
Seus dedos tremularam sobre a fria superfície.

NASC. 1898 - M. 1933

Nascido de novo... ?

Que ano? Olhou para o céu e as estrelas outonais da meia-noite, movendo-se em lenta iluminação pelo negro vento. Lia as inclinações dos séculos naquelas estrelas. Orion, assim e assim. Auriga ali! E onde estava Taurus? Ali!

Seus olhos estreitaram-se. Seus lábios disseram o ano: - 2 349.

Um estranho número. Como uma conta da escola. Costumavam dizer que um homem não podia compreender qualquer número acima de cem. Afinal, era tudo tão abstrato que não adiantava contar.

Este era o ano 2 349! Um número, uma soma. E aqui estava ele, um homem que tinha repousado em Seu odioso caixão escuro, odiando ser enterrado, odiando os vivos lá em cima, que viviam, e viviam e viviam, odiando-os por todos os séculos, até que hoje, agora, nascendo do ódio, estava ao lado de seu recém-escavado túmulo, o cheiro da terra exposta, no ar, talvez, mas ele não podia senti-lo!

- Eu - ele falou, dirigindo-se a um choupo sacudido pelo vento - sou um anacronismo. - Sorriu, desenxabido.

Olhou para o cemitério. Estava frio e vazio. Todas as pedras haviam sido arrancadas e empilhadas como tijolos chatos, uma em cima da outra, naquele canto afastado da cerca de ferro forjado. Isto se dera durante duas semanas intermináveis. Em seu profundo caixão oculto tinha ouvido a agitação forte e sem coração, dos homens cortando a terra com frias pás e arrancaram os caixões e carregaram os decadentes velhos ossos, para serem incinerados. Retorcendo-se de medo em seu caixão, esperara a sua vez.

Hoje, tinham chegado a seu caixão. Mas... tarde. Cavaram até a uma polegada da tampa. O sinal das cinco horas, hora de sair. Para casa jantar. Os trabalhadores tinham-se ido. Amanhã, acabariam o trabalho, disseram, vestindo seus casacos.

Chegou o silêncio à necrópole deserta.

Cuidadosa e quietamente, com o rumor suave da terra, a tampa do caixão erguera-se.
William Lantry estremecia agora, no último cemitério da Terra.
- Lembra-se? - perguntava a si mesmo, olhando para a terra revolvida. - Lembra-se daquelas histórias do último homem na Terra?
Aquelas histórias de homens vagando entre ruínas, sozinho? Bem, você, William Lantry, é uma variante da velha história. Sabe de uma coisa? Você ó o último homem morto em todo o mundo!
Não havia mais mortos. Em nenhum lugar, em nenhum país, havia gente morta. Impossível! Lantry não sorriu com isto. Não, não de todo impossível nesta era tola, estéril, sem imaginação e anti-séptica; de métodos científicos e profiláticos! As pessoas morriam, meu Deus, sim. Mas... pessoas mortas? Cadáveres? Não existiam!
O que aconteceu com os mortos?
O cemitério era sobre uma colina. William Lantry caminhava pela escura noite incandescente até chegar ao limite do cemitério e olhou lá embaixo a nova cidade de Salem. Era tudo iluminação e cores. Foguetes, acima, cruzando o céu para todos os distantes portos da Terra, Em seu túmulo, a nova violência deste mundo futuro havia penetrado e encharcado William Lantry. Tinha sido banhado nela, durante anos. Sabia tudo a respeito dela, com o odioso conhecimento de um morto sobre essas coisas.
Mais importante de tudo, sabia o que esses loucos faziam com os mortos.
Ergueu os olhos. No centro da cidade, um maciço dedo de pedra apontava para as estrelas. Tinha trezentos pés de altura, e cinqüenta pés de largura. Havia uma larga entrada e uma calçada à sua frente.
Na cidade, teoricamente, pensou William Lantry, suponhamos que você tenha um moribundo. Num instante, ele estará morto.
O que acontece? Antes do cadáver esfriar, emite-se um atestado, os parentes o empacotam num carro-besouro e levam-no

rapidamente ao...
Ao Incinerador!
O dedo funcional; aquele Pilar de Fogo apontando para as estrelas. Incinerador. Um nome funcional, e terrível. Mas a verdade é a verdade, neste mundo do futuro.
Como um graveto de lenha, o seu Sr. Homem Morto é lançado à fornalha.
Chaminé!
William Lantry olhou para o topo da pistola gigantesca voltada para as estrelas. Um penacho pequeno de' fumaça saía do topo.
Aí está para onde vão os mortos.
- Cuide-se, William Lantry - murmurou. - Você é o último, o espécime raro, o último homem morto. Todos os outros cemitérios da Terra foram destruídos. Este é o último cemitério e você é o último homem morto há séculos. Estas pessoas não acreditam em conservar mortos por aí, muito menos que caminham. Tudo o que não pode ser usado vai-se como um palito de fósforo. Superstições inclusive!
Olhou para a cidade. Está bem, pensou, quieto. Odeio você. Você me odeia, ou me odiaria, se soubesse de minha existência. Você não acredita em coisas assim como vampiros, ou fantasmas. Rótulos, sem referentes, você grita! Dá de ombros. Está bem, dê de ombros!
Francamente, tampouco eu acredito em você! Não gosto de você! Você e seu Incineradores.
Tremeu. Escapara por pouco. Dia após dia levaram embora os outros mortos, queimaram-nos, como lenha. Um edito havia sido transmitido pelo mundo afora. Ouvira os homens conversando enquanto cavavam!
Acho que é uma boa idéia, esta limpeza dos cemitérios - dissera um deles.
- Acho que sim - disse o outro. - Costume tenebroso. Pode imaginar? Ser enterrado, quero dizer! Insalubre! Todos aqueles germes!

- De certa forma, uma vergonha. Romantismo, acho. Quero dizer, deixar este cemitério intocado, todos estes séculos. Os outros cemitérios foram limpos, em que ano mesmo, Jim?
- Cerca de 2 260, acho. Sim, isso mesmo, 2. 260; quase há cem anos. Mas em algum Comitê de Salem, levantaram a voz, e disseram : Olhem, vamos manter um só cemitério agora, para não nos esquecermos dos costumes bárbaros. - E o governo coçou a cabeça, pensou, e disse: - Ok, Salem fica. Mas todos os outros cemitérios vão sumir, entenderam? Todos!
- E lá se foram todos - completou Jim.
Claro, reviraram-nos com fogo e escavadeiras mecânicas e limpadores a jato. Se soubessem de alguém enterrado num pasto, logo o achavam! Evacuavam-no; o que era meio cruel, eu acho.
- Detesto parecer antiquado, mas ainda haviam muitos turistas que vinham aqui todo ano, só para ver como era um cemitério de verdade.
- É; tivemos quase um milhão de visitantes, nos últimos três anos. Uma boa renda. Mas... uma ordem do governo d uma ordem.
O governo diz nada mais de morbidez, então lá vamos nós limpá-la!
Aqui vamos nós. Dê-me aquela pá, Bill.
William Lantry expunha-se ao vento de outono, na colina. Era bom andar denovo, sentir o vento e ouvir as folhas guinchando como ratos no caminho à frente dele. Era bom ver as estrelas geladas quase sendo sopradas pelo vento.
Era até mesmo bom sentir medo de novo.
Pois agora o medo erguia-se dentro dele, e ele não conseguia afastá-la. O próprio fato de que ele estava andando fazia dele um inimigo. E não havia nenhum outro inimigo, outro morto, em todo o mundo, a quem pudesse se dirigir para auxilio ou consolo. Era todo o melodramático mundo vivo contra um só William Lantry. Era o mundo descrente em vampiros, queimador de corpos, aniquilador de cemitérios contra um homem de terno preto numa negra colina . outonal. Estendeu suas mãos pálidas e frias para as luzes da cidade.

Vocês arrancaram as lápides, como dentes, do cemitério, pensava ele.
Agora, acharei algum meio de transformar os seus incineradores em entulho. Vou fazer mortos de novo, e assim, ganharei amigos. Não posso continuar tão solitário. Preciso começar a fabricar amigos, o quanto antes. Esta noite.
- A guerra está declarada - disse, e riu-se. Era bem tolo, um só homem declarar guerra a todo um mundo.
O mundo não respondeu. Um foguete riscou o céu num jato de chamas, como um Incinerador decolando.
Passos. Lantry apressou-se até os limites do cemitério. Os trabalhadores, voltando para acabar seu trabalho. Não. Alguém, um homem, passando a pé.
Quando o homem passou pelo portão do cemitério, Lantry adiantou-se rapidamente... - Boa noite - disse o homem, sorridente.
Lantry socou o homem no rosto. O homem caiu. Lantry abaixou-se calmamente e deu um golpe mortal no pescoço do homem, com a borda da mão.
Arrastando o corpo de volta para a sombra, tirou as roupas, e trocou-as pelas dele. Não seria conveniente para alguém andar por esse mundo do futuro com roupas antigas. Achou uma faca de bolso no casaco do homem; não era uma boa faca, mas o suficiente, caso1 se soubesse utilizá-la. E ele sabia como.
Rolou o corpo para uma das tumbas já abertas e exumadas. Num minuto, tinha jogado terra em cima, o bastante para escondê-lo. Havia pouca chance de ser encontrado. Não cavariam o mesmo túmulo duas vezes.
Ajustou-se à sua roupa nova metálica, um pouco larga. Muito bem, muito bem.
Odiando, William Lantry dirigiu-se à cidade, para combater a Terra.

II

O Incinerador estava aberto. Nunca fechava. Havia uma ampla entrada, iluminada por lâmpadas escondidas, uma plataforma para helicóptero e uma estrada para besouros. A própria cidade estava morrendo após mais um dia do dínamo. As luzes estavam atenuando-se, e o único lugar solente e iluminado da cidade era agora o Incinerador. Deus, que nome mais prático, que nome menos romântico.

William Lantry entrou pela porta larga e bem iluminada. Era uma entrada, de fato; não havia portas para abrir ou fechar. As pessoas podiam entrar e sair, verão ou inverno, e o interior era sempre quente. Quente com o fogo que subia murmurante pela chaminé redonda acima até as ventoinhas, as hélices empurrando as cinzas por um trajeto de dez milhas céu acima.

Hayia o calor de uma padaria, ali, As salas eram revestidas de parquete de borracha. Não se conseguiria fazer ruído, se se quisesse. A música tocava em gargantas ocultas alhures. Não uma música de morte, absolutamente, mas a música de vida e da vida do sol dentro do Incinerador; ou o irmão do sol, afinal. Podia-se escutar a chama flutuando dentro da pesada parede de tijolos.

William Lantry desceu por uma rampa. Atrás dele ouviu um sussurro, e virou-se a tempo de ver um besouro parar à frente da entrada. Um sino tocou. A música, como se a um sinal, elevou-se a alturas extáticas. Havia alegria naquilo.

Do besouro, que se abre por trás, alguns atendentes saíram carregando uma caixa dourada. Tinha seis pés de comprimento e havia símbolos do sol, nela. De outro besouro, os parentes do homem na caixa saíram e seguiram os atendentes, que levaram a caixa dourada por uma rampa, até uma espécie de altar. Ao lado do altar, as palavras: NÓS QUE NASCEMOS DO SOL RETORNAMOS AO SOL.

A caixa foi depositada sobre o altar, a música aumentou o volume, o Guardião do lugar falou apenas algumas palavras, e então os atendentes tornaram a caixa dourada, foram até uma

parede transparente, com uma porta de segurança, também transparente, e a abriram. A caixa foi empurrada pela fenda de vidro. Um instante depois, uma portinhola interna abriu-se, a caixa foi injetada no interior da Chaminé, e desapareceu instantaneamente numa chama rápida.
Os atendentes afastaram-se. Os parentes, sem dizer palavra, afastaram-se e foram embora. A música tocava.
William Lantry aproximou-se da porta vítrea, à prova de fogo.
Olhou pela parede para o coração do Incinerador, vasto, luminoso, incansável. Queimava constantemente, sem pestanejar, cantando pacificamente para si mesmo. Era tão sólido como um rio de ouro subindo da terra para o céu. Qualquer coisa que se pusesse lá dentro, era levado para cima, e desaparecia.
Lantry sentiu de novo aquele ódio irracional por esta coisa, este monstro, fogo esterilizante.
Um homem estava junto a seu cotovelo. - Posso ajudá-lo, senhor?
- Que? - Lantry virou-se abruptamente. - Que disse?
- Posso ser-lhe de alguma utilidade?
- Eu... quero dizer... - Lantry olhou rapidamente para a rampa e para a porta. Suas mãos tremiam, a seus lados. - Nunca tinha estado aqui antes.
- Nunca? - O atendente estava admirado.
Foi a coisa errada de se dizer, Lantry percebeu. Mas já tinha falado, de qualquer jeito. - Quero dizer - explicou. - Não de verdade. Isto é, quando se é criança, de alguma forma, não se presta atenção. Súbito percebi, esta noite, que eu não conhecia realmente o Incinerador.
O Atendente sorriu. - Nunca comecemos mesmo as coisas, não? Teria prazer em mostrar-lhe tudo.
- Oh, não. Não se incomode. E... é um belo lugar.
- Sim, é. - O Atendente orgulhava-se disso. - Um dos melhores do mundo, creio.
- Eu... - Lantry achou que devia se explicar mais. - Não tive muitos parentes mortos desde minha infância. De fato,

nenhum< Assim, não vim aqui por muitos anos.
- Percebo. - O rosto do Atendente parecia ensombrecer-se um pouco.
O que eu disse agora, pensou Lantry. O que, em nome de Deus, está errado? Que fiz? Se não tomar cuidado, vou acabar sendo empurrado diretamente naquela monstruosa armadilha de fogo. O que há de errado com o rosto deste camarada? Parece estar me dando mais do que as explicações comuns.
- O senhor seria um daqueles recém-chegados de Marte, não? perguntou o Atendente.
- Não; por que pergunta?
- Não importa. - O Atendente começou a afastar-se. - Se quiser saber alguma coisa, pergunte-me.
- Só uma coisa - disse Lantry.
- O que é?
- Isto.
Lantry aplicou-lhe um tremendo golpe no pescoço.
Tinha observado atentamente o operador da fornalha. Agora,, com o corpo inerte nos braços, tocou o botão que abria a portinhola exterior, colocou lá o corpo, ouviu a música elevar-se, e viu a porta interior abrir-se. O corpo mergulhou no rio de fogo. A música atenuou-se.
- Bom trabalho, Lantry; bom trabalho.
Pouco menos de um instante depois, outro Atendente entrou na sala. Lantry foi apanhado com uma expressão de agradável animação no rosto. O Atendente olhou à volta, como que esperando encontrar alguém, e então dirigiu-se a Lantry. - Posso ajudá-lo?
- Só estava olhando.
- Meio tarde para isso - replicou o Atendente.
- Não conseguia dormir.
-“ Era a resposta errada, também. Todos dormiam, neste mundo. Ninguém tinha insânia. Bastava simplesmente ligar o hipno-raio, e sessenta segundos depois, você estava roncando. Ora, ele estava cheio de respostas erradas. Primeiro, tinha cometido o erro fatal

de dizer que nunca tinha estado num Incinerador antes, quando sabia que todas as crianças eram trazidas aqui, a cada ano, a partir dos quatro anos, para instilar-lhes a idéia da limpa morte com o fogo, e do Incinerador, em suas mentes... A Morte era um brilhante fogo, a morte era o calor e o sol. Não era uma coisa escura, tenebrosa. Isso era importante para sua educação. E ele, pálido, louco impensado, tinha imediatamente papagueado sua ignorância.

E outra coisa, essa palidez que apresentava. Olhava para suas mãos e percebia, com terror crescente, que homens pálidos também não existiam neste mundo. Suspeitariam de sua palidez. Por isto que o primeiro Atendente perguntara: - "O senhor seria um daqueles recém-chegados de Marte, não?" - E agora aqui estava o novo Atendente, limpo e lustroso como uma moeda de cobre, rosto corado com saúde e energia. Lantry escondeu suas mãos pálidas nos bolsos. Mas estava totalmente cônscio da atenção que o Atendente dava a seu rosto.

- Queria dizer - disse Lantry - não queria dormir. Queria pensar.

- Houve um serviço, agora há pouco? - perguntou o Atendente, olhando à volta.

- Não sei; cheguei agora.

- Pensei ter ouvido a portinhola abrir e fechar.

- Não sei - respondeu Lantry.

O homem apertou um botão na parede. - Anderson?

Uma voz - Sim?

- Localize Saul para mim, por favor?

- Vou chamar nos corredores. - Uma pausa. - Não posso achá-lo.

- Obrigado. -.0 Atendente estava desconcertado. Estava começando a farejar algo. - Está sentindo o cheiro de... algo?

Lantry cheirou o ar. - Não; por quê?

- Estou sentindo um cheiro.

Lantry pegou a faca em seu bolso. Esperou.

- Lembro-me uma vez, quando era criança - disse o homem e acharam uma vaca morta no campo. Estivera dois dias ao sol. Era esse o cheiro. Do que será?

- Ora, eu sei do que é - respondeu Lantry, calmo. Estendeu a mão. - Aqui.
- O quê?
- Eu, claro.
- Você?
- Morto há várias centenas de anos.
- Você faz piadas estranhas. - O Atendente estava desorientado.
- Muito estranhas. - Lantry tirou a faca. - Sabe o que é isto?
- Uma faca.
- Já não usam mais facas em pessoas?
- Como?
- Quero dizer; matá-las, com facas ou armas ou veneno?
- Você saem piadas estranhas! - O homem conteve o riso.
- Vou matá-la - disse Lantry.
- Ninguém mata ninguém - falou o homem.
- Não, não fazem mais. Mas costumavam fazer, nos velhos tempos.
- Sei que faziam.
- Este será o primeiro homicídio em trezentos anos. Acabo de matar seu colega. Empurrei-o pela portinhola.
Aquela observação teve o efeito desejado. Atordoou o homem tão completamente, chocou-o tão totalmente com seus aspectos ilógicos, que Lantry teve tempo de avançar. Espetou a faca no peito dele. - Vou matá-lo.
- Que tolice - disse o outro, atordoado. - As pessoas não fazem isso.
- Assim; vê?
A faca enterrou-se no peito. O homem olhou para ela, um momento. Lantry segurou o corpo que caía.

III

A chaminé de Salem explodiu às seis daquela manhã. Desfez-se em dez mil pedaços e projetou-se para a terra e para o céu e para as casas das pessoas adormecidas. Houve fogo e barulho, mais

fogo do que o causado pelo outono, queimando as colinas.
William Lantry estava a cinco milhas de distância, na hora da explosão. Viu a cidade incendiada pela propagação de sua cremação. Abanou a cabeça e riu-se um pouco, e bateu palmas, contente.
Relativamente simples. Anda-se por aí matando gente que não acredita em assassinato, só tinha ouvido falar, indiretamente, de algum terrível costume das velhas raças bárbaras. Entra-se na sala de controle do Incinerador e diz-se - Como operam este Incinerador? - e o homem do controle lhe diz, porque todos dizem a verdade, neste mundo do futuro ; ninguém mente, não havia razão para mentir, não havia perigo contra o que mentir. Só havia um criminoso no mundo, e ninguém sabia que ELE existia, ainda.
Bem, era uma cena incrivelmente bela. O Controlador dissera-lhe exatamente como funcionava o Incinerador, que manômetros controlavam o fluxo de gases que subiam pela chaminé, que alavancas eram ajustadas ou reajustadas. Ele e Lantry conversaram bastante. Era um mundo fácil, um mundo livre. As pessoas confiavam nas pessoas. Um instante depois, Lantry afundava a faca também no Controlador, e ajustou a pressão para uma sobrecarga para dali a meia hora, e afastou-se do Incinerador, assobiando.
Agora até o céu estava coberto pela enorme nuvem negra da explosão.
Este é apenas o primeiro - comentou Lantry, olhando para o céu. - Vou destruir todos os outros, antes mesmo que eles suspeitem que há um homem não-ético à solta em sua sociedade. Não podem contar com uma variável como eu. Estou além de sua compreensão. Sou incompreensível, impossível, portanto, não existo. Meu Deus, posso matar centenas de familiares deles, antes mesmo que percebam que o homicídio voltou ao mundo de novo. Ora, a idéia é tão imensa, que é inacreditável!
O fogo queimou a cidade. Ficou sentado sob uma árvore por um bom tempo, até a manhã. Então, achou uma caverna nas colinas,

e entrou, para dormir.

Acordou ao pôr do sol, com um repentino sonho com o fogo.

Viu-se a si mesmo empurrado para a fornalha, cortado em pedaços pelo fogo, queimado em nada. Sentou-se no chão, rindo-se. Tivera uma idéia.

Foi à cidade e foi até a cabine de áudio. Discou OPERADORA.

- Quero falar com a Polícia.

- Desculpe, como disse?

Tentou de novo: - A Força da Lei.

- Vou chamar o Controle da Paz - acabou falando.

Um pouco de medo começou a tiquetaquear dentro dele, como um reloginho. Suponhamos que a operadora tenha reconhecido o termo "Polícia", como um anacronismo, anotou seu número de áudio, e mandou alguém investigar? Não, ela não faria isso. Por que suspeitaria?, Não existiam paranóicos nesta civilização.

- Sim, Controle da Paz.

Um zumbido. Uma voz de homem respondeu. - Controle da Paz, Stephens falando.

- Dê-me a Seção de Homicídios - disse Lantry sorrindo.

- A o quê?

- Quem investiga homicídios?

- Desculpe-me, mas, do que está falando?

- Desculpe, foi engano. - Lantry desligou, rindo. Pelos deuses, não havia nada assim como a seção de Homicídios. Não havia assassínios, portanto, nenhuma necessidade de detetives. Perfeito; perfeito!

O áudio tocou de novo. Lantry hesitou, e então respondeu.

- Diga-me quem é você?

- O homem que chamou acaba de sair - disse Lantry, e desligou de novo.

Correu. Teriam reconhecido sua voz, e talvez mandaram alguém para verificar. As pessoas não mentiam. Ele acabava de mentir. Conheciam a voz dele. Ele mentira. Qualquer um que mentisse precisava de um psiquiatra. Simplesmente por ser

pálido, levantavam-se suspeitas. Simplesmente por não dormir à noite, era-se suspeito. Simplesmente por não tomar banho, por cheirar como... uma vaca morta?... era-se suspeito. Qualquer coisa.

Precisava ir a uma biblioteca. Mas isso também era perigoso. Como eram as bibliotecas, hoje? Tinham livros, ou rolos de filme que projetavam livros numa tela? Ou as pessoas tinham bibliotecas em casa, eliminando a necessidade de manter grandes bibliotecas centrais?

Decidiu arriscar. Seu uso de termos arcaicos poderia fazê-lo suspeito de novo, mas agora era muito importante aprender tudo o que podia ser aprendido deste mundo repulsivo ao qual tinha voltado. Interpelou um homem, na rua. - Qual o caminho para a biblioteca?

O homem não se surpreendeu. - Dois quarteirões para o leste, um quarteirão para o norte.

- Obrigado.

- Simplíssimo.

Alguns minutos depois, entrava na biblioteca.

- Posso ajudá-la?

Olhou para a bibliotecária. Posso ajudá-lo; posso ajudá-la. Mas que mundo mais cheio de gente serviçal! - Gostaria de "ver" Edgar Allan Poe. O verbo foi cuidadosamente escolhido. Não disse "ler".

Receava que os livros estivessem ultrapassados, que a própria imprensa fosse uma arte perdida. Talvez todos os "livros" hoje estivessem na forma de filmes tridimensionais. Como, infernos, se poderia fazer um filme de Sócrates, Schopenhaeur, Nietzsche, e Freud?

- Que nome, mesmo?

- Edgar Allan Poe.

- Não há esse autor no nosso arquivo.

- Quer por favor verificar de novo?

Verificou. - Oh, sim. Há uma marca vermelha no arquivo. Foi um dos autores incluídos na Grande Queima de 2 265.

- Que burrice a minha.
Não faz mal - ela disse. - Ouviu falar dele?
- Tinha algumas idéias bárbaras interessantes sobre a morte - disse Lantry.
- Horríveis - ela acrescentou, torcendo o nariz. - Lúgubre.
- Sim. Lúgubre. Abominável, de fato. Bom ter sido queimado.
Sujo. Por falar nisso ; tem algum livro de Lovecraft?
- É um livro sobre sexo?
Lantry explodiu em riso. - Não; não. É uma pessoa.
Ela averiguou o catálogo. - Foi queimado, também. Junto com Poe.
- Suponho que isso se aplica a Machen, e a um homem chamado Derleth e outro, Ambrose Bierce, também?
- Sim. - Ela fechou a gaveta do catálogo. - Todos queimados.
E boa viagem! - Ela olhou-o com simpatia e interesse. - Aposto que voltou há pouco de Marte.
- Por que diz isso?
- Veio outro explorador aqui ontem. Acabara de fazer ida e volta até Marte... Estava interessado em literatura do sobrenatural, também. Parece que há "tumbas" de verdade, em Marte.
- O que são "tumbas"? - Lantry estava aprendendo a manter a boca fechada.
- Sabe, aquelas coisas dentro das quais antigamente enterravam gente.
- Costume selvagem. Lúgubre!
- Não é mesmo? Bem, ter visto os túmulos marcianos causou alguma curiosidade nesse jovem explorador. Veio e perguntou se tínhamos alguns daqueles autores que o senhor mencionou. Claro, não temos nem sombra daquelas coisas. - Olhou para o rosto pálido. O senhor é um dos homens do foguete de Marte, não?
- Sim; voltei no foguete no outro dia.
- O nome do outro homem era Burke.
- Claro; Burke! Um bom amigo!
- Desculpe não poder ajudá-lo. É melhor tomar algumas

vitaminas e alguns banhos de ultravioleta. Está com mau aspecto, senhor...?
- Lantry. Estarei bem. Muito obrigado, do mesmo jeito. Vejo-a no próximo Dia das Bruxas!
- Espertinho - ela riu-se. - Se houvesse um Dia das Bruxas, eu aceitaria um convite!
- Mas queimaram isso também - ele respondeu.
- Sim, queimaram tudo. Boa noite.
- Boa noite. - E saiu.

Quão delicadamente ele estava equilibrado neste mundo! Como uma espécie de negro giroscópio, girando sem nunca fazer barulho, um homem muito silencioso. Enquanto andava pela rua, às oito da noite, notou, com particular interesse, que não havia nenhuma quantidade extra de luzes nas ruas. Havia as lâmpadas costumeiras a I cada esquina, mas os quarteirões eram apenas fracamente iluminados. Poderia ser que essas pessoas surpreendentes não tinham medo do escuro? Incoerência incrível! Todos tinham medo do escuro. Mesmo ele tinha medo do escuro, quando criança. Era tão natural como comer.

Um menino passava correndo, seguido por mais seis outros. Gritavam, e berravam, e rolavam no escuro gramado de outubro, pela folhagem. Lantry observou-os por vários minutos antes de se dirigir a um dos meninos, que tornava fôlego por um pouco, retomando fôlego em seus pulmões pequenos, como um menino poderia fazer encher um saco de papel furado.
- Ei, você, vai se cansar, assim.
- É verdade - respondeu o menino.
- Pode me dizer por que não há lâmpadas no meio dos quarteirões?
- Por quê? - estranhou o menino.
- Sou um professor, quero testar seus conhecimentos - respondeu Lantry.
- Bem - respondeu o garoto - não é preciso ter lâmpadas no meio do quarteirão; é por isso.
- Mas, fica bastante escuro - replicou Lantry.

- E daí!
- Não fica com medo?
- Medo de quê? - quis saber o menino.
- Do escuro.
- Ha, Ha - riu-se o menino - por que deveria ter medo do escuro?
- Bem, é escuro; preto. E afinal, as luzes da cidade foram inventadas para afastar o escuro, e levar embora o medo.
- Isso é bobagem. As lâmpadas nas ruas foram postas para se poder ver onde anda. Além disso, mais nada.
- Não está percebendo nada... - falou Lantry. - Quer dizer que você se sentaria no meio de um terreno baldio toda a noite, sem ter medo?
- Medo de quê?
- De que; de que; de que, seu bobo! Do escuro!
- Ha, ha.
- Você iria para as colinas e ficaria a noite inteira no escuro?
- Claro.
- E não ficaria com medo?
- Claro que não.
- É um mentiroso!
- Não me chame de nomes feios! - gritou o garoto. Mentiroso era palavrão, realmente. Parecia a pior coisa que se podia dizer a alguém.
Lantry estava completamente furioso com aquele monstrinho.
- Olhe - ele insistiu - olhe bem nos meus olhos...
O menino olhou.
Lantry mostrou os dentes um pouco. Estendeu as mãos, em forma de garras. Arregalou os olhos e gesticulou e enrugou o rosto numa terrível máscara.
- Ha, ha - fez o menino - você é muito engraçado.
- O que disse?
- É engraçado. Faça de novo. Ei, pessoal, venham cá! Este homem faz coisas engraçadas!
- Esqueça.
- Faça de novo, por favor.

- Esqueça; esqueça. Boa noite! - Lantry saiu correndo.
- Boa noite, senhor. E tome cuidado com o escuro! - gritou o garoto.

De todas as idiotices; com toda a estupidez fedorenta, grosseira, espinhosa, de boca gelatinosa! Nunca tinha visto nada igual em toda sua vida! Educar as crianças sem nenhum, um pingo de imaginação! Qual era a graça de ser criança, se não imaginava coisas!

Parou de correr. Andou e pela primeira vez começou a avaliar-se. Passou a mão pelo rosto e mordeu os dedos, e descobriu que estava .no meio do quarteirão, e não se sentia à vontade. Foi até a esquina, onde havia uma lâmpada acesa. - Assim é melhor - estendendo as mãos, como que para uma fogueira.

Escutava. Não havia um som, exceto a respiração noturna dos vaga-lumes. Finalmente, o rumor de um foguete cruzando o céu. Era o som de maçarico agitado levemente, no ar escuro.

Escutou a si mesmo, e pela primeira vez percebeu o que havia de tão peculiar nele. Não havia um só ruído nele. Os ruídos mínimos das narinas e dos pulmões estavam ausentes. Seus pulmões não tornavam nem exalavam oxigênio, ou dióxido de carbono; não se moviam. Os pêlos de seu nariz não se moviam com a passagem do ar quente. Aquele fraco suspiro da respiração não ressoava em seu nariz. Estranho. Engraçado. Um ruído nunca escutado, quando vivo, a respiração que alimenta o corpo, e agora, uma vez morto, como fazia falta!

A única outra vez em que se ouvia isso era naquelas noites profundas e insones, quando acordados, escutamos primeiro o nariz tomando e expirando o ar, e então o fundo trovejar abafado, rubro, do sangue nas têmporas, nas orelhas, na garganta, nos pulsos doloridos, nos rins, no peito. Todos esses pequenos ritmos, desapareceram. A pulsação ausente, o pulso na garganta, ausente, assim como a vibração do peito. O som do sangue circulando, para cima, para baixo, à toda volta, atravessando tudo. Agora, era como auscultar uma estátua.

E no entanto, vivia. Ou melhor, movia-se. E como era feito, bem

fora do alcance de qualquer explicação científica, teorias, dúvidas? Por uma e uma só coisa.
ódio.
O ódio era o sangue dentro dele, ia para cima, para baixo, à toda volta, toda parte. Era um coração nele, que não batia, era verdade, mas aquecia. Ele era... o que? Ressentimento. Inveja. Diziam que ele não mais podia mentir, em seu caixão, lá no cemitério. Ele desejara isso. Nunca tinha tido nenhum desejo particular de levantar-se e sair andando. Já tinha sido o suficiente, em todos esses séculos, estar na caixa, no fundo, e sentir sem sentir a comichão dos milhões de insetos espiando à volta, na terra, os movimentos de minhoca, tal como outros tantos profundos pensamentos, pelo solo.
Mas então, vieram, e disseram: - Caia fora, e vá para a fornalha! - E isso era a pior coisa que se podia dizer a um homem. Não se pode ficar lhe dizendo o que fazer. Se disser que ele está morto, ele não desejará estar morto. Se disser que não há essas coisas, assim como vampiros, por Deus, aquele homem tentará ser um, nem que seja só por despeito. Se disser que um morto não pode andar, ele vai experimentar suas canelas. Se disser que ninguém mais mata ninguém, ele vai matar. Ele era, in toto, todas as coisas impossíveis. Tinham dado origem a ele, com todas aquelas práticas e ignorâncias. Oh, quão errados estavam. Precisava mostrar-lhes. E iria mostrar-lhes! O sol é bom. assim como a noite, não há nada de errado com o escuro, dizem eles.
O escuro é o horror, ele gritava, silenciosamente, encarando as pequenas casas. Foi feito para contrastar. Vocês devem temer, estão escutando!? Sempre foi assim, neste mundo. Vocês, destruidores de Edgar Allan Poe e o excelente e eloqüente Lovecraft, queimadores de máscaras do Dia das Bruxas e destruidores de lanternas de abóbora! Foi tornar a noite o que ela já foi, a coisa contra a qual o homem construiu todas as suas cidades iluminadas e seus muitos filhos!
E como que em resposta a isto, um foguete, voando baixo, arrastando um longo penacho malcheiroso de fumaça. Fez Lantry

titubear e recuar.

IV

Havia uma distância de dez milhas até a cidadezinha de Porto Ciência. Caminhava pela madrugada. Mas mesmo isto não era bom.

Às quatro da manhã um besouro prateado parou na estrada, a seu lado.

- Olá - disse o homem dentro.
- Olá - disse Lantry, cansado.
- Por que está andando? - perguntou o homem.
- Estou indo para Porto Ciência.
- Por que não vai de carro?
- Gosto de andar.
- Ninguém gosta de andar. Está doente? Posso oferecer-lhe uma carona?
- Obrigado, mas eu gosto de andar.

O homem hesitou, e então fechou a porta do besouro. – Boa noite.

Quando o besouro estava longe, além da colina, Lantry afastou-se para uma floresta próxima. Um mundo cheio de pessoas prestativas e desajeitadas. Pelos céus, não se podia nem mesmo andar sem ser acusado de doença. Isso só significava uma coisa. Não devia mais andar, mas usar um carro. Deveria ter aceito a oferta daquele cara.

O resto da noite, andou bem longe da rodovia, de modo que quando passava um besouro, ele tinha tempo de desaparecer no mato. Pelo amanhecer, acomodou-se numa canalização de água pluvial, vazia, e fechou os olhos.

O sonho era perfeito como um floco de neve orvalhado.

Viu o cemitério onde repousara comodamente enterrado, pelos séculos. Ouviu os passos de manhãzinha dos trabalhadores, para terminar seu trabalho.

- Quer me passar a pá, Jim?

- Aqui.
- Espere um pouco; espere um pouco!
- O que é que há?
- Olhe aqui. Não acabamos na noite passada, não?
- Não.
- Havia mais um caixão, não?
- Sim.
- Bem, aqui está, e aberto!
- Ora, está no buraco errado.
- Qual em o nome da lousa?
- Lantry. William Lantry.
- E este! Foi-se!
- O que poderia ter-lhe acontecido?
- Como posso saber? O corpo estava aqui, na noite passada.
- Não podemos ter certeza; não olhamos.
- Céus, homem; as pessoas não enterram caixões vazios. Ele estava neste caixão. Agora não está.
- Talvez estivesse vazio.
- Bobagens. Sente esse cheiro? Ele esteve aqui, com certeza.
Uma pausa.
- Ninguém teria roubado o corpo, não?
- Para que?
- Curiosidade, talvez.
- Não seja ridículo. As pessoas não roubam. Ninguém rouba.
- Bem, então só há uma resposta.
- Sim?
- Ele levantou-se e saiu andando.
Uma pausa. No sonho sombrio, Lantry esperava ouvir risadas. Não houve nenhuma. Ao invés, a voz do coveiro, após uma pausa, disse: - Sim, é isso, de fato. Levantou-se e foi embora.
- Interessante pensar nisso - disse o out.
- Não é mesmo!
Silêncio.
Lantry acordou. Tinha tudo sido um sonho, mas como foi intenso. Que reação estranha a dos dois homens. Mas não era

antinatural, não. Era exatamente como se devia esperar que os homens do futuro conversassem. Homens do futuro. Lantry sorriu, ironicamente. Isso foi um anacronismo. Estamos no futuro. Estava acontecendo agora. Não estava a trezentos anos no futuro, era agora, não depois, ou em qualquer outra época. Este não era o século vinte. Oh, com que calma aqueles dois homens do sonho tinham dito - Levantou-se e foi-se embora. - Interessante de se pensar. - Não é mesmo? - Sem um tremor em suas vazes. Sem mesmo um relance sobre os ombros, ou um tremor na pá que usavam. Mas, claro, com suas mentes perfeitamente honestas, lógicas, só havia uma explicação; certamente ninguém havia roubado o corpo. - Ninguém rouba. - O cadáver simplesmente tinha se levantado e ido embora. O cadáver era o único que possivelmente teria movido o cadáver. Pelas poucas palavras casuais dos coveiros, Lantry sabia o que pensavam. Aqui estava um homem que permanecera em animação suspensa, e não realmente morto, por centenas de anos. A agitação, a atividade por perto, trouxeram-no de volta à vida.

Todos já ouviram falar daqueles cogumelos verdinhos que ficam selados durante séculos dentro de torrões ou em lama congelada, vi-vos! E como os cientistas os desencavaram e os aqueceram em suas mãos, os pequenos cogumelos saltaram para a vida, piscando e se espreguiçando. Era então apenas lógico que os coveiros pensassem de William Lantry do mesmo jeito.

Mas, e se as peças se ajustassem, no dia seguinte, ou no outro? E se o cadáver desaparecido e o Incinerador despedaçado, explodido, fossem relacionados? E se aquele camarada chamado Burke, que voltara de Marte, fosse à biblioteca de novo e ela dissesse: - Seu amigo Lantry esteve aqui, outro dia. - E ele respondesse - Lantry? Não conheço. - E ela diria: - Mas, ele mentiu! - E as pessoas, nesta época, não mentiam. Assim tudo tornaria forma e se ajustaria, item por item, pedacinho por pedacinho. Um homem pálido que era pálido, e que não devia sê-lo, tinha mentido, e as pessoas não mentiam, e um andarilho numa estrada solitária tinha andado, e as pessoas não andavam

mais, e havia um corpo faltando num cemitério, e o Incinerador tinha explodido, e... e... e...

Viriam atrás dele. Iriam encontrá-lo. Seria fácil encontrá-lo. Ele andava. Ele mentia. Era pálido. Achariam-no, e o levariam e o jogariam pela portinhola aberta do mais próximo Forno, e lá se vai o Sr. William Lantry, como um fogo de artifício do Quatro de Julho!

Só havia uma coisa que se podia fazer eficientemente, e completamente. Ergueu-se, com um movimento violento. Seus lábios estavam sorrindo e seus olhos escuros estavam acesos e havia tremores e fogos nele por toda parte. Ele devia matar e matar e matar e matar e matar. Precisava transformar seus inimigos em amigos, em pessoas como ele mesmo, que andavam, mas não deviam, que eram pálidos numa terra de corados. Precisava matar e então matar e então matar de novo. Precisava fabricar corpos, pessoas mortas, cadáveres. Precisava destruir. Incinerador após Chaminé após Forno após Incinerador. Explosão sobre explosão. Morte sobre morte. Então, quando os Incineradores estivessem todos arruinados, e os necrotérios construídos às pressas estivessem congestionados com corpos de pessoas mortas pelas explosões, então ele começaria a fazer amigos, seu alistamento dos mortos para sua própria causa.

Antes que o localizassem, e o encontrassem, e o matassem, eles mesmos deveriam ser mortos. Enquanto isso, estaria seguro. Poderia matar, e eles não teriam como retaliar. As pessoas simplesmente não saem por aí matando. Era sua margem de segurança. Saiu da canalização abandonada, e foi para a estrada.

Tirou a faca do bolso, e fez sinal para o primeiro besouro.

Era como o Quatro de Julho! O maior fogo de artifício. O Incinerador de Porto Ciência rachou-se pelo meio e explodiu. Causou mil outras pequenas explosões, que acabaram numa maior. Caiu sobre a cidade, e esmagou casas e queimou árvores. Acordou gente de seu sono e então mandou-as dormir para sempre, um instante depois.

William Lantry, sentado num besouro que não era seu,

calmamente sintonizou uma estação de rádio. A queda do Incinerador tinha matado por volta de quatrocentas pessoas. Muitos haviam sido apanhados em suas casas, esmagados, outros, atingidos por estilhaços. Um necrotério provisório seria estabelecido em...
Um endereço foi dado.
Lantry anotou-o com um bloco de lápis.
Podia continuar assim, pensou, de cidade em cidade, de país em país, destruindo os Fornos, os Pilares de Fogo, até que toda a limpa e magnífica estrutura de chamas e cauterização estivesse demolida. Fez uma estimativa - cada explosão com uma média de quinhentos mortos. Podia-se acumular cem mil em pouquíssimo tempo.
Pisou no pedal no chão do besouro. Sorrindo, afastou-se, pelas ruas escuras da cidade.
As autoridades haviam requisitado um velho armazém. Da meia-noite às quatro os besouros cinzentos silvaram pelas ruas brilhantes com a chuva, entravam e os corpos eram estendidos no concreto frio do chão, com lençóis brancos sobre eles. Foi um fluxo contínuo até quatro e meia, e então, parou. Havia cerca de duzentos corpos, ali, brancos e frios.
Os corpos eram deixados sós; ninguém ficou para tomar conta. Não fazia sentido cuidar dos mortos; era um procedimento inútil; os mortos que se cuidassem.
Pelas cinco da manhã, com um princípio de nascer do sol, no leste, os primeiros grupos de parentes chegavam para identificar seus filhos, ou seus pais, ou suas mães, ou seus tios. O povo entrava depressa no armazém, fazia a identificação, e saía depressa de novo. Por volta das seis, com o céu mais claro, no levante, esse grupo já tinha ido embora.
William Lantry atravessou a pé a larga rua molhada e entrou no armazém.
Tinha um pedaço de giz azul em cada mão.
Passou pelo representante das autoridades, que estava na entrada, falando com dois outros. - ... levar os corpos para o Incinerador

de Mellin Town, amanhã... - As vozes apagaram-se.
Lantry, os passos ecoando fracamente pelo frio concreto, foi andando. Uma onda de alívio chegou-lhe ao andar pelos vultos embrulhados. Estava entre os seus. E melhor do que isso! Tinha criado estes! Tinha-os transformado em mortos! Tinha proporcionado a si mesmo um vasto número de amigos falecidos! O oficial estaria olhando? Lantry virou a cabeça. Não. O armazém estava calmo e silencioso, na penumbra da manhã escura. O oficial estava indo embora, atravessando a rua, com seus dois assistentes; um besouro tinha chegado, do outro lado da rua, e o homem estava indo conversar com quem estava no besouro.
William Lantry ficou lá, e desenhou um pentagrama com o giz azul, no chão, ao lado de cada cadáver. Movia-se bem depressa, depressa, sem ruído, sem piscar. Em poucos minutos, erguendo a cabeça vez ou outra, para ver se o oficial ainda estava ocupado, tinha riscado o chão ao lado de cem corpos. Ergueu-se e pôs o giz no bolso.
Agora é a hora de todos os bons homens virem em auxilio de seu partido, agora é a hora de todos os bons homens virem em auxílio de seu partido; agora é a hora de todos os bons homens virem em auxilio de seu partido...
Repousando na terra, ao longo dos séculos, os processos e pensamentos de gente que passou e de tempos passados infiltraram-se nele, lentamente, como numa esponja profundamente enterrada. De alguma memória mortuária nele, agora, ironicamente, repetidamente, uma negra máquina de escrever batia negras linhas iguais das palavras pertinentes: Agora é a hora de todos os bons homens, para todos os bons homens virem em auxilio de...
William Lantry.
Outras palavras.
Erga-se, meu amor, e vamos...
A veloz raposa marrom saltou sobre ... Parafraseis. O veloz corpo reerguido saltou sobre o Incinerador demolido...

Lázaro, ergue-te da tumba...
Ele conhecia as palavras certas. Precisava apenas dizê-las, tal como tinham sido enunciadas pelos séculos. Precisava apenas gesticular com as mãos e falar as palavras, as obscuras palavras, que fariam esses corpos vibrar, erguer-se e andar!
E quando estivessem erguidos, ele os levaria pela cidade, matariam outros, e outros se ergueriam e andariam. Ao fim do dia, haveria milhares de bons amigos, andando com ele. E o que seria das ingênuas pessoas vivas deste ano, deste dia, desta hora? Estariam completamente despreparados para o acontecimento. Seriam derrotados, por não estarem esperando qualquer espécie de guerra. Não acreditariam ser possível, e tudo estaria acabado antes que pudesse» se convencer de que uma coisa tão ilógica pudesse acontecer.
Ergueu as mãos. Seus lábios se moveram. Disse as palavras. Começou a cantar num sussurro, e então ergueu cada vez mais a voz.
Disse as palavras, de novo e de novo. Seus olhos estavam bem fechados. Seu corpo oscilava. Falou mais e mais depressa. Começou a mover-se para a frente, entre os corpos. As palavras tenebrosas fluíam de sua boca. Ele estava encantado com suas próprias fórmulas. Parou e fez mais símbolos azuis no concreto, à maneira de feiticeiros há muito falecidos, sorrindo, confiante. A qualquer momento, agora, o primeiro tremor do corpos inertes, a qualquer momento agora, reergueriam-se, o ressurgimento dos finados!
Suas mãos ergueram-se, no ar. Sua cabeça inclinou-se. Ele falou, e falou, e falou. Gesticulou. Falou alto, por sobre os corpos, olhos chamejando, corpo tenso. - Agora! - gritou violentamente. Ergam-se, todos vocês! Nada aconteceu.
- Ergam-se! - gritou, sua voz terrivelmente atormentada.
Os lençóis continuavam dobrados, como sombras azuis, sobre os corpos silentes.
- Ouçam-me, e ajam! - gritou.
Longe, na rua, um besouro passou, assobiando.

De novo, e de novo, ele gritou, implorou. Abaixou-se ao lado de cada corpo e pediu seu violento favor particular. Sem resposta. Passou energicamente pelas fileiras brancas, todas iguais, agitando os braços no ar, abaixando-se aqui e ali para fazer símbolos azuis!
Lantry estava extremamente pálido. Mordeu os lábios. - Vamos, levantem-se - disse. - Sempre levantaram-se ; sempre, por mil

l anos. Quando se faz um signo assim! E fala uma palavra - assim! Eles sempre se levantam! Porque não agora, porque não vocês! Vamos, vamos, antes que eles voltem!
O armazém estava sombrio. Havia vigas de aço, em cima e à volta. Nele, sob o teto, não havia um som, exceto o desvario de um homem solitário.
Lantry parou.
Pelas amplas portas do armazém, viu um relance das últimas frias estrelas da manhã.
Era o ano de 2 349.
Seus olhos esfriaram, e suas mãos pendiam. Não se movia.
Uma vez, as pessoas tremiam quando ouviam o vento sobre os telhados; uma vez, as pessoas erguiam crucifixos e acônito, e acreditavam em mortos caminhando, e morcegos e em lobisomens. E enquanto acreditaram, continuaram os mortos, os morcegos, e os lobisomens a existir. A mente dava-lhes nascimento e realidade.
Mas...
Olhou para os brancos corpos nos lençóis.
Essas pessoas não acreditavam.
Nunca acreditaram. Nunca acreditariam. Nunca imaginaram que os mortos pudessem andar. Os mortos subiam em chamas por uma chaminé. Nunca ouviram superstições, nunca tremeram ou se arrepiaram ou duvidaram, no escuro. Mortos que andavam não podiam existir, eram ilógicos. Este é o ano de 2 349, rapaz, afinal!
Portanto, estas pessoas não podiam se levantar, não podiam andar de novo. Estavam mortos, duros e pretos. Nada; giz; imprecação; superstição, podia fazê-los pular e sair andando. Estavam mortos e sabiam que estavam mortos!

Ele estava só.
Havia pessoas vivas no mundo que andavam e guiavam besouros, e bebiam tranqüilamente, e barzinhos pouco iluminados nas estradas, e beijavam mulheres e conversavam boas conversas todo o dia, e todos os dias.
Mas ele, não estava vivo.
O atrito dava-lhe o pouco calor que poderia ter.
Havia duzentas pessoas mortas aqui neste armazém agora, fixas no chão. Os primeiros mortos em cem anos que podiam ser cadáveres por mais uma hora, mais ou menos. Os primeiros a não serem imediatamente empurrados para o Incinerador e acesos como fósforos.
Ele ficaria contente com eles; entre eles.
Mas, ele não estava.
Estavam completamente mortos. Não sabiam, nem acreditavam em andar, uma vez o coração parado e imobilizado. Estavam mais mortos do que jamais estiveram os mortos.
Ele realmente estava só, mais só do que qualquer homem jamais estivera. Sentiu o frio desta solidão subindo por seu peito, estrangulando-o quietamente.
William Lantry virou-se subitamente, assustado.
Enquanto estivera ali, alguém tinha entrado no armazém. Um homem alto, de cabelo branco, com um sobretudo leve, e sem chapéu. Não era possível saber quanto tempo o homem estivera por perto.
Não havia razão para ficar ali. Lantry virou-se e começou a sair, devagar. Olhou rapidamente para o homem ao passar, que olhou também para ele, curioso. Teria escutado? As imprecações, os rogos, os gritos? Suspeitaria? Lantry reduziu o passo. Será que o tinha visto fazer os signos azuis de giz? Mas e daí, ele os interpretaria como símbolos de antiga superstição? Provavelmente não.
Alcançando a porta, Lantry parou. Por um momento não desejou fazer mais nada senão deitar-se e ficar fria e realmente morto de novo, e ser carregado silenciosamente pela rua, para alguma

chaminé distante, e ser despachado por ela, como cinza e fogo. Se de fato estava só e não havia chance de reunir um exército para sua causa, então, existiria razão para continuar? Matar? Sim, mataria mais alguns milhares. Mas isso não bastava. Só se poderia fazer isso, antes que eles o arrastassem.

Olhou para o frio céu.

Um foguete atravessou o céu negro, num rastro de fogo.

Marte queimava, vermelho, em meio a um milhão de estrelas.

Marte. A biblioteca. A bibliotecária. Conversa. Astronautas que voltavam. Túmulos.

Lantry quase deu um grito. Conteve sua mão, que desejava tanto estender-se e tocar Marte. Adorável estrela vermelha no céu. A boa estrela que de repente lhe dava nova esperança. Se tivesse um coração vivo agora, estaria batendo forte, e o suor estaria porejando, seu pulso estaria martelando, e as lágrimas, nos olhos!

Iria até o lugar de onde os foguetes disparavam para o espaço. Iria para Marte, de qualquer jeito. Iria até as tumbas marcianas. Lá haveria corpos, apostaria seu último ódio nisso, que se levantariam e andariam, e trabalhariam com ele! A cultura deles era antiga, muito diferente da da Terra, semelhante à do Egito, se o que a bibliotecária disse era certo. E os egípcios - que cadinho de negra superstição e terror noturno tinha sido aquela cultura. Seria Marte, então. Maravilhoso Marte!

Mas, não deveria chamar a atenção. Precisava mover-se cuidadosamente. Queria correr; sim, distanciar-se, mas seria o pior movimento. O homem de cabelo branco estava olhando para Lantry, de tempos em tempos, da entrada. Havia muita gente por perto. Se algo acontecesse, ele estaria em inferioridade numérica. Até agora, só tinha enfrentado um homem de cada vez.

Lantry forçou-se a parar e ficar nos degraus à frente do armazém. O homem com o cabelo branco veio também para a escada e lá ficou, olhando para o céu. Parecia que ia falar, a qualquer momento. Remexeu em seus bolsos e tirou um maço de cigarros.

V

Ficaram juntos do lado de fora do necrotério, o alto, corado, e encanecido homem, e Lantry, de mãos no bolso. Era uma noite fria com a coberta branca da lua que banhava uma casa aqui, uma estrada ali, e adiante, partes de um rio.
- Cigarro? - O homem ofereceu um a Lantry.
- Obrigado.
Acenderam-nos juntos. O homem olhou para a boca de Lantry.
- Noite fria.
- f ; fria.
Apoiaram-se no outro pé. - Terrível acidente.
- Terrível.
- Tantos mortos...
- Tantos.
Lantry sentou-se como alguma espécie de delicado peso sobre uma balança. O outro não parecia estar olhando para ele, mas mais escutando e avaliando-o. Havia um delicado equilíbrio aqui que originava um vasto desconforto. Quis ir embora e evitar este equilibrar-se, essa avaliação. O homem alto, de cabelos brancos, disse: - Meu nome é McClure.
- Tem amigos aí dentro? - perguntou Lantry.
- Não. Só um conhecido. Terrível acidente.
Terrível.
Avaliaram-se mutuamente. Um besouro chiou pela estrada, com seus dezessete pneus girando silenciosamente. A lua mostrava uma cidadezinha mais adiante, nas colinas escuras.
- Estava pensando... - disse McClure.
- Sim.
- Poderia responder-me uma pergunta?
- Com todo o prazer. - Abriu a faca no bolso de seu casaco, preparado.
- Seu nome é Lantry?
- Sim.
- William Lantry?

- Sim.
- Então, é o homem que saiu do cemitério de Salem anteontem, não?
- Sim.
- Meu Deus, como estou contente por encontrá-lo, Lantry!
Estivemos tentando encontrá-lo, nestas últimas vinte e quatro horas!
O homem agarrou sua mão, apertou-a, bateu-lhe nas costas.
- O... o quê? - fez Lantry.
- Céus, homem, por que saiu correndo? Percebe o que significa esta ocasião? Queremos conversar com você!
McClure estava sorrindo, exultante. Outro aperto de mão, outro tapinha nas costas. - Imaginei que fosse você!
O cara está louco, pensou Lantry. Absolutamente maluco. Arrasei com seus Incineradores, matei gente, e ele me aperta a mão. Louco, louco!
- Vem junto comigo ao Hall? - perguntou o homem, pegando-o pelo cotovelo.
- Qu... que Hall? - Lantry recuou.
- O H Jl da Ciência, claro. Não é todo ano que temos um caso verdadeiro de animação suspensa. Em pequenos animais, sim, mas num homem, dificilmente! Vem?
- Mas, do que se trata tudo isto? - perguntou Lantry, olhos arregalados. - Que comédia é essa!
- Meu amigo, que quer dizer? - O outro estava meio desorientado.
- Não se importe. É só por isso que querem me ver?
- Que outra razão haveria, Sr. Lantry? Não sabe como estou contente por tê-lo encontrado! - Estava quase dançando. - Suspeitei. Quando Estávamos lá juntos. Sua palidez, e tudo. E então o seu modo de fumar, algo a respeito disso, e uma porção de outras coisas, tudo subliminar. Mas é você, não? É você mesmo!
- Sim, sou eu - disse Lantry secamente.
- Meu bom amigo! Vamos!
O besouro foi rapidamente atravessando as ruas, pela

madrugada. McClure falava depressa.
Lantry ficava sentado, escutando, abismado. Aqui estava esse louco, McClure, dando-lhe as cartas! Aqui estava este estúpido cientista, ou seja lá o que for, aceitando-o não como uma bagagem suspeita, um elemento assassino. Oh, não! Bem ao contrário! Só como caso de animação suspensa é que era considerado! Absolutamente não como um homem perigoso. Longe disso!
- Claro - exclamou McClure, sorridente. - Não sabia para onde ir; a quem recorrer. Era tudo incrível, para você.
- Sim.
- Tive o palpite de que você estaria no necrotério, esta noite disse McClure, alegre.
- Oh? - Lantry empertigou-se.
- Sim; não posso explicar. O caos é que vocês; como dizer? Americanos Antigos? Tinham idéias engraçadas sobre a morte. E você esteve entre os mortos por tanto tempo, que senti que você se sentiria atraído pelo acidente, pelo necrotério, e tudo. Não é muito lógico. Tolo, na verdade. É só um sentimento. Detesto esses sentimentos, mas aí está. Vim por uma... adivinhação, não é assim como chamaria?
- Sim ; pode-se dizer isso.
- E aí estava você!
- Aí estava eu - repetiu Lantry.
- Está com fome?
- Já comi.
- Como se arranjou? - Carona.
- O quê?
- As pessoas me deram transporte, na estrada.
- Interessante.
- Acho que é assim que parece. - Olhou para as casas que passavam. - Então, esta é a era espacial, não?
- Sim, estamos indo para Marte já há quarenta anos, agora.
- Fascinante. E aqueles grandes funis, aquelas torres no meio de todas as cidades?

- Aquelas; não ouviu dizer? Os Incineradores. Claro, não tinham nada parecido, em seu tempo. Tivemos algum azar com eles.
Uma explosão em Salem, e outra aqui, tudo num período de quarenta e oito horas. Você ia dizer alguma coisa; o que era?
- Estava pensando, que sorte a minha de ter saído do caixão.
Poderia ter sido jogado num dos seus Incineradores e ter sido queimado.
- É verdade.
Lantry brincava com os mostradores no veículo em forma de besouro. Não iria para Marte. Seus planos tinham mudado. Se este doido simplesmente recusava-se a reconhecer um ato de violência quando tropeçava em cima dele, então que fique com sua loucura. Se não associavam as duas explosões com o homem do túmulo, muito bom; muito bem. Que continuem iludidos. Se não podiam imaginar alguém maldoso, sórdido, e homicida, que Deus os ajude. Esfregou as mãos, satisfeito. Não, não, nada de viagem a Marte para você ainda, Lantry, meu rapaz. Primeiro, vamos ver o que pode ser feito, destruído de dentro para fora. Há tempo de sobra. Os Incineradores podem esperar mais uma semana, mais ou menos. É preciso ser sutil, sabe?
Quaisquer outras explosões imediatas poderiam causar muitas indagações.
McClure estava papagueando furiosamente.
- Claro, você não precisa ser examinado imediatamente. Vai querer um descanso. Vou alojá-lo em minha casa.
- Obrigado. Não me sinto muito disposto a ser testado e investigado. Haverá tempo em uma semana, mais ou menos.
Chegaram à frente de uma casa, e desceram.
- Vai querer dormir, claro.
- Já dormi durante séculos. Gostaria de ficar acordado. Não estou nada cansado.
- Ótimo. - McClure abriu a casa. Dirigiu-se ao bar. - Uma bebida nos fará bem.
- Tome a sua. Beberei depois. Quero apenas sentar-me um pouco.

- Por favor, sente-se. - McClure preparou para si um drinque.
Olhou à volta da sala, olhou para Lantry, parou um instante, com a bebida na mão, inclinou a cabeça de lado, e espetou a língua na bochecha. Então despertou e mexeu o drinque. Andou lentamente até uma poltrona e sentou-se, bebericando em silêncio. Parecia estar procurando escutar algo. - Há cigarros na mesa - falou.
- Obrigado. - Lantry pegou um, acendeu-o e começou a fumar. Não falou nada, por algum tempo.
Lantry pensava, estou levando tudo isso com calma demais. Deveria matá-lo e sair correndo. Ele é o único que me achou, ainda. Talvez tudo isto seja apenas uma armadilha. Talvez estejamos aqui sentados simplesmente esperando pela polícia. Ou seja lá o que for que eles têm no lugar da polícia, agora. Olhou para McClure. Não. Não estavam esperando pela polícia. Estavam esperando por algo diferente.
McClure não falava. Olhava para o rosto de Lantry, e para as mãos de Lantry. Olhou para o peito de Lantry por bastante tempo, com uma calma quietude. Bebia seu drinque. Olhava para os pés de Lantry.
Finalmente, disse: - Onde arranjou suas roupas?
- Pedi as roupas a alguém e deram-me estas. Muito simpático da parte deles.
- Vai ver que é assim que somos, neste mundo. Tudo o que precisa fazer é pedir.
McClure calou-se de novo. Seus olhos moviam-se. Só seus olhos. e nada mais. Por uma ou duas vezes ainda, ergueu seu copo.
Um pequeno relógio tiquetaqueava em algum lugar, mais longe.
- Fale-me a seu respeito, Sr. Lantry.
- Não há nada para contar. I - Está sendo modesto.
- Nada disso; você sabe a respeito do passado. Eu, não sei nada sobre o futuro, ou melhor, "hoje", e anteontem. Não se aprende muito dentro de um caixão.
McClure não falou. Inclinou-se para a frente, em sua poltrona, então voltou a reclinar-se, e abanou a cabeça.

Nunca vão suspeitar de mim, pensava Lantry. Não são supersticiosos, simplesmente não podem acreditar num morto que anda. Portanto, estarei seguro. Vou continuar a adiar o exame médico. Eles são educados. Não vão me forçar. Então, vou trabalhar, para poder ir para Marte. Por fim, os túmulos, na melhor ocasião, e o plano. Meu Deus, que simplicidade. Como são ingênuas estas pessoas.

McClure ficou sentado do outro lado da sala por cinco minutos. Uma frieza se apossara dele. As cores estavam desaparecendo devagar de seu rosto, assim como se vê a cor do remédio desaparecer quando se aperta o bulbo do conta-gotas. Inclinou-se para a frente, sem nada dizer, e ofereceu outro cigarro a Lantry.

- Obrigado. - Lantry aceitou-o. McClure acomodou-se bem em sua poltrona, joelhos dobrados um sobre o outro. Não olhava para Lantry, mas olhava, de algum modo. O sentimento de avaliação e perscrutação voltou. McClure era como um alto e magro mestre. Cão de caça, ouvindo algo que ninguém conseguia ouvir. Há pequenos apitos de prata, que quando são soprados, só os cães podem ouvir.

McClure parecia estar ouvindo atentamente, com toda sua sensibilidade, um assobio invisível, escutandocom os olhos e com sua boca meio aberta, seca, e com suas narinas, tensas.

Lantry sugou o cigarro, várias vezes, e outras tantas, sopiou. McClure era como um esbelto cão de caça, escutando, e escutando, olhando de esguelha, com uma apreensão mostrando-se naquela mão, tão precisamente microscópica que só podia ser sentida do modo que se ouvia o apito invisível, com alguma parte do cérebro mais profunda que olhos, ou narinas ou orelhas.

A sala estava tão quieta que a fumaça do cigarro fazia uma espécie de ruído invisível, subindo para o teto. McClure era um termômetro, uma balança de químico; um cão à espreita, um papel de tornassol; uma antena; tudo isso junto. Lantry estava imóvel. Talvez aquele sentimento passasse. Passara antes. McClure não se moveu por um bom tempo, e então, sem palavras, apontou a garrafa de sherry com o queixo, e Lantry

também recusou em silêncio. Ficavam sentados, mas sem olhar um para o outro, olhando e desviando o 1har, repetidamente.
McClure enrijeceu-se devagar. Lantry viu sua cor ficar mais pálida, naquelas faces delgadas, e a mão apertando o vidro de sherry, e uma certeza que viera para ficar, para não mais ir embora, em seus olhos.
Lantry não se moveu. Não podia. Tudo isso tinha uma tal fascinação que ele só queria ver; ouvir tudo o que aconteceria a seguir.
Era o show de McClure, daqui por diante.
McClure falou - De início, pensei que era a primeira psicose que encontrava. Você, quero dizer. Pensei: convenceu-se, Lantry convenceu-se, está totalmente maluco, convenceu-se a fazer todas essas pequenas coisas. - McClure falava como em um sonho, e continuou falando, sem se interromper.
- Disse para mim mesmo: ele, de propósito, não respira pelo nariz. Observei suas narinas, Lantry. Os pêlos nelas nunca se moveram nesta última hora. Mas isso não bastava. Era só um fato que arquivei.
Não era o bastante. Ele respira pela boca, eu disse, de propósito. E então, dei-lhe um cigarro, e você nunca soprou pelo nariz. Disse comigo mesmo: bem, nada de mais. Ele não inala. Isso seria terrível, ou suspeito? Tudo pela boca; tudo pela boca. E então, olhei para seu peito. Fiquei olhando. Nunca se mexia, para cima ou para baixo ; não fazia nada. Ele convenceu-se, pensava comigo. Convenceu-se de tudo isto. Ele não move o peito, exceto devagarinho, quando pensa que não está sendo observado. Foi o que disse comigo mesmo.
As palavras prosseguiam, na sala sossegada, sem parar, ainda num sonho. - E então ofereci-lhe uma bebida, mas você não bebe, e eu pensei, ele não bebe, eu pensei. Seria isso tão terrível? E observei, e observei você todo este tempo; Lantry segura a respiração, está enganando a si mesmo. Mas agora, sim, agora entendo direito. Agora sei o que está se passando. Sabe como sei? Não ouço respiração nesta sala. Espero, e não ouço nada. Não há

batidas do coração, ou ar entrando nos pulmões. A sala está silenciosa, demais. Bobagem, alguém poderia dizer, mas eu sei. No Incinerador, se percebe isso.
Entra-se numa sala onde uma pessoa está numa cama, você sabe imediatamente se ele vai olhar e falar com você, ou se ele nunca mais vai falar. Ria se quiser, mas d possível. É uma coisa subliminar. É o assobio que o cão ouve, quando nenhum humano escuta. É o ruído de um relógio que está ali há tanto tempo que ninguém mais repara.
Existe algo numa sala, quando há um homem vivo nela. E fala algo, quando há um homem morto nela.
McClure cerrou os olhos, por um momento. Pousou seu copo de sherry. Esperou um pouco. Pegou seu cigarro, e apagou-o num cinzeiro preto.
- Estou sozinho nesta sala.
Lantry continuou imóvel.
- Você está morto - disse McClure. - Minha mente não sabe disso. Não é coisa que se pense. É coisa dos sentidos, e do subconsciente. De início eu pensei, este homem pensa que está morto, ergueu-se dentre os mortos, um vampiro. Não é lógico? Qualquer homem, enterrado por tantos séculos, educado por uma cultura ignorante e supersticiosa, pensaria isso de si mesmo, uma vez saído do túmulo. Sim é lógico. Este homem hipnotizou-se e adaptou as funções de seu corpo de modo que não interfeririam com sua ilusão, sua grande paranóia. Ele controla a respiração. Diz para si mesmo: não posso ouvir minha respiração; portanto, estou morto. O íntimo de sua mente censura o ruído da respiração. Não se permite comer ou beber. Estas coisas fazem provavelmente enquanto dorme, com parte de sua mente, ocultando as evidências desta humanidade de sua mente, iludida, o resto do tempo.
McClure terminou. - Estava errado. Você não está louco. Não está iludindo a si mesmo. Nem a mim. Tudo isto é muito ilógico e...
devo admitir... quase assustador. Isso faz você sentir-se bem,

pensar que me amedronta? Não tenho classificação para você. É um homem muito esquisito, Lantry. Estou muito contente por tê-lo encontrado.
Isto vai dar um relatório muito interessante, de fato.
- Há algo de errado em eu estar morto? - perguntou Lantry. É crime?
- Deve admitir que é altamente incomum.
- Mas, mesmo assim é um crime?
- Não temos crimes, nem cortes. Queremos examiná-la, naturalmente, para descobrir o que aconteceu. É como aquela substância química que, num instante, está inerte, e no outro é uma célula viva.
Quem pode dizer o que aconteceu? Você é esse tipo de impossibilidade. É o bastante para enlouquecer qualquer um.
- Serei liberado quando acabarem de me escarafunchar?
- Não ficará preso. Se não quiser ser examinado, não será. Mas estou esperançoso de que você nos ofereça seus serviços.
- Eu poderia.
- Mas, diga-me - disse McClure - O que estava fazendo no necrotério?
- Nada.
- Escutei você falando, quando entrei.
- Eu estava simplesmente curioso.
- Está mentindo; isso é péssimo, Sr. Lantry. A verdade é bem melhor. A verdade é que, não é mesmo, que você está morto, e sendo o único de sua espécie, estava solitário. Portanto, matou gente para ter companhia.
- Como chegou a isso?
McClure riu-se. - Lógica, meu caro. Uma vez eu sabendo que você estava realmente morto, há um minuto, um... como chama...
um vampiro (que palavra mais boba!) associei-o imediatamente às explosões dos Incineradores. Antes, não haveria razão para esta associação. Mas uma vez que esta nova informação encaixou-se ao fato de você estar morto, então era simples adivinhar sua

solidão, seu ódio, sua inveja, todas as motivações grosseiras de um cadáver ambulante.
Então foi só um instante até fazer explodir os Incineradores, e então pensar em você, procurando ajuda, em meio aos corpos no necrotério, procurando amparo, amigos e pessoas como você com quem trabalhar...
- Maldito seja! - Lantry erguera-se da poltrona. Estava a meio caminho para o outro homem, quando McClure saltou de lado, rolando no chão, lançando a garrafa de sherry na outra direção. Com um grande desespero, Lantry percebeu que, como um idiota, jogara fora sua única chance de matar McClure. Deveria tê-lo feito antes. Tinha sido a única arma de Lantry; sua faixa de segurança. Se as pessoas numa sociedade nunca matavam, nunca suspeitavam uma da outra. Poderia ir até qualquer um deles e matá-los.
- Volte aqui! - Lantry atirou a faca.
McClure escondeu-se atrás de uma cadeira. A idéia de fugir, proteger-se, lutar ainda era nova para ele. Conhecia a idéia parcialmente, mas ainda havia alguma sorte do lado de Lantry, se ele quisesse usá-la.
- Oh, não - disse McClure, segurando a cadeira entre ele e o homem, que avançava. - Vai querer me matar. É estranho, mas verdadeiro. Não consigo entender. Quer cortar-me com essa faca, ou algo assim, e o que devo fazer é evitar que faça uma coisa tão maluca.
- Eu vou matá-lo! - Lantry vociferou. Praguejou contra si mesmo. Era a pior coisa para dizer. Lantry pulou sobre a cadeira, e agarrou McClure. McClure foi extremamente lógico. - Não vai fazer-lhe nenhum bem matar-me. Sabe disso. - Lutaram, e agarraram-se, atacando-se na luta. Mesas caíram, espalhando objetos. - Lembra-se do que
aconteceu no necrotério? - Não me importo! - gritava Lantry. - Não ergue aqueles mortos, não? - Não me importa! - Escute - falou McClure, arrazoando. - Nunca mais haverá outros como você, não adianta. - Então vou destruir todos vocês; todos! -

berrava Lantry. - E então, o que? Ainda estará só, sem mais ninguém como você por aí. - Vou para Marte. Há túmulos por lá. Acharei outros como eu! - Não - interrompeu McClure. - A ordem executiva foi expedida ontem. Todos os túmulos terão seus corpos retirados. Serão queimados na semana que vem. Caíram juntos no chão. Lantry agarrou a garganta de McClure. - Por favor - repetiu McClure - não está vendo, vai morrer. - Que está dizendo? - perguntou Lantry. - Uma vez que tenha matado a todos nós, e estiver só, vai morrer! O ódio terá morrido. Pois o ódio é que o move, nada mais! É a inveja que o move; nada mais! Morrerá, inevitavelmente. Não é imortal. Nem mesmo é vivo, não é nada, senão um ódio semovente. - Não me importa! - gritava Lantry, e começou a esganar o homem, golpeando sua cabeça a socos, ajoelhado sobre o corpo indefeso. McClure olhou para ele com olhos moribundos. A porta da frente abriu-se. Dois homens entraram. - Ei, o que está acontecendo? Um novo jogo? Lantry pulou e começou a correr. - Sim; um novo jogo! - disse McClure, tentando levantar-se. - Agarrem-no e vocês ganham! Os dois pegaram Lantry. - Ganhamos - disseram. - Soltem-me! - Lantry debatia-se, socando seus rostos, ensangüentando-os. - Segurem com força! - gritou McClure. Seguraram-no.

- É uma espécie de luta? - um deles falou. - E agora, o que fazemos?

O besouro chiava pela estrada brilhante. A chuva caía do céu e o vento açoitava as árvores molhadas, verde-escuro. No besouro, mãos no meio-volante, McClure falava. Sua voz era uma coisa sussurrante, hipnótica. Os outros dois estavam no banco de trás. Lantry estava sentado, ou melhor, pousado, no banco da frente, cabeça para trás, olhos semicerrados, o brilho verde dos mostradores aparecendo em seu rosto. A boca estava relaxada. Não falava.

McClure falava com calma e logicamente, sobre a vida e o movimento, sobre a morte e a ausência de movimento, sobre o sol, e o grande sol Incinerador, sobre o túmulo vazio, sobre o ódio, e como ele vivia e fazia um homem de barro viver e mover-

se, e como tudo isso era ilógico, tudo, tudo isso. Quando se estava morto, estava-se morto, morto, e isso era tudo, tudo, tudo. Não se podia tentar ser de outro modo. O carro sussurrava na estrada. A chuva martelava suave, no pára-brisa. Os homens no banco traseiro conversavam em voz baixa. Aonde está indo, aonde? Ao Incinerador, claro. Fumaça de cigarro subindo lentamente pelo ar, enrolando-se e amarrando-se em voltas e espirais cinzentas. Quando se estava morto, devia-se aceitar isso.

Lantry não se moveu. Era uma marionete, com os fios cortados. Só havia um pouquinho de ódio em seu coração, em seus olhos, como dois carvões, fracos, brilhando, mas apagando.

Sou Poe, pensou. Sou o que restou de Edgar Allan Poe, e sou o que restou de Ambrose Bierce, e tudo o que restou de um homem chamado Lovecraft. Sou um morcego noturno cinzento com dentes aguçados, e sou um monstro monolítico, quadrado e negro. Sou Osíris, e Baal, e Set. Sou o Necronomicon, o Livro dos Mortos. Sou a casa de Usher, caindo em chamas. Sou a Morte Rubra. Sou o homem emparedado na catacumba com um frasco de Amontillado... Sou um esqueleto que dança. Sou um caixão, uma mortalha, um relâmpago refletido na janela de uma velha casa. Sou uma árvore despida, de outono, sou uma veneziana rangedora, batendo. Sou um livro amarelado compulsado por uma mão em forma de garra. Sou um órgão tocado no sótão, à meia-noite. Sou uma máscara, uma máscara de caveira, atrás de um carvalho, no último dia de outubro. Sou uma maçã envenenada boiando numa tina cheia, para que os narizes das crianças batam nela, para os dentes das crianças apanharem... Sou uma vela negra acesa na frente de uma cruz invertida. Sou uma tampa de caixão, um lençol com olhos, uma pegada numa escadaria negra. Sou Dunsany e Machen e sou a Lenda Da Cova Adormecida. Sou a Pata do Macaco e o Riquixá Fantasma. Sou o Gato e o Canário, o Gorila, o Morcego. Sou o fantasma do pai de Hamlet, na mura-lha do castelo.

Todas essas coisas, sou eu. E agora essas últimas coisas serão incineradas. Enquanto eu vivi, elas ainda existiam. Enquanto me

movi e odiei e existi, elas ainda existiam. Só eu me lembro delas. Sou tudo delas que ainda continua e não continuará, depois desta noite. Esta noite, todos nós, Poe, e Bierce, e o pai de Hamlet, queimaremos juntos. Vão nos amontoar, e vão nos acender como a uma fogueira, para um linchamento: gasolina, tochas, gritos, e tudo o mais!

E que gritaria vamos fazer. O mundo vai se livrar de nós, mas quando formos, diremos, o que vai ser do mundo, limpo do medo, o que será da imaginação sombria, do tempo sombrio, a ansiedade, a antecipação, o suspense do velho outubro, foram-se, para nunca mais voltar, amassados e esmagados e queimados pela gente dos foguetes, pela gente do Incinerador, destruídos e obliterados, para serem substituídos por portas que abrem e fecham e luzes que acendem e apagam, sem medo. Se apenas pudessem se lembrar de como nós vive-mos, certa feita, o que o Dia das Bruxas era para nós, e o que era Poe, e a nossa glória das morbidezas negras. Mais um brinde, amigos, com Amontillado, antes da fogueira. Tudo isso, tudo, existe, mas só num último cérebro da terra. Todo um mundo morrendo esta noite. Mais um brinde, imploro.

- Aqui estamos - disse McClure.

O Incinerador estava brilhantemente iluminado. Havia música suave por perto. McClure desceu do besouro, e foi para o outro lado do veículo. Abriu a porta. Lantry simplesmente deixou-se ficar ali. A conversa, tão ilógica, tinha feito sua vida esvair-se. Não era nada além de cera, agora, com um fraco brilho nos olhos. Este mundo futuro, como as pessoas conversavam, quão ilogicamente eles arrazoavam para acabar com a sua vida. Não acreditavam nele. A força de sua descrença o congelou. Não podia mover os braços ou pernas. Podia apenas balbuciar coisas sem sentido, friamente, olhos bruxuleando.

McClure e os dois outros ajudaram-no a sair do carro, colocaram-no numa caixa dourada, e empurraram-no numa mesa com roletes para o quente e luminoso interior do edifício.

Sou Edgar Allan Poe, sou Ambrose Bierce, sou o Dia das

Bruxas, sou um caixão, uma mortalha, uma Pata do Macaco, um Fantasma, um Vampiro...
- Sim, sim - dizia McClure, calmo, inclinando-se sobre ele. Eu sei, Eu sei.
A mesa deslizava. As paredes passavam por cima e pelos lados dele, a música tocava. Você está morto, você está logicamente morto.
Sou Usher, sou o Maelstrom, sou o Manuscrito Achado Numa (garrafa, sou o Poço e o Pêndulo, sou o Coração Tagarela, sou o Corvo, nunca mais, never more...
- Sim - disse McClure, enquanto andavam suavemente - eu sei.
- Sou a catacumba! - gritou Lantry.
- Sim, a catacumba - disse o homem que estava andando a seu lado.
- Estou sendo acorrentado a uma parede, e não há garrafa de Amontillado, aqui! - exclamou Lantry, olhos fechados.
- Sim - alguém disse.
Houve um movimento. A porta das chamas abriu-se.
- Agora, alguém está emparedando a cela, deixando-me lá dentro!
- Sim, eu sei! - Um sussurro.
A caixa dourada deslizou pela portinhola.
- Estou sendo emparedado! Uma grande piada, de fato! Vamos embora! - Um grande grito, e muitas gargalhadas.
- Sabemos, compreendemos...
A comporta interior abriu-se. O caixão dourado mergulhou nas chamas.
- Pelo amor de Deus, Montresor! Pelo amor de Deus!

HORA ZERO

Oh, seria tão divertido! Que brincadeira! Uma alegria que não tinham há tempos. As crianças catapultavam-se para cá e para lá através dos verdes gramados, gritando umas para as outras, de mãos da- das, esvoaçando em círculos, subindo nas árvores, rindo. Lá em cima, voavam os foguetes, e os carros-besouros zumbiam pelas ruas, mas as crianças continuavam brincando. Tanto divertimento, tanta tremulante alegria, tanto corre-corre e esfuziante gritaria. Mink entrou correndo pela casa, toda sujeira e suor. Para sete anos, era alta, forte e bem formada. Sua mãe, a Sra. Morris, mal podia acompanhá-la com a vista, enquanto revirava gavetas e ruidosamente jogava panelas e ferramentas numa grande sacola. - Céus, Mink, o que é que há? - O jogo mais bacana do mundo! - respondeu Mink, ofegante, rosto corado.

I - Pare um pouco, e tome fôlego - retrucou a mãe. - Não, não, estou bem! - continuou a menina, do mesmo jeito. - Posso levar estas coisas, mamãe? - Mas não as amasse - respondeu a Sra. Morris. - Obrigada; brigada! - gritou Mink, e zuumm!, foi-se, como um foguete. A Sra. Morris acompanhou a veloz rapariga com o olhar. - Qual é o nome do jogo? - Invasão! - respondeu Mink. E a porta bateu. A cada metro da rua, as crianças traziam facas e garfos e atiçadores e velhas chaminés de metal e abridores de lata. Era interessante que este furor e agitação se dava apenas entre as crianças menores. As mais velhas, de mais de dez anos, desdenhavam

tudo aquilo e iam passear, torcendo o nariz para tudo aquilo, ou iam brincar de uma versão mais digna de esconde-esconde.

Entrementes, os pais iam e vinham em seus besouros cromados.

Técnicos vinham consertar os elevadores a vácuo, nas casas, os aparelhos de televisão, ou às voltas com tubos de entrega de comida recalcitrantes. A civilização adulta passava e repassava pelas ocupadas crianças, invejando a vigorosa energia da garotada, tolerantemente admirados com aquela sarabanda, desejando mesmo juntarem-se a eles.

- Isto, e isto, e isto - dizia Mink, instruindo os outros com o sortimento de colhetes e chaves de boca. - Façam isto e tragam aquilo. Não! Aqui! sua boba! Isso. Agora, saiam, enquanto arranjo isto. - Língua entre os dentes, testa enrugada, com a concentração.
- Assim; vê?
- Ssiiimmm!! - gritaram as outras crianças.
Joseph Connors, de doze anos, veio correndo.
- Vá embora - foi logo dizendo Mink.
- Quero brincar - respondeu ele.
- Não pode!
- Por que não?
- Você riria de nós.
- Juro, não vou rir.
- Não; nós conhecemos você. Vá embora, ou batemos em você.
Outro menino de doze anos veio vindo, num pequeno "skate" motorizado. - Ei Joe! Vamos! Deixe esses mariquinhas aí brincando!
Joseph hesitava, relutante. - Mas eu quero brincar - disse.
- Você é velho - redargüiu Mink, firme.
- Não tão velho assim - respondeu Joe, ofendido.
- Você só riria, e estragaria a Invasão.
O menino no "skate" fez um ruído de desdém com os lábios.
- Vamos, Joe! Deixe-os, com suas maluquices! São doidos!
Joseph afastou-se, lentamente. Ficou olhando para trás, o tempo todo.
Mink estava de novo ocupada. Fez uma espécie de aparelho com o equipamento que reunira. Tinha dado um bloco e um lápis a uma outra menininha para tomar notas, o que fazia com grande esforço, devagar. Suas vozes erguiam-se e baixavam, à quente luz do sol.
À volta deles a cidade rumorejava. As ruas estavam alinhadas com boas e pacificas árvores. Só o vento causava alguma perturbação, pela cidade, pelo país, pelo continente. Em mil outras cidades, havia árvores, crianças e avenidas, homens de negócios

em seus escritórios, gravando suas vazes, ou vendo televisores. Foguetes planavam como agulhas voadoras no céu azul. Havia uma silenciosa universal pretensão e calma dos homens acostumados à paz, certos de que nunca mais haveria problemas. De braços dados, os homens em todo o planeta eram uma frente unida. As armas perfeitas eram equanimemente mantidas em confiança por todas as nações. Uma situação de equilíbrio incrivelmente belo tinha sido estabelecida. Não havia traidores entre os homens ; não havia infelizes, nem desprivilegiados, portanto, o mundo estava assentado sobre solo firme. O sol iluminava metade do mundo, e as árvores modorravam numa maré de ar tépido.

A mãe de Mink, da janela do andar de cima, olhava para baixo.

As crianças. Olhava para elas e abanava a cabeça. Bem, comeriam bem, dormiriam bem, e estariam na escola na segunda-feira.

Abençoados sejam seus corpinhos vigorosos. Escutava.

Mink falava séria com alguém perto daquela roseira - mas não havia ninguém ali.

Essas estranhas crianças. E a menininha, como era seu nome?

Arma? Arma tornava notas num bloco. Primeiro, Mink perguntava alguma coisa à roseira, e então ditava a resposta para Arma.

- Triângulo - disse Mink.

- O que é um tri - interrompeu Arma, em dificuldades - ... ângulo?

- Não importa - respondeu Mink.

- Como se soletra? - perguntou Arma.

- T-r-i - soletrava Mink, devagar, e então, perdeu a paciência. Ora, soletre você mesma! - E passou adiante, para outras palavras. Feixe - ditou.

- Ainda não escrevi tri... - repetiu Arma - ... ângulo, ainda!

- Ora, depressa; depressa! - exclamou Mink.

A mãe de Mink inclinou-se no peitoral da janela. - Â-n-g-u-la soletrou, para Arma.

- Obrigada, Sra. Morris - agradeceu Arma.

- De nada! - respondeu a mãe de Mink, e foi para dentro, rindo, para limpar a sala com um eletro-limpador magnético.
As vozes oscilavam, ao vento. - Feixe - dizia Arma, mal se podendo escutar sua voz.
- Quatro-nove-sete-A-e-B-e-X - dizia Mink, distante, compenetrada. - E um garfo, e um fio e uma... uma... Hexkexagonia-hexagonal!
Na hora do almoço, Mink engoliu o leite de um só gole, e já ia indo para a porta. Sua mãe chamou-a, batendo na mesa.
- Volte, e sente-se - ordenou a Sra. Morris. - Sopa quente num minuto! - Apertou um botão vermelho do serviço de copa, e dez segundos depois, algo aterrissou com um choque surdo no receptáculo de borracha. A Sra. Morris abriu-o, e tirou uma lata com um par de alças de alumínio, abriu-a num gesto rápido, e despejou a sopa quente numa terrina.
Durante todo esse tempo, Mink impacientava-se. - Depressa, mamãe! É uma questão de vida ou morte! Ora...
- Eu também era assim, na sua idade. Sempre vida ou morte. Eu sei.
Mink deglutiu velozmente a sopa.
- Mais devagar - aconselhou a mãe.
- Não posso ; Drill está me esperando.
- Quem é Drill? - Que nome mais esquisito - perguntou Mamãe.
- Você não o conhece.
- Um menino novo na vizinhança?
- É, ele é novo. - A menina começou a comer seu segundo prato.
- Qual deles é Drill?
- Está por ai - respondeu Mink, evasiva. - Você vai dar risada.
Todo mundo que fica xereteando acaba dando risada, puxa vida! reclamou, veemente.
- Drill é muito tímido?
- Sim... Não... De certo modo. Puxa, mãe, preciso correr se quiser a Invasão!
- Quem está invadindo o quê?
- Marcianos invadindo a Terra. Bem, não são exatamente

marcianos. São... bem, não sei. Lá de cima. - Apontou com a colher.
- E dentro - acrescentou a mãe, tocando a testa febril de Mink.
Mink retrucou. - Você está rindo! Vai matar Drill, e todo mundo!
- Não queria dizer isso - desculpou-se a mãe. - Drill é um marciano?
- Não. Ele é... talvez de Júpiter, ou Saturno, ou Vênus. De qualquer modo, passou uns maus bocados.
- Imagino. - A Sra. Morris abafava o riso atrás de sua mão.
- Não conseguiam imaginar um meio de atacar a Terra.
- Somos inexpugnáveis - comentou a mãe, fingindo seriedade.
- Foi essa a palavra que Drill usou! Inexpu... foi isso mesmo!
- Ora, vejam, Drill é um menino muito inteligente. Usa palavras complicadas.
- Não conseguiam imaginar um meio de atacar, mamãe. Drill diz; ele diz que para se ter uma boa luta, deve-se ter um meio de apanhar as pessoas de surpresa. Assim, a gente ganha. E ele diz que também se deve ter alguma ajuda do inimigo.
- Uma quinta coluna - acrescentou a mãe.
- Sim; foi o que Drill disse. E eles não conseguiam nenhum jeito de surpreender a Terra, ou conseguir ajuda.
- Sem dúvida; somos bastante fortes. - Mamãe riu-se, limpando a mesa. Mink ficou ali sentada, olhando para a mesa, pensando no que falava.
- Até que um dia - sussurrou Mink, melodramática - pensaram nas crianças!
- Ora, vejam! - surpreendeu-se a Sra. Morris.
f - E viram que os adultos estão sempre tão ocupados que nunca olham em roseiras e gramados!
- Só quando procuram vermes e fungos.
- E há algo sobre dim-dims...
- Dindins?
- Dimen-sões...
- Dimensões?
- Quatro! E algo sobre crianças com menos de nove anos, e

imaginação. É mesmo muito divertido ouvir Drill falar.
A Sra. Morris tinha se cansado. - Bem, deve ser divertido.
Agora, Drill deve estar esperando. Está ficando tarde, e se quiser que a sua Invasão aconteça antes do banho, e antes da janta, é melhor pular.
- Preciso mesmo tomar banho? - reclamou Mink.
- Claro; por que será que crianças detestam água? Não importa em que era vivamos, crianças odeiam água atrás das orelhas.
Drill diz que não mais precisaremos tomar banho.
- Ah, é isso o que ele diz, é?
- Disse isso a todas as crianças. Nada de banhos. E poderemos ficar acordados até as dez da noite, e ver dois shows do televisor no sábado, ao invés de um!
- O senhor Drill deveria controlar a língua, senão vou falar com a mãe dele, e...
Mink estava na porta. - Estamos tendo problemas com caras como Pete, Britz e Dale Jerrick. Estão crescendo. Começam a dar risadas. São piores do que pais. Simplesmente não acreditam mais em Drill. Ficam tão emproados, só porque estão crescendo. Até parecem que são donos do mundo. Eram pequenos, há dois anos. Detesto eles. Vamos matá-los primeiro de tudo.
- Seu pai e eu depois?
- Drill diz que vocês são perigosos. Sabe porque? Porque não acreditam em marcianos! Vão deixar que nós governemos o mundo.
Bem, não nós, mas as crianças do quarteirão seguinte, também. Eu, poderia ser rainha. - Abriu a porta.
- Mamãe.
- Sim?
- O que é lógica?
- Lógica? Meu bem, lógica é saber que coisas são e não são verdadeiras.
- Ele mencionou isso. E o que é im-press-sionável? - Levou um minuto para ela acertar esta palavra.

- Quer dizer... - Sua mãe olhou para o chão, e achou graça. Quer dizer... ser criança, querida.
- Obrigada pelo almoço! - Mink saiu correndo, mas logo mostrou o rosto pela porta. - Mamãe, estou certa de que você não vai se machucar muito, verdade!
- Obrigada!
- Blam! Lá se foi a porta, de novo.
Às quatro, o áudio-visor tocou. A Sra. Morris ligou o visor. Viva, Helen!
- Olá, Mary. Como estão as coisas, aí em Nova Iorque?
- Bem. E aí em Scranton? Parece cansada.
- E você também. As crianças. Sempre me atormentando.
A Sra. Morris suspirou. - Minha Mink também. A super-Invasão.
Helen riu-se. - Suas crianças estão também brincando disso?
- Pelos céus, sim. Amanhã serão locomotivas geométricas e o jogo de amarelinha mecânico. Será que fomos tão ruinzinhas assim quando éramos crianças, em 48?
- Pior. Japoneses e nazistas. Não sei como meus pais me agüentaram. Só brincava com meninos.
- Os pais aprendem a não dar atenção h essas coisas.
Um silêncio.
- O que há, Mary?
Os olhos da Sra. Morris estavam semicerrados; sua língua umedecida, seu lábio inferior, e ela pensava. - Hein? - acordou, de repente. - Nada; estava pensando nisso. Não dar importância, não escutar... Não importa; do que falávamos?
- Meu filho Tom está vidrado num cara chamado ... Drill; é, acho que é esse o nome.
- Deve ser um código. Mink gosta dele, também.
- Não sabia que já tinha chegado até Nova Iorque. Passou de boca em boca, parece. Uma nova mania. Falei com Josephine, e ela disse que seus filhos - ela mora em Boston - estão fanáticos por essa nova brincadeira. Está por todo o país.
Naquela hora, Mink entrou na cozinha para engolir um copo d'água. A Sra. Morris voltou. - Como vão as coisas?

- Quase acabando.
- Ótimo. Ei, o que é isso?
- Um ioiô. Veja!
Ela jogou o ioiô. Ao chegar ao fim do barbante...
Desapareceu.
- Viu só? - disse Mink. - Upa! - Remexendo os dedos, fez o ioiô reaparecer, e enrolar-se de novo.
- Faça isso de novo - pediu sua mãe.
- Não posso. A hora zero é às cinco! Té logo! - Mink saiu, jogando seu ioiô.
No áudio-visor, Helen ria-se. - Tim trouxe um desses ioiôs esta manhã, mas quando me interessei, ele disse que não queria que eu visse, e quando por fim eu tentei usá-lo, não funcionou.
- Você não é impressionável.
- O que?
- Nada; algo que pensei. Você queria algo, Helen?
- Eu queria aquela receita daquele bolo preto e branco...
A hora arrastou-se. O dia passava. O sol baixava, no pacífico céu azul. As sombras se encompridavam nos verdes gramados. O riso e a brincadeira continuavam. Uma menininha afastou-se, chorando. A Sra. Morris apareceu na porta da frente.
- Mink, era Peggy Ann chorando?
Mink estava agachada no jardim perto da roseira. - Sim; ela é uma medrosa. Não vamos mais deixá-la brincar, agora. Está ficando muito velha para a brincadeira. Acho que ela cresceu de repente.
- Por isso que estava chorando? Bobagem. Dê-me uma resposta decente, jovenzinha, ou então, já para dentro!
Mink voltou-se, consternada, e ao mesmo tempo, agastada. Não posso ir, agora. Está quase na hora. Serei boazinha. Desculpe.
- Você bateu em Peggy Ann?
Não; juro. Pergunte a ela. Foi uma coisa... ora, ela é só uma medrosa.
O grupo de crianças reuniu-se à volta de Mink, onde ela afanava-se trabalhando com colheres e uma espécie de disposição

quadrada de martelos e canos. - Aqui, e ali - murmurava Mink.
- O que está errado? - perguntou a Sra. Morris.
- Drill entalou no meio do caminho. Se pudéssemos puxá-lo, seria mais fácil. Então todos os outros poderiam vir, depois dele.
- Posso ajudar?
- Não ; mãe; obrigada. Posso consertar.
- Está bem; vou chamá-la para o banho em meia hora. Estou cansada de ficar olhando essa brincadeira.
Entrou, e sentou-se na cadeira elétrica de relaxamento, bebericando um pouco de cerveja de um copo quase vazio. A cadeira massageava suas costas. Crianças, crianças. As crianças amam e odeiam, simultaneamente. Às vezes, as crianças nos amam... e nos odeiam - tudo em fração de segundo. Como são estranhas. Será que perdoavam, ou esqueciam as surras e as ordens ásperas? Imaginava: como se pode esquecer ou perdoar aqueles seus superiores, aqueles altos e estúpidos tiranos?
Passava o tempo. Um curioso silêncio de expectativa na rua, intensificando-se.
Cinco horas. Um relógio falou, baixinho, em algum lugar da casa, numa voz musical e suave: - Cinco horas - cinco horas. O tempo urge. Cinco horas. - E logo mergulhou no silêncio.
Hora Zero.
A Sra. Morris deu um riso contido. Zero Hora.
Um carro-besouro na rua. O Sr. Morris. A Sra. Morris sorriu. O Sr. Morris saiu do besouro, fechou-o e saudou Mink, ainda em seu trabalho. Mink ignorou-o. Riu, e ficou olhando as crianças um pouco. Então subiu os degraus da frente.
- Olá, querida.
- Olá, Henry.
Ela imobilizou-se, na borda da poltrona, escutando. As crianças estavam caladas. Quietas demais.
Ele esvaziou o cachimbo, e encheu-se de novo. - Um bom dia.
Chega a dar gosto viver, ZZZZZZ.
- Que foi isso? - perguntou Henry.
- Não sei. - Ela levantou-se, súbito, olhos arregalando-se. Ia dizer

uma coisa. Interrompeu-se. Ridículo. Seus nervos estavam tensos.
- Aquelas crianças não estão com nada perigoso, lá fora, não?
- Nada, senão canos e martelos. Por quê?
- Nada elétrico?
- Caramba, não; eu olhei.
Ela foi até a cozinha. O zumbido continuava. - Mesmo assim, é melhor ir lá e dizer que parem. Já passa das cinco. Diga-lhes... Seus olhos arregalaram-se, e depois estreitaram-se. - Diga-lhes para adiarem sua Invasão até amanhã. Deu uma risada nervosa.
O zumbido aumentou.
- Mas, o que estão aprontando? É melhor eu ir ver.
Uma explosão!
A casa tremeu com um som abafado. Houve outras explosões, em outros quintais, em outras ruas.
Involuntariamente, a Sra. Morris gritou. - Vamos subir, por aqui! chorava, sem razão, sem consciência, sem raciocinar. Talvez tivesse visto algo com o canto dos olhos; talvez sentira um cheiro estranho, ou escutara um ruído. Não havia tempo para discutir com Henry, para convencê-lo. Que pense que está louca. Sim, louca! Gritando, ela correu escada acima. Ele seguiu-a, para ver o que ela poderia fazer. - No sótão! - ela gritou. - É lá que foi!
- Era uma pobre desculpa, para fazê-la chegar ao sótão em tempo. Ó meu Deus, em tempo!
Outra explosão lá fora.- As crianças gritavam, entusiasmadas, como se fosse uma grande exibição de pirotecnia.
- Não é no sótão! - exclamou Henry. - É lá fora!
- Não! Não! - Engasgando, ofegante, procurava abrir a porta do sótão. - Vou mostrar. Depressa! Vou... mostrar!
Entraram no sótão. Ela bateu a porta, trancou-a, pegou a chave, e jogou-a para um canto.
Ela estava apenas balbuciando, agora. Tinha percebido tudo. Toda a suspeita subconsciente, e o medo que tinham se acumulado secretamente durante toda a tarde, e fermentado como vinho, dentro dela. Todas as pequeninas revelações e conhecimento, e sentido que a preocuparam todo o dia que ela

lógica, razoável e cuidadosamente rejeitara e censurara. Agora explodia dentro dela e a desfazia em pedaços.
- Pronto; pronto - ela repetia, soluçando, apoiada contra a porta. - Estamos seguros, até anoitecer. Talvez possamos fugir. Talvez possamos escapar!
Henry explodiu, também, mas por outra razão. - Está louca?
Por que jogou fora a chave? Maldição!
- Sim; sim, estou maluca, se é isso o que acredita, mas fique aqui comigo!
- Não poderia sair, mesmo que quisesse!
- Cale-se. Podem nos ouvir. Meu Deus, eles vão nos achar logo...
Lá embaixo, a voz de Mink. O marido calou-se. Havia um grande zumbido e fervor universal, uma gritaria, e risadas. Lá embaixo, o áudio-televisor tocava e tocava insistentemente, alarmantemente, violentamente. - Seria Helen chamando? - pensou a Sra. Morris. E será que ela está chamando para perguntar aquilo que estou pensando?
Passos entrando na casa. Passadas pesadas.
Quem está entrando em minha casa? - perguntou Henry, irritado.
- Quem está andando lá embaixo?
Passos pesados. Vinte, trinta, quarenta, cinqüenta deles. Cinqüenta passos enchendo a casa. O zumbido. O riso das crianças. Por aqui! - exclamou Mink - no andar de baixo.
- Quem está ai? - gritou Henry. - Quem está ai"?!
- Quieto. Oh, nãonãonãonão! - falou sua mulher, fracamente, segurando-o. - Por favor, fique quieto. Eles podem ir embora.
- Mamãe? - chamou Mink. - Papai? - Uma pausa. Onde estão?
Passos passados, pesados, pesados, muito pesados, se aproximavam pela escada. Mink os conduzia.
- Mamãe? - uma hesitação - Papai? - Uma espera, um silêncio.
Zumbido. Passos na direção do sótão. Mink ia na frente.
Tremiam, juntos, em silêncio, no sótão; o Sr. e a Sra. Morris. Por algum motivo, o zumbido elétrico, a estranha luz fria, de repente visível sob a fresta da porta, o odor estranho, e o

estranho tom de ansiedade na voz de Mink finalmente chegaram também a Henry Morris. Deixou estar, tremendo, no escuro silencioso, a mulher ao lado.
- Mamãe! Papai!
Passos. Um fraco zumbido. O sótão parecia derretido. A porta abriu-se. Mink espiou dentro, altas sombras azuis atrás dela.
- Surpresa! - disse Mink.

O HOMEM

O capitão Hart estava à porta do foguete. - Por que eles não vêm? - perguntou.
- Quem sabe? - disse Martin, seu tenente. - Não faço idéia, capitão.
- Mas que raio de lugar é este, afinal? - O capitão acendeu um charuto. Jogou o fósforo no mato, que começou a queimar.
Martin adiantou-se para apagá-lo com sua bota.
- Não - ordenou o capitão Hart - deixe queimar. Talvez eles venham ver o que está acontecendo, esses idiotas ignorantes.
Martin deu de ombros e retirou o pé do fogo que se propagava.
O capitão Hart examinou seu relógio. - Já há uma hora que descemos aqui, e o comitê de recepção vem com uma banda para nos saudar? Não, nada disso! Viajamos milhões de milhas pelo espaço e os bons cidadãos de alguma cidadezinha de um planeta desconhecido, nos ignoram! - Com desagrado, bateu em seu relógio. - Vamos dar-lhes só mais cinco minutos, e então...
- E então o quê? - perguntou Martin, sempre polido, observando o nervosismo do capitão.
- Vamos voar sobre a maldita cidade deles de novo, e aterrorizá-los. - Sua voz acalmou-se. - Você acha, Martin, que talvez eles não tenham visto nossa descida?
- Eles nos viram. Olharam para cima, quando os sobrevoamos.
- Então, por que não estão correndo pelos campos? Estarão se escondendo?
Martin abanou a cabeça. - Não. Tome este binóculo. Veja por si mesmo. Todos estão andando por aí. Não estão assustados. Eles...
bem, parece que não se importam.
O capitão Hart pôs o binóculo sobre seus olhos cansados. Martin observou nele as rugas de irritação, cansaço, nervosismo. Hart parecia ter um milhão de anos; nunca dormia, comia pouco, e extenuava-se constantemente. Agora sua boca mexia-se, envelhecida e cansada, abaixo do binóculo que segurava.

- De fato, Martin, não sei por que nos preocupamos. Construímos foguetes, temos todo esse trabalho de cruzar o espaço, procurando por eles, e é isso o que ganhamos. Desprezo. Veja só todos aqueles vagabundando por ali. Não percebem a grandiosidade de tudo isto?
É o primeiro vôo espacial a chegar à terrinha deles. Quantas vezes isto já teria acontecido por aqui? Será que ficaram "blasés"? Martin ignorava.
O capitão Hart devolveu-lhe o binóculo, desanimado. - Por que fizemos isso, Martin? Esta viagem espacial, quero dizer. Sempre à frente; sempre procurando. Sempre sob tensão, sem descanso algum.
- Talvez não estejamos procurando paz e sossego. Por certo, não há nada disso na Terra - respondeu Martin.
- Não, não há mesmo, não é? - O capitão Hart estava pensativo, e o fogo apagava-se, agora. - Nunca mais, desde Darwin, hein?
Nunca, depois que tudo foi por água abaixo, tudo em que acreditávamos, não? O poder divino, e tudo aquilo. E então a gente pensa que d por isso que estamos indo para as estrelas, não é, Martin? Procurando nossas almas perdidas, é ou não é? Tentando fugir de nosso planeta mau para outro bom?
- Talvez, senhor. Certamente, estamos procurando algo.
O capitão Hart limpou a garganta e aprumou-se. - Agora, vamos procurar o prefeito daquela cidade. Corra, diga quem somos, a primeira expedição ao planeta quarenta e três do Terceiro Sistema Estrelar. O capitão Hart envia suas saudações e deseja ver o prefeito.
Vá, acelerado!
- Sim, senhor. - Martin foi andando pelo capim alto.
- Depressa! - instou o capitão.
- Sim senhor! - e Martin afastou-se, rapidamente. Depois, passou a andar, sorrindo sozinho.
O capitão tinha fumado dois charutos, quando Martin voltou.
Martin parou e olhou pela porta do foguete, sem pisar firme, aparentemente incapaz de focalizar o olhar, ou sequer

pensar.
- E então? - foi logo perguntando Hart. - O que aconteceu?
Eles virão nos recepcionar?
- Não. - Martin encostou-se contra nave, meio tonto.
- Por que não?
- Porque não é importante - respondeu Martin. - Dê-me um cigarro, por favor, capitão. - Seus dedos agarraram cegamente o pacote, depois continuava olhando para a cidade, luminosa, e piscava.
Acendeu um e fumou, quieto, por um bom minuto.
- Diga algo! - gritou o capitão. - Não estão interessados em nosso foguete?
Martin acordou - O quê? Ah, o foguete? - Ficou olhando para o cigarro. - Não; não estão interessados. Parece que viemos numa hora inoportuna.
- Hora inoportuna!
Martin foi paciente. - Capitão, escute. Algo grandioso aconteceu ontem, naquela cidade. Tão grande, tão importante, que somos secundários e estamos em segundo plano. Preciso sentar-me. - Perdeu o equilíbrio, e sentou-se, pesadamente, ofegante.
O capitão mordeu o charuto, irritado. - O que aconteceu?
Martin ergueu a cabeça, a fumaça do cigarro em seus dedos, sendo soprada pelo vento. - Senhor, ontem, naquela cidade, um homem notável apareceu - bom, inteligente, caridoso, e infinitamente sábio!
O capitão fitava o seu tenente. - E o que isso tem a ver conosco?
- É difícil explicar. Mas ele era um homem por quem eles haviam esperado por muito tempo - um milhão de anos, talvez. E ontem, ele entrou na cidade deles. Por isso que hoje, senhor, a descida de nosso foguete nada significa.
O capitão sentou-se violentamente. - Quem era? Não Ashley!?
Ele não teria chegado antes de nós em seu foguete, roubando minha glória, não? - Agarrou o braço de Martin. Seu rosto estava pálido e chocado.
- Não era Ashley, senhor.

- Então foi Burton! Eu sabia. Burton correu à nossa frente e arruinou meu desembarque! Não se pode confiar em ninguém mais.
- Tampouco foi Burton, senhor - disse Martin, calmamente.
O capitão estava incrédulo. - Só haviam três foguetes. Estávamos à frente. Esse homem que chegou na nossa frente; qual é o nome dele?
- Não tinha um nome. Não precisa de nome. Seria diferente em cada planeta, senhor.
O capitão ficou fixando Martin com olhos duros e cínicos.
- E o que ele fez de tão maravilhoso que ninguém sequer olha para nossa nave?
- Uma coisa - continuou Martin, impassível - curava os doentes e confortava os pobres. Combatia a hipocrisia e a política suja, e sentava-se no meio do povo, conversando o dia todo.
- E isso é tão maravilhoso?
- É, capitão.
- Não compreendo. - O capitão defrontou-se a Martin, olhando bem em seu rosto, e em seus olhos. - Andou bebendo? - Estava desconfiado. Afastou-se. - Não entendo.
Martin olhou para a cidade. - Capitão, se o senhor não entende, não há como explicar-se.
O capitão seguiu seu olhar. A cidade estava quieta, e linda, e uma grande paz pousava sobre ela. O capitão adiantou-se, tirando o charuto dos lábios. Olhou de esguelha para Martin, depois para os pináculos dourados dos edifícios.
- Não quer dizer - não pode ser - aquele homem de que estava falando não poderia ser...
Martin confirmou. - Era o que eu queria dizer, senhor.
O capitão ficou parado, calado. Ergueu-se.
- Não acredito - disse, por fim.
Ao meio-dia, o capitão Hart marchou para a cidade, acompanhado pelo tenente Martin e um assistente que carregava algum equipamento elétrico. De quando em quando, o capitão ria-se alto, punha as mãos na cintura, e abanava a cabeça.

O prefeito da cidade estava à frente deles. Martin montou um tripé, parafusou uma caixa nele, e ligou as baterias.
- É o prefeito? - O capitão apontou-o com o dedo.
- Sim, sou eu - respondeu o prefeito.
O aparelho delicado ficava entre eles, controlado e ajustado por Martin e o assistente. Tradução instantânea de qualquer língua era dada pela caixa. As palavras soavam ásperas no ar fresco da cidade.
- Sobre a ocorrência de ontem - disse o capitão. - Aconteceu?
- Sim, aconteceu.
- Tem testemunhas?
- Temos.
- Podemos falar com elas?
- Converse com qualquer um de nós - disse o prefeito -, somos todos testemunhas.
Num aparte para Martin, o capitão falou: - Alucinação coletiva. - E para o prefeito: - Como era o aspecto desse homem; desse estranho?
- Seria difícil dizer - retrucou o prefeito, sorrindo.
- Por quê?
- As opiniões difeririam um pouco.
- Gostaria de ter a sua opinião, senhor, de qualquer modo respondeu o capitão. - Grave isso - ordenou a Martin, sobre o ombro. O tenente apertou o botão de um gravador portátil.
- Bem - retomou o prefeito - era um homem muito gentil e bom. De uma profunda e sábia inteligência.
- Sim; sim, eu sei, eu sei. - O capitão gesticulou. - Generalidades. Quero algo específico. Como era a aparência dele?
- Não creio ser isso importante - replicou o prefeito.
- Mas é muito importante - asseverou o capitão. - Quero uma descrição desse camarada. Se não a conseguir com você, conseguirei com outros. - E para Martin: - Estou certo de que foi Burton, com algum de seus truques.
Martin não quis encará-lo, e estava imerso em silêncio.
O capitão estalou os dedos. - Houve algo assim como... uma

cura?
- Muitas curas - concordou o prefeito.
- Posso ver um caso?
- Pode; meu filho. - E olhou para um menino que se aproximava.
- Ele tinha um braço aleijado. Agora, veja só, Com isto, o capitão riu-se, tolerante. - Sim; sim. Nem chega a evidência circunstancial, como sabe. Eu não vi o braço do menino antes. Vejo agora só o braço dele inteiro e em bom estado. Isso não é prova. Que provas tem de que o braço do menino estava aleijado ontem, e hoje está bom?
- Minha palavra é minha prova - disse o prefeito com simplicidade.
- Meu bom homem! - exclamou o capitão. - Não quer que eu me baseie apenas em palavras, não? Claro que não!
- Lamento - replicou o prefeito, olhando para o capitão com algo entre compaixão e curiosidade.
- Tem algum retrato do menino de antes de hoje? - quis saber o capitão.
Depois de alguns instantes, um grande retrato a óleo foi trazido, mostrando o menino com o braço aleijado.
- Meu caro! - O capitão afastou o quadro. - Qualquer um pode pintar um quadro. As pinturas mentem. Quero uma fotografia do menino.
Não havia fotografia. A fotografia não era conhecida naquela sociedade.
- Bem - suspirou o capitão, de nariz torcido - vou falar com alguns outros cidadãos. Deste jeito, não conseguimos nada. - Apontou para uma mulher. - Você. - Ela hesitou. - Sim, você ; venha cá.
Conte-me sobre esse homem maravilhoso que viu ontem.
A mulher olhou firmemente para o capitão. - Ele andava entre nós, e era muito bondoso e simpático.
- De que cor eram seus olhos?
- Da cor do sol, da cor do mar, da cor de uma flor, da cor das montanhas, da cor da noite.

- Isso basta. - O capitão ergueu as mãos. - Vê, Martin? Absolutamente nada. Algum charlatão passa por aí sussurrando doces nulidades nas orelhas dele e...
- Por favor, pare - disse Martin.
O capitão recuou. - O quê?
- Ouviu o que eu disse - retornou Martin. - Eu gosto desta gente. Eu acredito no que eles dizem. Pode ter a sua opinião, mas guarde-a para si.
- Não pode falar comigo desse jeito - gritou o capitão.
- Para mim chega dessa sua prepotência - replicou Martin. Deixe essas pessoas em paz. Eles têm algo bom e decente, e você vem e suja tudo e ainda torce o nariz. Eu também falei com eles. Andei pela cidade e vi seus rostos, e tem algo que você nunca terá simplesmente, um pouco de fé, e moverão montanhas com isso. Você, você queimou-se só porque alguém roubou sua cena, chegou antes e tornou-o sem importância!
- Dou-lhe cinco segundos para terminar - observou o capitão.
- Eu compreendo. Tem estado sob tensão, Martin. Meses de viagem pelo espaço, a nostalgia, a solidão. E agora, com isto acontecendo, eu compreendo, Martin. Não vou considerar sua pequena insubordinação.
- Mas eu vou considerar a sua pequena tirania - replicou Martin - vou cair fora. Vou ficar aqui.
- Não pode fazer isso!
- Não posso? Tente deter-me. Era isto que eu vim procurar. Eu não sabia, mas é isto. Isto me serve. Leve a sua imundície para algum outro lugar, e vá emporcalhar outros ninhos com suas dúvidas e seu...
método científico! - Olhou rapidamente à volta. - Esta gente teve uma experiência, e você parece não conseguir pôr na cabeça que realmente aconteceu, e que fomos felizardos para chegar quase a tempo de participar dela.
- As pessoas, na Terra, têm falado deste homem por vinte séculos, depois de ele ter passado pela antigüidade. Todos desejamos vê-lo, por umas poucas horas.

O capitão Hart olhou para o rosto de Martin. - Está chorando como uma criança. Pare com isso.
- Não me importo.
- Mas eu sim. Na frente destes nativos, temos de manter as aparências. Você está esgotado. Como disse, perdôo você.
- Não quero seu perdão.
- Seu idiota; não vê que isto ó um dos truques de Burton, para ludibriar esse povo, trapacear com eles, para estabelecer seu negócio de mineração, sob um disfarce religioso! Está doido, Martin. Absolutamente maluco! Já deveria conhecer bem os terráqueos, a estas alturas. Farão qualquer coisa - blasfemar, mentir, trapacear, matar para conseguir o que querem. Tudo está certo, se funcionar; um verdadeiro pragmático, esse Burton. Você o conhece!
- O capitão tentou dissuadi-lo. - Vamos, Martin, admita; é o tipo de canalhice que Burton faria, cevar este pessoal, para depois vir fazer a coleta.
- Não - disse Martin, depois de ter considerado o assunto.
O capitão ergueu a mão - É Burton; é ele, sim. É o tipo de sujeira que aquele criminoso faria. Devo admirar o dragão velho. Chegando aqui flamejante, com um halo e uma boa palavra, amoroso, com uma injeção aqui e um raio curador ali. É bem o estilo de Burton!
- Não - a voz, de Martin estava embargada. Cobriu os olhos.
- Não vou acreditar nisso.
- Você não quer acreditar - insistiu o capitão Hart. - Admita; admita agora! É o tipo de coisa que só Burton poderia fazer. Pare de sonhar acordado. Acorde! Já é dia. Estamos no mundo real, e somos gente de verdade, sujeira e tudo, e Burton é o mais sujo de todo nós!
Martin afastou-se.
- Calma, calma, Martin - disse Hart, batendo nas costas dele, mecanicamente. - Eu compreendo. É um choque para você. Eu sei.
Uma vergonha, e tudo o mais. Aquele Burton é um velhaco.

Agora, vá com calma, deixe que eu cuido do caso.
Martin afastou-se lentamente, rumo ao foguete.
O capitão Martin observou-o afastar-se. Então, tomando fôlego, voltou-se para a mulher que estivera interrogando. - Conte-me mais sobre esse homem. Como estava dizendo, madame?
Mais tarde, os oficiais da nave tornaram sua janta em mesas de cartão, ao ar livre. O capitão relacionou seus dados para o calado Martin que estava sentado, de olhos vermelhos, meditando sobre sua comida.
- Entrevistei três dúzias de pessoas, e todas com a mesma lengalenga adocicada. É trabalho de Burton; tenho certeza. Estará por aqui amanhã, ou na semana que vem para consolidar seus milagres e nos passar para trás, com os contratos. Acho que vou ficar e estragar tudo para ele.
Martin ergueu o olhar, ainda atordoado. - Vou matá-lo.
- Vá com calma, rapaz.
- Vou matá-lo ; juro que vou matá-lo.
- Vamos estragar-lhe os planos. Mas tem de admitir que ele é esperto. Sem ética, mas esperto.
- Ele é sórdido.
- Prometa que não vai fazer nada violento. - O capitão verificou seus dados. - De acordo com isto, houve trinta curas milagrosas; um cego que recuperou a visão, um leproso curado. Bem, deve-se admitir também a eficiência de Burton.
Um gongo soou. Um momento depois, um homem aproximou-se. - Capitão! Um uniforme. A nave de Burton está descendo. E também a de Ashley, senhor!
- Viram! - O capitão socou a mesa. - Aí vêm os chacais para a sua colheita! Mal podem esperar. Vão ver só quando me encontrarem. Vou fazê-los me incluírem no festim; ah, se vou!
Martin parecia doente. Olhou para o capitão.
- Negócios, meu caro, negócios - falou o capitão.
Todos olharam para cima. Dois foguetes despontaram no céu.
Quando os foguetes aterrissaram, quase se acidentaram.
- Que há de errado com aqueles loucos? - bramiu o

capitão, pulando. Os homens correram através da campina, até as naves fumegantes. O capitão chegou. A porta estanque abriu, na nave de Burton.
Um homem caiu em seus braços.
- Que houve? - gritou o capitão Hart.
O tripulante estendeu-se no chão. Inclinaram-se sobre ele, e constataram que estava gravemente queimado. Seu corpo estava coberto de feridas e cortes e tecido inflamado, e fumegando. Olhou para cima, com olhos inchados, e sua língua entumecida movia-se entre os lábios.
- O que aconteceu? - queria saber o capitão, ajoelhado, sacudindo o braço do tripulante.
- Senhor; senhor - murmurou ele. - Há quarenta e oito horas, no Setor Espacial setenta e nove, DFS, perto do primeiro planeta deste sistema, nossa nave, e a de Ashley, passaram por uma tempestade cósmica. - O sangue escorria de sua boca. - Destruídos. Toda a tripulação. Burton morreu. Ashley morreu há uma hora. Só três sobreviventes.
- Escute-me! - gritou Hart, inclinando-se sobre o agonizante.
- Não esteve no planeta antes deste momento?
Silêncio.
- Responda-me! - gritou Hart.
O moribundo respondeu. - Não. Tempestade. Burton morto há dois dias. É a primeira descida em qualquer planeta, há meses.
- Está certo? - insistia Hart, sacudindo o homem violentamente, agarrando suas mias - Está certo disso?
- Sim, estou, estou - murmurou o outro. - Sua cabeça caiu para a frente. Estava morto.
O capitão ficou ajoelhado ao lado do cadáver. O rosto do capitão retorcia-se, os músculos tremendo involuntariamente. Os outros tripulantes estavam às suas costas, olhando para baixo. Martin esperava. O capitão pediu que o ajudassem a levantar-se, e ficou olhando pára a cidade. - Isso significa...
- Significa? - falou Martin.
- Que somos os únicos que estiveram aqui - falou baixo o capitão.

- E aquele homem...
- O que a respeito daquele homem, capitão? - insistia Martin.
O rosto do capitão tremia descontroladamente. Parecia muito velho, de fato, cinzento. Seus olhos estavam vidrados. Andou um pouco, sobre o mato seco.
- Vamos, Martin. Venha. Apoie-me; apoie-me, pois tenho medo de cair. E depressa; não podemos perder tempo...
Tropeçando, dirigiram-se à cidade, no mato seco, espesso, com um vento forte.
Muitas horas mais tarde, estavam sentados no auditório do prefeito. Mil pessoas tinham vindo, falado, e foram-se. O capitão permanecera sentado, rosto conturbado, ouvindo, e ouvindo. Havia tanta luz no rosto daqueles que vinham e testificavam e falavam, que ele não conseguia tolerar olhá-los. E todo o tempo suas mãos iam de seus joelhos para seu cinto, tremendo.
Quando acabou, o capitão Hart dirigiu-se ao prefeito, e com um estranho olhar, disse : - Mas, o senhor deve saber para onde ele foi?
- Ele não disse para onde foi - replicou o prefeito.
- Para um dos mundos vizinhos? - perguntou o capitão.
- Não sei.
- Precisa saber.
- Você o vê aqui? - perguntou o prefeito, indicando a multidão.
O capitão olhou. - Não.
- Então, provavelmente, ele se foi - respondeu o prefeito.
- Provavelmente; provavelmente! - exclamou fracamente o capitão. - Cometi um terrível engano, e quero vê-la, agora. O que me ocorre é que isto é totalmente inusitado na história. Estar envolvido em algo assim. Ora, as chances são de uma em bilhões, de termos chegado num certo planeta, entre milhões de outros, um dia depois de ele ter vindo! Você precisa saber para onde ele foi!
- Cada um o encontra à sua própria maneira - replicou gentilmente o prefeito.
- Você o está escondendo. - O rosto do capitão

lentamente tornou-se sombrio. Um pouco da antiga dureza retomou, aos poucos.
Começou a levantar-se.
- Não - respondeu o prefeito.
- Sabe onde ele está, então? - Os dedos do capitão estremeceram no coldre de couro, a seu lado.
- Eu não poderia dizer onde ele está, exatamente - advertiu o prefeito.
- Eu o aconselharia a começar a falar - e o capitão sacou um pequeno revólver de aço.
- Não há como lhe dizer seja lá o que for - disse o prefeito.
- Mentiroso!
O prefeito mostrou uma expressão de compaixão, ao olhar para Hart.
- Você está muito cansado. Viajou muito, e pertence a um povo cansado, que tem estado sem fé há muito, e quer acreditar tanto, agora, que está fazendo mal a si mesmo. Só vai piorar as coisas, se matar. Nunca vai encontrá-lo, desse modo.
- Para onde ele foi? Ele lhe disse, você sabe. Vamos, conte-me! - O capitão brandiu a arma.
O prefeito abanou a cabeça.
- Diga-me! Diga-me!
O revólver estalou uma, duas vezes. O prefeito caiu, com o braço ferido.
Martin sobressaltou-se. - Capitão!
O revólver virou para Martin. - Não interfira.
No chão, segurando seu braço ferido, o prefeito ergueu o olhar.
- Abaixe essa arma. Está ferindo a si mesmo. Nunca acreditou, e agora que pensa que acredita, fere as pessoas por causa disto.
- Não preciso de você - disse Hart, sem se alterar. - Se eu o perdi aqui por um dia, irei para um outro mundo. E outro, e mais outro. Vou perdê-lo por meio dia, no planeta seguinte, talvez, e por um quarto de dia no terceiro planeta, e por duas horas no seguinte, e uma hora, no outro, e meia hora, depois, e um minuto, mais adiante.

Mas depois, um dia, eu vou alcançá-lo! Está escutando? - Estava berrando agora, dobrado sobre o homem no chão, exausto. Bambeou, com o esforço. - Venha, Martin. - Abaixou o revólver.
- Não; vou ficar aqui.
- Está louco! Fique, se quiser. Mas eu vou continuar, com os outros, até onde puder.
O prefeito olhou para Martin. - Estarei bem. Deixe-me. Os outros, vão tratar da minha ferida.
- Voltarei - disse Martin; - vou até o foguete, mas voltarei.
Saíram da cidade, andando muito depressa. Podia-se ver com que esforço o capitão procurava ostentar a velha têmpera, para se agüentar. Quando chegou ao foguete, bateu na fuselagem com a mão trêmula. Guardou a arma. Olhou para Martin.
- E então, Martin?
Martin encarou-o. - E então, capitão?
Os olhos do capitão estavam fixos no céu. - Claro que... você não vai... comigo... hein?
- Será uma grande aventura, por Deus; eu sei que vou encontrá-lo.
- Está empenhado nisso, agora, não, senhor?
O rosto do capitão estremeceu e seus olhos cerraram-se. - Sim.
- Há algo que eu gostaria de saber.
- O que?
- Senhor, quando encontrá-la - se encontrá-lo, o que vai pedir a ele?
- Ora... - O capitão titubeou, abrindo os olhos. Suas mãos abriram-se e fecharam-se. Ficou perplexo por um momento, e então sorriu, estranhamente. - Ora, vou pedir-lhe um pouquinho de... paz e sossego. - Tocou o foguete. - Há muito tempo; muito, muito tempo desde que... desde que descansei.
- Será que já tentou alguma vez, capitão?
- Não compreendo - disse Hart.
- Não faz mal. Até logo, capitão.
- Adeus, Sr. Martin.
A tripulação estava perto da porta. De todos eles, só três

iriam com Hart. Outros sete ficariam, com Martin.
O capitão Hart olhou para eles e proferiu seu veredicto: - Loucos! Subiu por último, pela porta estanque, fez uma brusca continência, e deu uma risada curta. A porta fechou-se.
O foguete subiu pelo céu, sobre um pilar de fogo.
Martin ficou olhando, até que se afastou e desapareceu.
Perto do mato, o prefeito, apoiado por vários homens, aproximava-se.
- Ele se foi - disse Martin, indo na direção dele.
- Sim, pobre homem, ele se foi - comentou o prefeito. - E vai continuar, planeta após planeta, procurando e procurando, e sempre e sempre estará atrasado uma hora, ou dez minutos, ou um minuto. E finalmente, vai se atrasar alguns segundos. E quando tiver visitado trezentos mundos e tiver setenta ou oitenta anos, vai perdê-lo por uma fração de segundos, e então por uma fração menor de segundo. E irá sempre adiante, pensando em encontrar exatamente aquilo que deixou para trás aqui, neste planeta, nesta cidade...
Martin ficou olhando para o prefeito.
O prefeito estendeu a mão. - Havia alguma dúvida a respeito? - Fez um sinal para os outros, e virou-se. - Vamos, agora. Não deve-mos deixá-lo esperando.
E foram para a cidade.

FUGA NO TEMPO

Um vento soprou os longos anos por seus rostos quentes.
A máquina do Tempo parou.
Mil novecentos e vinte e oito - disse Janet. Os dois meninos olharam a volta.
O Sr. Fields moveu-se. - Lembrem-se; estão aqui para observar o comportamento deste povo antigo. Sejam inquisitivos, inteligentes; prestem bastante atenção.
- Sim - responderam a menina e os dois meninos, em impecáveis uniformes cáqui. Tinham idênticos cortes de cabelo, relógios de pulso idênticos, sandálias, cor dos olhos, dentes, e pele, muito embora não fossem aparentados.
- Shhh! - fez o Sr. Fields.
Olharam para uma cidadezinha do Illinois, durante a primavera.
Uma neblina fresca estava nas ruas, pela manhã.
No outro extremo da rua, um menino vinha correndo, com as últimas luzes da lua cor de mármore-creme. Em algum lugar, um grande relógio bateu as cinco horas da manhã, à distância. Deixando marcas de sapatos de tênis na grama tranqüila, o menino se aproximou da invisível Máquina do Tempo, e gritou para uma alta e escura janela de uma casa.
A janela da casa abriu-se. Outro menino desceu pelo telhado, até o chão. Os dois saíram correndo, com as bocas cheias de banana, pela fria manhã.
- Sigam-nos - sussurrou o Sr. Fields. - Estudem seus padrões de vida. Depressa!
Janet, William e Robert correram pelas frias calçadas da primavera, agora visíveis, pela cidade adormecida, através de um parque. À toda volta, luzes acendiam-se, portas se abriam e outras crianças saíam correndo, sozinhas ou em pares ofegantes, descendo uma.
colina, rumo a alguns trilhos azuis brilhantes.
- Lá vem ele! - As crianças agrupavam-se, ainda antes do nascer do sol. Lá embaixo, ao longe, nos trilhos brilhantes, uma

luzinha cresceu, segundos depois, até ser um trovão fumegante.
- O que é aquilo? - gritou Janet.
- Um trem, boba, você já viu retratos deles! - gritou Robert.
E enquanto as Crianças do Tempo observavam, do trem saíram gigantescos elefantes cinzentos, lavando as calçadas com água de suas trombas, erguendo com elas pontos de interrogação ao frio céu matinal. Vagões desajeitados rolaram, em vermelho e dourado. Leões rugiam e andavam na escuridão de seus engradados.
- Ei, isso deve ser ... um circo! - Janet estremeceu.
- Acha? O que aconteceu com eles?
- O mesmo que com o Natal, eu acho. Desapareceu, há muito tempo.
Janet olhou em redor. - É horrível, não?
Os meninos estavam estupefatos. - É mesmo.
Homens gritaram aos primeiros clarões do dia. Acordava-se, e rostos estremunhados deparavam-se com as crianças. Cavalos faziam o ruído de muitas pedras caindo sobre o calçamento.
Logo o Sr. Fields estava atrás das crianças. - Repugnante, bárbaro, manter animais em jaulas. Se eu soubesse que isto estava aqui, nunca deixaria que viessem ver. É um ritual terrível.
- Oh, sim. - Mas os olhos de Janet estavam arregalados. - No entanto, sabe, é como estudar uma cultura de moscas.
- Não sei, não - disse Robert, olhos dardejando, dedos tremendo. - É meio maluco. Poderíamos tentar escrever uma tese sobre o assunto, se o Sr. Fields disser que está bem...
O Sr. Fields assentiu. - Gosto de ver que vocês estão se motivando com isso, estudando esse horror. Está bem; iremos ver o circo, esta tarde.
- Acho que vou passar mal - disse Janet.
A Máquina do Tempo zumbiu.
- Então, aquilo era um circo - disse Janet, solenemente.
O trombone do circo morreu em seus ouvidos. A última coisa que viram foram trapezistas rosados girando no ar, enquanto palhaços de cara enfarinhada gritavam e saltavam.

- Deve-se reconhecer que a psicovisão é melhor - disse Robert, lentamente.
- Todos aqueles cheiros horrorosos de animais, toda aquela excitação - piscou Janet. - Deve ser ruim para crianças, não? E aquelas pessoas mais velhas sentadas com as crianças. Eram chamados de mães e pais. Sim aquilo era estranho.
O Sr. Fields fez algumas anotações em seu diário de classe.
Janet abanou a cabeça, absorta. - Quero ver tudo aquilo de novo. Não percebi algumas motivações. Quero correr de novo pela cidade, de manhãzinha. O ar frio no meu rosto - a calçada sob meus pés - o trem do circo chegando. Será que o ar naquela hora, tão cedo, é que fazia as crianças levantarem-se e correr para ver o trem chegar?
Quero repassar todo aquele padrão. Por que ficavam tão excitados?
Acho que não consegui determinar a resposta.
- Todos eles sorriam tanto - disse William.
- Maníacos depressivos - comentou Robert.
- O que são férias de verão? Ouvi-os falando sobre isso. - Janet olhou para o Sr. Fields.
- Passavam os verões correndo à toa, como idiotas, e batendo uns nos outros - replicou o Sr. Fields, sério.
- Vou me engajar nas jornadas de trabalho de verão programadas pelo Governo, algum dia - disse Robert, olhando para o nada, a voz desaparecendo.
A Máquina do Tempo parou de novo.
- O Quatro de Julho - anunciou o Sr. Fields - mil novecentos e vinte e oito. Um antigo feriado, quando as pessoas costumavam estourar os dedos.
Estavam à frente daquela mesma casa, na mesma rua, mas numa quente noite de verão. Rodas de fogos de artifício chiavam, e nas varandas da frente das casas, crianças risonhas jogavam coisas que estouravam!
- Não corram! - exclamou o Sr. Fields - não é uma guerra, não se assustem!

Mas os rostos de Janet, de Robert, e de William estavam cor-de-rosa, e então azuis, e então brancos, com as fontes de um fogo suave.
- Estamos bem - disse Janet, que deixava-se estar, muito quieta.
- Felizmente - explicou o Sr. Fields - proibiram fogos de artifício há um século, e acabaram com toda essa bagunça explosiva.
Crianças dançavam em roda, rabiscando seus nomes e seus destinos no escuro ar do verão com bastões de estrelinhas brancas.
- Eu gostaria de fazer aquilo - falou Janet, suavemente. Escrever meu nome no ar. Está vendo? Eu gostaria, - O que? - o Sr. Fields não estivera escutando.
- Nada - disse Janet.
- Bang! - sussurraram William e Robert, que estavam sob as macias árvores do verão, na sombra, olhando, olhando os fogos vermelhos, brancos e verdes nos belos gramados nas noites de verão. Bang!
Outubro.
A Máquina do Tempo parou pela última vez, uma hora depois, no mês da queima das folhas. As pessoas entravam e saíam de casas as escuras carregando abóboras e espigas de milho. Esqueletos dançavam, morcegos voavam, velas queimavam, maçãs se balançavam em batentes de portas vazias.
- O Dia das Bruxas - disse o Sr. Fields -, o ápice do horror.
Esta foi a era da superstição, como sabem. Mais tarde, baniram os Irmãos Grimm, fantasmas, esqueletos, e toda essa baboseira. Vocês, crianças, graças a Deus, foram criadas num mundo anti-séptico, sem sombras, nem fantasmas. Têm feriados decentes, como o Aniversário de William C. Cjatterton, o Dia do Trabalho, e o Dia da Máquina.
Passaram pela mesma casa naquela noite deserta de Outubro, olhando para as abóboras com olhos triangulares, as máscaras com esgares, em sótãos, e porões úmidos. Dentro da casa, algumas crianças, numa festa, sentadas no chão, ouviam história, e riam!

- Quero ir lá dentro, com eles - Janet acabou dizendo.
- Sociologicamente, claro - disseram os meninos.
- Não - ela respondeu.
- Que? - espantou-se o Sr. Fields.
- Não, só quero ir lá dentro, quero ficar aqui, quero ver tudo e nunca mais ir para lugar algum, quero fogos de artifício, e abóboras e circos, quero Natal e Dia dos Namorados, e Quatro de Julho, como vimos.
- Mas isto já está passando dos limites... - o Sr. Fields começava a dizer.
Mas, de repente, Janet foi embora. - Robert, William; venham!
- Ela correu. Os meninos não se fizeram de rogados.
- Esperem! - gritou o Sr. Fields. - Robert! William, peguei você! - Agarrou um menino, mas os outros dois escaparam. - Janet, Robert - voltem cá! Nunca vão passar do sétimo ano! Vai ser reprovada, Janet. Bob... Bob!
Um vento de outubro soprou forte pela rua, desaparecendo com as crianças, entre as árvores que gemiam.
William virou-se e deu um pontapé.
- Não, não você, William, você volta para casa comigo. Vamos ensinar uma lição a esses dois, que não esquecerão. Então, querem ficar no passado, não? - O Sr. Fields gritou, para que todos pudessem escutar. - Está bem, Janet, Bob, fiquem neste horror; neste caos! Em algumas semanas, voltarão arrependidos, para mim. Mas eu estarei longe! Vou deixá-los aqui, para enlouquecerem neste mundo!
Empurrou William para dentro da Máquina do Tempo. O menino soluçava. - Não me faça voltar aqui em mais nenhuma excursão, por favor, Sr. Fields, por favor...
- Cale-se!
Quase instantaneamente, a Máquina do Tempo disparou em direção ao futuro, para as cidades-colmeia subterrâneas, os prédios de metal, as flores metálicas, os gramados metálicos.
- Adeus, Janet, Bob!
Um grande vento frio de outubro soprou pela cidade, como água.

E quando parou de soprar, tinha carregado todas as crianças, convidadas ou não, mascaradas ou não, às portas das casas que se fechavam sobre elas. Não havia mais nenhuma criança correndo em lugar nenhum, naquela noite. O vento assobiava, afastando-se, pelos topos despidos das árvores.
E dentro daquela casa grande, à luz de velas, alguém estava servindo cidra para todos, sem se importar com quem eram.

O PEDESTRE

Penetrar naquela quietude que era a cidade às oito horas de uma nebulosa noite de novembro, pousar os pés naquela sólida calçada de concreto, pisar nas fendas cheias de mato, e andar, de mãos nos bolsos, pelos silêncios, era o que o Sr. Leonard Mead mais gostava de fazer. Ficaria numa esquina de um cruzamento, olhando calçadas enluaradas nas quatro direções, decidindo por onde ir, mas realmente, não faria diferença; estava sozinho, neste mundo de 2 053 a. D., ou, como se estivesse só, e com uma decisão final tomada, um caminho escolhido, sairia andando, soltando rastos de ar congelado à sua frente, como a fumaça de um cigarro.

Às vezes, andava durante horas, milhas, e voltava para casa só à meia-noite. E, no caminho, via casas, grandes e pequenas, com suas janelas escuras, e não era diferente de caminhar por um cemitério onde só o mais fraco luzir de um vaga-lume como que tremeluzia por I detrás das janelas. Súbitos espectros acinzentados pareciam manifestar-se sobre as paredes das salas, onde uma cortina ainda estava aberta para a noite, ou cicios e murmúrios onde uma janela num edifício-tumba ainda estava aberta.

O Sr. Leonard Mead parava, inclinava a cabeça, ouvia, olhava, e continuava a marcha, pés sem fazer ruído na calçada irregular. Há muito, prudentemente, passara a usar sapatos de tênis para passear à noite, porque os cães, em alguns quarteirões, seguiriam sua caminhada com seus latidos, se usasse calçado com sola de couro, e luzes poderiam acender-se, e rostos aparecer, e toda uma rua sobressaltar-se com a passagem de um vulto solitário; ele mesmo, no começo de uma noite de novembro.

Nesta noite, em particular, começou sua jornada para o oeste,
rumo ao mar, invisível. Havia um bom frio cristalino, no ar; cortava o nariz e fazia os pulmões arderem por dentro, como uma árvore de Natal; podia-se sentir as luzes acendendo e apagando, os ramos cheios de uma neve invisível. Escutava seu

calçado macio empurrar delicadamente as folhas de outono, satisfeito, e assobiava frio e baixinho, entredentes, ocasionalmente arrancando uma folha, de passagem, examinando o desenho esqueletal, às poucas lâmpadas, enquanto ia adiante, cheirando seu odor enferrujado.

- Ó de casa - ele murmurava para cada casa, por todo lado, enquanto passava. - O que está passando hoje no Canal 4; Canal 7; Canal 9? Por onde estão correndo os "cowboys", e onde está a Cavalaria dos Estados Unidos, para sair daquela colina, e salvar a situação?

A rua estava silente, longa, vazia, apenas com a sua sombra movendo-se, como a sombra de um falcão, em meio a um campo. Fechou os olhos, e ficou bem quieto, congelado, e podia imaginar-se no meio de uma planície, um deserto Americano, sem ventos, inverno, sem casa nenhuma num raio de mil milhas, e só leitos de rios, as ruas, para companhia.

- E agora, o que temos? - perguntou para as casas, olhando para seu relógio de pulso. - Oito e meia? Hora de uma dúzia de assassinatos diversos? Uma charada? Um musical? Um comediante levando um tombo?

Aquilo foi um ruído de risadas de dentro de uma casa à luz da lua? Hesitou, mas continuou, quando nada mais se notou. Tropeçou numa irregularidade maior da calçada. O cimento estava desaparecendo, sob as flores e o mato. Em dez anos de caminhada, noite e dia, por milhares de milhas, nunca encontrara outra pessoa andando, nunca, nem uma só vez.

Chegou a um trevo, deserto, onde duas estradas principais cruzavam a cidade. Durante o dia, era uma trovejante corrente de carros, os postos de gasolina abertos, um grande farfalhar de insetos, e um incessante mudar de posição, enquanto os carros-escaravelho, uma névoa de incenso saindo de seus escapamentos, deslizavam para casa, nas mais diversas direções. Mas agora, estas estradas, eram como rios temporários no verão, só pedra, leito, e luar.

Virou por uma rua secundária, fazendo a volta para casa. Estava a

um quarteirão de seu destino, quando aquele carro solitário virou uma esquina, repentinamente, e acendeu um forte cone de luz branca sobre ele. Ficou num transe, não muito diferente de uma mariposa, atordoado pela iluminação, e então, atraído para ela.
Uma voz metálica dirigiu-se a ele : - Fique parado. Fique onde está! Não se mova!
Ele parou.
- Erga as mãos!
- Mas... - ele falou.
- Mãos para cima! Ou atiramos!
A polícia, claro, mais que coisa rara, incrível; numa cidade de três milhões, restava só um carro de polícia, não era isso? Já havia um ano, desde 2052, o ano das eleições, que a força policial havia sido cortada de três para um carro. O crime estava desaparecendo; não mais havia necessidade de polícia, exceto este carro solitário vagando e vagando pelas ruas desertas.
- Seu nome? - disse o carro, num chiado metálico. Ele não podia ver os guardas lá dentro, por causa da luz muito forte em seus olhos.
- Leonard Mead - respondeu.
- Mais alto!
- Leonard Mead!
- Negócio, ou profissão?
- Acho que me pode chamar de escritor.
- Sem profissão - disse o carro de polícia, como se falando sozinho. A luz mantinha-o transfixado como um espécime de museu, agulha espetada no meio do peito.
- Pode-se dizer que sim - afirmou o Sr. Mead. Havia anos que não escrevia. Não se vendiam mais livros e revistas. Tudo continuava como sempre nas casas-tumbas, à noite, ele pensou. Os túmulos, mal iluminados pela luz da televisão, onde as pessoas sentavam-se como os mortos, as luzes cinzentas ou multicoloridas tocando suas faces, mas nunca de fato tocando a eles.

- Sem profissão - disse a voz de vitrola, chiando. - Que está fazendo aqui fora?
- Andando - disse Leonard Mead.
- Andando!
Só andando - ele disse, simplesmente, mas seu rosto gelou.
- Andando, só andando, andando?
- Sim, senhor.
- Andando para onde? Para que?
- Para tomar ar. Andando para ver.
- Seu endereço.
- Onze, Sul, rua Saint James.
- E há ar na sua casa; o senhor não tem um condicionador de ar, Sr. Mead?
- Sim.
- E tem uma tela para ver, na sua casa?
- Não.
- Não? - Houve uma interrupção cheia de estalidos, que em si era uma acusação.
- É casado, Sr. Mead?
- Não.
- Não casado - disse a voz policial atrás do facho, que queimava. A luz estava alta e clara, por entre as estrelas, e as casas eram cinzentas e caladas.
- Ninguém me queria - disse Leonard Mead, sorrindo.
- Não fale, a menos que seja interpelado!
Leonard Mead esperou, sob a fria noite.
- Apenas andando, Sr. Mead?
- Sim.
- Mas ainda não explicou com que propósito.
- Já expliquei; para tomar ar, e ver, e simplesmente, só para andar um pouco.
- Já fez isso muitas vezes?
- Toda noite, há anos.
O carro da polícia estava estacionado no meio da rua, com sua garganta de rádio zumbindo fracamente.

- Bem, Sr. Mead - disse.
- Isso é tudo? - ele perguntou, polidamente.
- Sim - respondeu a voz. - Por aqui. - Houve um sopro, e um estalido. A porta traseira do carro da polícia escancarou-se. - Entre.
- Espere, não fiz nada!
- Entre.
- Eu protesto.
- Sr. Mead.
Ele caminhou como um homem subitamente bêbado. Ao passar pela janela dianteira do carro, olhou para dentro. Como esperava, não havia ninguém no assento dianteiro, não havia ninguém no carro.
- Entre.
Pôs a mão na porta e olhou para o banco traseiro, que era uma pequena cela, uma jaulinha escura, com barras. Cheirava a aço rebitado. Cheirava a anti-séptico forte; cheirava a coisa muito limpa, e dura, e metálica. Não havia nada macio, ali.
- Se você tivesse uma esposa, para dar-lhe um álibi - disse a voz de aço. - Mas...
- Para onde está me levando?
O carro hesitou, ou melhor, deu um estalido e um zunido, como se a informação, em algum lugar, estivesse sendo dada por cartões perfurados, e olhos elétricos. - Ao Centro Psiquiátrico para Pesquisa de Tendências Regressivas.
Ele entrou. A porta fechou com um som abafado. O carro da polícia rodou pelas avenidas, em meio à noite, com as lanternas acesas.
Passaram por uma casa, numa rua, um momento depois, uma casa, em toda uma cidade de casas escuras, mas esta casa, em particular, tinha todas as suas luzes bem acesas, cada janela uma berrante iluminação amarela, quadrada e quente na fria escuridão.
- Aquela é minha casa - disse Leonard Mead.
Ninguém respondeu.
O carro foi pelas ruas vazias de leitos de rios, afastando-se,

deixando as ruas vazias, com suas calçadas vazias, sem som nem movimento, por todo o resto da fria noite de novembro.

SAUDAÇÕES, E ADEUS

Mas, claro que ele ia embora; não havia nada mais a fazer, o tempo se esgotara, o relógio indicara o fim, e ele estava indo para bem longe. Sua mala estava feita, seus sapatos estavam engraxados, seu cabelo escovado, tinha se lavado bem atrás das orelhas com especial cuidado e só lhe restava descer a escada, e sair pela porta da frente, e ir pelas ruas até a estação daquela cidade pequena onde o trem pararia só para ele. Então Fox Hill, Illinois, seria deixada bem para trás, em seu passado. E ele continuaria, talvez, para Iowa, ou talvez para Kansas, talvez mesmo para a Califórnia; um menino, de doze anos, com uma certidão de nascimento em sua valise, para provar que ele tinha nascido havia quarenta e três anos.

- Willie! - uma voz chamou, lá embaixo.

- Sim! - Ergueu sua mala. Em seu espelho, viu um rosto feito de dente-de-leão de junho e maçãs de julho, e leite quente de manhãs de verão. Ali, como sempre, estava sua cara de anjo, de inocente, que poderia muito bem, em todos os anos de sua vida, não mudar nunca.

- Está quase na hora - exclamou a voz feminina.

- Está bem! - E ele desceu a escada, resmungando e sorrindo.

Na sala de estar, estavam sentados Arma e Steve, suas roupas irritantemente impecáveis.

- Aqui estou! - disse Willie, na porta da sala.

Arma parecia estar prestes a chorar. - Meu bom Deus, você não vai mesmo nos deixar, não é, Willie?

As pessoas estão começando a comentar - disse Willie, sereno. - Já estou aqui há três anos. Mas quando as pessoas começam a comentar, é hora de calçar as botinas e comprar um bilhete de trem.

- É tudo tão estranho. Não compreendo. Tão repentino - disse Arma. - WilIie, sentiremos saudades de você.

- Vou escrever-lhes, todo Natal, prometo. Mas não escrevam para mim.

- Foi um grande prazer; uma satisfação - disse Steve, ali sentado, as palavras não se adaptando à boca. - É uma pena que não possamos continuar. É uma pena você nos ter contado tudo aquilo a seu respeito. É lamentável que não possa ficar.
- Vocês foram as melhores pessoas com quem já estive - disse Willie, com seu metro e vinte de altura, sem precisar barbear-se, o sol no rosto.
E então Arma chorou mesmo. - Willie, Willie. - E ela sentou-se , e parecia desejar abraçá-la ; mas tinha medo de tocá-la, agora; olhava para ele chocada e surpresa, com suas mãos vazias, sem saber o que fazer com ele, agora.
- Não é fácil ir embora. A gente se acostuma com tudo. Eu queria ficar. Mas não adianta. Tentei ficar, uma vez, ainda depois que as pessoas começaram a suspeitar. "Que coisa horrível!", as pessoas diziam. "Todos esses anos, brincando com nossas crianças inocentes", eles diziam, "e nós nem desconfiávamos! Horrível!" era o que diziam. E finalmente, eu simplesmente tive de deixar a cidade, uma noite. Não è fácil. Sabem muito bem o quanto eu os estimo. Obrigado, por três excelentes anos.
Foram todos à porta da frente. - Willie, para onde vai, agora?
- Não sei. Simplesmente saio viajando. Quando vejo uma cidade que parece verde e agradável, eu paro.
- Você voltará, algum dia?
- Sim - disse ele sinceramente, com sua voz aguda. - Daqui a uns vinte anos, deve começar a mudar meu rosto. E quando isso acontecer, vou fazer um "grand tour" de todos os pais e mães que já tive.
Ficaram na fresca varanda, refutando para dizer as últimas palavras. Steve fixara o olhar num olmo. - Com quantas outras pessoas você já ficou, Willie? Quantas adoções?
Willie pensou um pouco, sorridente. - Acho que umas cinco cidades e cinco casais, e já se passaram vinte anos desde que comecei a viajar.
- Não podemos nos queixar - disse Steve. - Melhor ter tido um filho por trinta e seis meses do que nenhum.

- Bem - disse Willie, e deu um beijo rápido em Arma, pegou sua bagagem, e foi-se pela rua, ao verde luminoso do meio-dia, sob o arvoredo; um menino muito pequeno mesmo, sem olhar para trás, passo apressado.

Os meninos estavam jogando beisebol no campo do parque, quando ele se aproximou. Ficou um pouco entre as sombras dos carvalhos, olhando-os lançar a branca e nevada bola no ar quente; viu a sombra da bola voar como uma ave escura sobre a grama, viu as mãos deles abrirem-se como bocas para apanhar esse veloz pedaço de verão que agora parecia de especial importância ser apanhado. - Os meninos gritavam. A bola caiu na grama, perto de Willie.

Levando a bola, saindo da sombra, pensou nos últimos três anos, agora totalmente esgotados, e nos cinco anos anteriores, e assim até o começo de tudo, até o ano em que ele de fato tinha apenas onze anos, e doze, e catorze, e aquelas vozes, dizendo : "Que há de errado com Willie, dona?" - Sra. B., Willie tem tido problemas de crescimento?" - Willie, anda fumando charutos?" Os ecos morreram nas luzes e cores do verão. A voz de sua mãe: "Willie faz vinte e um anos hoje!" E mil vazes dizendo: "Filho, volte quando tiver quinze anos; talvez então tenhamos um emprego para você".

Olhou para a bola, em sua mão nervosa, como se fosse sua vida, uma interminável bola de anos enrolados, e enrolados, mas sempre levando de volta ao seu décimo-segundo aniversário. Ouviu os meninos se aproximando dele ; sentiu-os bloqueando o sol, e já estavam mais velhos, e estavam à volta dele.

- Willie! Para onde vai? - Chutaram sua mala.

Como todos eles pareciam altos, contra o sol. Nos últimos meses, foi como se o sol passasse a mão em suas cabeças, e os chamasse, e eles eram como um metal aquecido, derretendo para cima; eram troncos dourados puxados por uma imensa gravitação para o céu, com treze, catorze anos de idade, olhando para baixo, para Willie, sorrindo, mas já começando a desprezá-la. Começara quatro meses antes: - Vamos escalar o time! Quem quer Willie?

- Ora, Willie é muito pequeno ; não brincamos com nenens.
E correram à sua frente, puxados pela lua e pelo sol, e pelas estações de folhas e ventos, e ele tinha só doze anos, e não era mais um deles. E as outras vozes recomeçavam o velho, temível, e familiar refrão: "Melhor dar mais vitaminas a esse rapaz, Steve".
- "Arma, a baixa estatura é comum na sua família?". E o frio punho esmagando o coração, continuadamente, e sabendo que as raízes deveriam ser arrancadas depois de tantos anos maravilhosos com a sua "gente".
- Willie, para onde vai?
Ergueu de súbito a cabeça. Estava de novo de volta entre os meninos altos, que lhe faziam sombra, que se reuniam em torno de si como gigantes inclinando-se sobre um bebedouro.
- Vou ficar fora por alguns dias, na casa de um primo.
- Oh. - Um dia, há um ano, eles se preocupariam muito mais com isso, mas agora, só havia a curiosidade por sua bagagem, o encantamento por trens e viagens e lugares distantes.
- Que tal uma ou duas jogadas rápidas? - disse Willie.
Hesitaram, mas considerando as circunstâncias, assentiram. Ele deixou a mala e saiu correndo; a bola branca estava erguida ao sol, e rumo aos chamejantes vultos brancos mais adiante, para o sol de novo, acelerando, a vida indo e vindo, numa repetição. Aqui, ali! Sr. e Sra. Robert Hanlon, Creek Bend, Wisconsin, 1932, o primeiro casal, o primeiro ano! Aqui, ali! Henry e Alice Boltz, Limeville, Iowa, 1935! A bola voando. Os Smiths, os Eatons, os Robinsons! 1939!
1945! Marido e mulher, marido e mulher, marido e mulher, sem crianças, sem crianças, sem crianças! Uma batida nesta porta, uma batida naquela.
- Com licença; meu nome é William. Eu estava pensando se...
- Um sanduíche? Venha, sente-se. De onde você é, filho?
O sanduíche, um copo de leite frio, o sorriso, a aceitação, a conversa agradável, à vontade.
Filho, parece que tem estado viajando. Está fugindo de algum lugar?

- Não.
- Rapaz, você é órfão?
Outro copo de leite.
- Sempre quisemos ter filhos. Nunca conseguimos. Nunca soubemos por que. Mas que coisa, não? Bem, bem. Está ficando tarde, filho. Não acha melhor ir para casa?
- Não tenho casa.
- Um menino como você? Mal saído das fraldas? Sua mãe vai ficar preocupada.
- Não tenho casa, nem família em lugar nenhum. Eu estava pensando se... se... onde poderia passar esta noite?
- Bem, agora, filho, eu não sei. Nunca pensamos em... - disse o marido.
- Temos galinha para a janta, hoje - disse a esposa - suficiente para todos...
E os anos passando e voando, as vozes, e os rostos, e as pessoas, e sempre aquelas primeiras conversas. A voz de Emily Robinson, em sua cadeira de balanço, na escuridão de uma noite de verão, a última noite que esteve com ela, a noite em que ela descobriu seu segredo, e ia dizendo: - Vejo todos os rostos de criancinhas passarem. E às vezes eu penso: que lástima, que lástima, que todas essas flores tenham de ser cortadas, todas essas flores luminosas, postas para fora. Que pena, aqueles que se vêm nas escolas, ou correndo por aí, precisam ficar grandes, e míopes, e enrugarem, e ficarem cinzentos, ou carecas, e finalmente, só sopro e ossos, morrer e serem enterrados. Quando os ouço rindo, não consigo acreditar que estão indo pelo mesmo caminho que eu. No entanto, é verdade(Ainda me lembro do poema de Wordsworth: "Quando de súbito vi uma multidão,/ Uma hoste de narcisos dourados; / Ao lado do lago, sob as árvores,/ Estremecendo e dançando com a brisa"* .

* *When ali at once I saw a crowd. A host of golden daffodils ;/ Beside the lake, beneath the trees,/ Fluttering and dancing in the breeze... (Nota do Digitalizador)*

É assim que penso nas crianças, cruéis, como às vezes são, mesquinhas, como sei que podem ser, mas ainda sem mostrar a mesquinhez à volta de seus olhos, ou dentro deles, sem estarem ainda cheias de cansaço. São tão famintas de tudo! Creio que é o que eu mais sinto falta nas pessoas mais velhas, aquela ansiedade desaparecida, nove vezes em dez, a frescura desaparecida, tanto do vigor e da vida, vão-se pelo esgoto. Gosto de ver a saída da escola todo dia. É como se alguém atirasse um ramo de flores pelas portas da escola. Como é, William, ser jovem para sempre? Parecer um tostão de prata, recém-saído da prensa? É feliz? É tão bom quanto você aparenta estar?

A bola zuniu pelo céu azul, e atingiu sua mão com um grande inseto pálido. Acariciando-a, escutou sua memória dizendo: - Trabalhei com o que tive. Depois que meus pais morreram, depois que eu descobri que não podia conseguir emprego de homem em lugar algum, tentei o circo, mas eles riram-se, apenas. "Filho", eles disseram, "você não é um anão, e mesmo se fosse, parece-se com um menino! Queremos anões com caras de anão! Desculpe, filho, desculpe." Então, saí de casa, e comecei pensando: O que era eu?

Um menino. Parecia um menino, tinha voz de menino, de modo que poderia muito bem continuar sendo menino. Não adiantava contrariar isso. Não adiantava reclamar. De modo que o que poderia eu fazer? Que trabalho haveria disponível? E então um dia, vi aquele homem no restaurante, olhando a fotografia dos filhos de um outro.

"Claro que eu gostaria de ter filhos", ele dizia, "claro que gostaria".

E ficava abanando a cabeça. E eu sentado a algumas cadeiras de distância dele, com um "hambúrguer" nas mãos. Fiquei ali sentado, congelado! Naquele instante, soube qual seria meu trabalho, a maior parte de minha vida. Havia um trabalho para mim, afinal. Fazer felizes as pessoas solitárias. Mantendo-me ocupado. Brincar para sempre.

Eu sabia que deveria brincar para sempre. Entregar alguns jornais, fazer alguns biscates, aparar alguns gramados, talvez. Mas trabalhar duro? Não. Tudo o que eu tinha de fazer era ser o filhinho da mamãe e o orgulho do papai: dirigi-me ao homem do balcão: "Desculpe" eu disse, e sorri para ele...

- Mas, Willie - disse a Sra. Emily, há muito tempo atrás - você nunca se sentiu só? Nunca desejou - coisas - que os adultos desejam?

- Eu combati isso, comigo mesmo - respondeu Willie. - Sou um menino, disse para si mesmo, e terei de viver no mundo de crianças, ler livros infantis, brincar como criança, e isolar-me do resto.

Não posso ser ambas as coisas. Devo ser só uma coisa - jovem. E assim, fui fazendo esse jogo. Ora, não foi fácil. Houve ocasiões... caiu em silêncio.

- E a família com quem vivia, nunca sabia?

- Não. Dizer-lhes teria estragado tudo. Eu lhes dizia que tinha fugido; deixava-os verificar pelos canais oficiais: polícia, tudo. Então nada estando registrado, deixavam que me adotassem. Era melhor assim, enquanto não adivinhavam nada. Mas então, depois de três anos, ou cinco, adivinhavam, ou algum viajante vinha, ou algum homem do circo, e acabava tudo. Sempre tinha que acabar.

- E você está feliz, e é bom ser criança por mais de quarenta anos?

- É um modo de levar a vida, eu acho. E quando se faz outras pessoas felizes, então nós também somos quase felizes, também. Tenho meu trabalho a fazer, e faço. De qualquer modo, daqui a alguns anos, estarei na minha segunda infância. Todas as febres estarão longe de mim, e as coisas não cumpridas e a maioria dos sonhos. Então talvez eu possa relaxar, e fazer o papel direito.

Lançou a bola uma última vez e interrompeu o devaneio. Então, estava correndo para pegar sua bagagem. Tom; Bill; Jamie; Sam seus nomes passavam por seus lábios. Estavam embaraçados

com os apertos de mão.
- Afinal, Willie, não é como se você estivesse indo para a China, ou Tumbuctu...
- Pois é, não é? - Willie não se movia.
- Até mais, Willie ; até a semana!
- Até logo, até logo!
E estava se afastando, novamente, com sua mala, olhando as árvores, afastando-se dos meninos e da rua onde tinha vivido, e quando virou a esquina, um apito de trem gritou, e ele começou a correr.
A última coisa que viu e ouviu foi uma bola branca jogada num telhado alto, uma e outra vez, e duas vozes cantando uma cantilena infantil, enquanto e bola subia, descia, e repetia o trajeto, pelo céu, como o grito de pássaros indo para o sul.
De manhãzinha, com o cheiro de neblina e metal frio, com o cheiro de ferro do trem à sua volta, e toda uma noite viajando, sacudindo os ossos e seu corpo, e o cheiro do sol atrás do horizonte, acordou e viu uma cidadezinha mal acordando. As luzes estavam se acendendo, vozes murmuravam, um sinal vermelho agitava-se para um lado e para outro, no ar frio. Havia aquele movimento adormecido, no qual os ecos são dignificados pela claridade, em que os ecos ficam nus, sós, e nítidos. Um funcionário da ferrovia passava, uma sombra sobre as sombras.
- Senhor... - disse Willie.
O sinaleiro parou.
- Que cidade é esta? - falou em voz baixa o menino, no escuro.
Valleyville.
- Quantos habitantes?
- Dez mil. Por quê? É aqui seu destino?
- Parece verde. - Willie olhou para a fria manhã da cidade por um bom tempo. - Parece bonita e sossegada - disse Willie.
- Filho - disse o sinaleiro - sabe para onde está indo?
- Para cá - respondeu Willie, e subiu, na manhã, quieta, fresca, cheirando a ferro, no escuro do trem, com um ruído de arrasto.

- Espero que saiba o que está fazendo, garoto - disse o sinaleiro.
- Sim, senhor. Sei o que estou fazendo. - E estava na plataforma, bagagem trazida pelo sinaleiro, e saiu para a fumacenta e fria madrugada. Ficou olhando para o carregador e para o negro trem metálico contra as poucas estrelas que restavam. O trem deu um grande gemido com o apito, os carregadores gritaram por toda a plataforma, os carros saltaram, e o seu carregador acenou sorrindo para o menino, a criança com a grande mala que gritava para ele, mesmo enquanto o apito tocava de novo.
- Quê? - gritou o carregador, mão em concha na orelha.
- Deseje-me sorte! - gritava Willie.
- Toda sorte do mundo, filho! - gritou o porteiro, acenando e sorrindo. - Toda a sorte do mundo!
- Obrigado! - disse Willie, em meio ao fragor do trem, com o barulho e o vapor.
Ficou olhando o trem negro até ter desaparecido, na distância.
Não se moveu, todo o tempo. Ficou ali, parado, um menino de doze anos, na velha plataforma de madeira, e só depois de três minutos inteiros, virou-se, afinal, para encarar as ruas lá embaixo.
Então, com o nascer do sol, começou a andar depressa, para se aquecer, rumo à nova cidade.

O MENINO INVISÍVEL

Ela pegou a grande colher de ferro, e o sapo mumificado, e golpeou-o, desfazendo-o em pó, e falava com aquele pó enquanto o moía depressa entre seus punhos de pedra. Seus olhos cinzentos, pequeninos, de pássaro, piscavam, fitando a cela. Cada vez que ela olhava, uma cabeça, na janelinha, esquivava-se, como se ela tivesse disparado uma carabina.

- Charlie! - gritou a Velha Senhora. - Saia já daí! Estou fazendo uma mágica de lagarto para abrir essa porta enferrujada! Saia agora, e eu não farei a terra tremer, ou as árvores se incendiarem, ou o sol se pôr ao meio-dia!

O único som era o da cálida luz da montanha nas altas árvores de terebentina, o de um esquilo peludo, à volta de um tronco recoberto de musgo, e o das formigas, numa fina coluna marrom, aos pés nus, de veias azuladas, da Velha Senhora.

- Tem passado fome ai já há dois dias, maldito! - ela ofegava, batendo a colher numa pedra chata, fazendo a recheada sacolinha de milagres agitar-se, à sua cintura. Transpirando azedamente, ergueu-se e marchou para a cela, levando aquela carne pulverizada. - Saia, agora! - Ela jogou um pouco de pó dentro da fechadura. - Está bem, então vou pegá-la! - ela guinchou.

Girou a maçaneta com uma mão cor de nogueira, para um lado, e para o outro. - ó, Senhor - ela entoou - escancara esta porta!

Quando nada se escancarou, ela acrescentou ainda outro filtro e segurou o fôlego. Sua saia comprida e suja farfalhou enquanto ela espiava em sua sacola de escuridão para ver se tinha algum monstro de escamas ali, qualquer encanto melhor que o sapo que matara meses atrás, prevendo alguma crise como esta.

Ela ouviu Charlie respirando contra a porta. Sua família tinha ido para uma cidade, Ozark, ao que parece, no começo da semana, deixando-o, e ele andou quase seis milhas, até a Velha Senhora, para ter companhia, ela era uma espécie de tia, ou prima, e ele não se importava com suas esquisitices.

Mas então, dois dias antes, a Velha Senhora, acostumando-se com o rapazinho por ali, decidiu mantê-lo como companhia permanente. Picou seu ombro ossudo, tirando três pérolas de sangue, cuspiu em seu cotovelo direito, esmagou um grilo, e ao mesmo tempo agarrou Charlie com a mão esquerda, gritando: - Meu filho você é, você é meu filho, por toda a eternidade!
Charlie, pulando como uma lebre assustada, disparou pelo mato, voltando para casa.
Mas a Velha Senhora, saltitando como um lagarto, encurralou-o e Charlie trancou-se na velha cela do eremita, e não queria sair, apesar de ela bater à porta, janela, ou nos nós da madeira, com seu punho ambarino, ou repetisse seus feitiços, explicando-lhe que agora ele era seu filho mesmo.
- Charlie, está aí? - perguntava, abrindo buracos na pranchas da porta, com seus olhinhos escorregadios e brilhantes.
- Estou todo aqui - ele respondeu, finalmente, muito cansado.
Talvez ele caísse no chão a qualquer momento, agora. Ela forçou a maçaneta, esperançosa. Talvez um excesso de pó de sapo tivesse emperrado a trava. Ela sempre errava seus milagres, por falta ou por excesso, pensava, irritada, nunca fazendo-os exatamente, diabos!
- Charlie, eu só quero alguém com quem conversar à noite, alguém com quem aquecer as mãos ao fogo. Alguém para ir catar lenha, de manhã, para limpar a poeira que vem com a neblina, de manhã! Não quero fazer nada de mau com você, filho, só quero sua companhia. - Ela estalou os lábios. - Vou dizer-lhe uma coisa, você sai e eu lhe ensino umas coisas!
- Que coisas? - ele perguntou, desconfiado.
- Vou te ensinar a comprar barato, e vender caro : pegue uma doninha na neve, corte sua cabeça, e carregue-a aquecida no seu bolso de trás. Pronto!
- Ora... - disse Charlie.
Ela precipitou-se: - Vou te ensinar a ficar com o corpo fechado.
Se alguém disparar uma arma contra você, não acontece nada.
Charlie continuava calado, ela disse o segredo num sussurro

agudo e desafinado. - Desenterre e costure raízes de orelha-de-rato numa sexta-feira de lua cheia, e use pendurada no pescoço, numa seda branca.
- Você é louca - respondeu Charlie.
- Vou te ensinar a parar a sangria, ou fazer animais pararem, ou fazer cavalos cegos enxergarem, todas essas coisas, eu te ensino! Vou te ensinar a curar o gado, e tirar feitiço de uma cabra. Vou te mostrar como ficar invisível!
- Oh - fez Charlie.
O coração da Velha Senhora bateu como um tambor do Exército da Salvação.
A maçaneta girou, do outro lado.
- Tá brincando comigo...
- Não; não estou - exclamou a Velha Senhora. - Charlie, puxa, vou deixar você como uma janela, vou poder ver através de você. Você vai ter uma surpresa!
- Invisível de verdade?
- Invisível mesmo!
- Não vai me agarrar, se eu sair?
- Nem um fio de cabelo, filho.
- Bem - disse ele, relutante - vou sair.
A porta abriu. Charlie estava descalço, cabeça baixa, queixo apoiado no peito. - Faça-me invisível.
- Primeiro precisamos pegar um morcego - disse a Velha Senhora. - Comece a procurar!
Ela lhe deu um bocado para amenizar sua fome, e ficou olhando o menino subir numa árvore. Ele subiu, e subiu, e era bonito vê-lo ali e tê-lo consigo, depois de tantos anos de solidão, com nada para dizer bom dia, exceto excrementos de pássaros e rastros prateados de lesmas.
Logo um morcego com uma asa quebrada veio caindo pela árvore A Velha Senhora o apanhou, ainda quente, debatendo-se, e gritando, entre seus dentes brancos como porcelana, e Charlie veio logo atrás dele, descendo da árvore, gritando.
Naquela noite, com a lua roçando as coníferas de especiaria, a

Velha Senhora tirou uma longa agulha de prata de seu amplo vestido azul. Com excitação, e secreta antecipação, mirou o morcego morto com a fria agulha.
Há muito percebera que seus milagres, a despeito de toda a transpiração, e sais de enxofres, falhavam. Mas ela sempre sonhara que algum dia os milagres poderiam começar a funcionar, poderiam desabrochar em flores carmesim e estrelas prateadas, para provar que Deus a havia perdoado por seu corpo rosado e idéias rosadas e seu corpo quente e idéias quentes de sua juventude. Mas até agora Deus não dava sinal nem dizia palavra, mas ninguém sabia disso, exceto a Velha Senhora.
- Pronto? - ela perguntou para Charlie, que estava sentado no chão, pernas cruzadas, envolvendo as pernas em seus longos braços, boca entreaberta, mostrando os dentes. - Pronto! - ele respondeu, tremendo.
- Pronto! - ela mergulhou a agulha bem fundo no olho direito do morcego. - Assim!
- Oh! - exclamou Charlie, cobrindo o rosto.
- Agora, embrulho num trapo e agora, ponha no bolso, com morcego e tudo. Vamos!
Ele pôs o feitiço no bolso.
- Charlie! - ela gritou assustadoramente. - Charlie, onde está?
Não posso vê-lo!
- Aqui! - Ele pulou de modo que a luz percorreu seu corpo em faixas vermelhas. - Estou aqui, Velha! - Ele olhava, assombrado, para seus braços, pernas, peito, e dedos. - Estou aqui!
Os olhos dela pareciam olhar mil mariposas entrecruzando-se ao ar noturno.
- Charlie, como foi rápido! Como um beija-flor! Charlie, volte!
- Mas estou aqui! - ele insistiu.
- Onde?
- Perto do fogo, do fogo! E... eu posso ver a mim mesmo. Não estou invisível!
A Velha Senhora firmou-se em suas pernas fracas. - Claro

que pode ver a si mesmo! Toda pessoa invisível vê a si mesma. Senão, como poderia comer, andar, ou ir para algum lugar? Charlie, toque-me, para que eu possa saber onde está.
Hesitante, ele esticou a mão.
Ela fingiu assustar-se, com seu toque. - Ah!
- Quer dizer que você não pode me achar? De verdade?
- Nem um fio de cabelo seu!
Ela ficou olhando para uma árvore com os olhos brilhando, cuidando para não olhar diretamente para ele. - Ora, mas desta vez consegui fazer um truque! - Ela suspirou, surpresa. - Viva! A invisibilidade mais rápida que já consegui! Charlie; Charlie, como está se sentindo?
- Como a água de um riacho - tremendo todo!
- Isso passa.
[Então depois de uma pausa, ela acrescentou: - E o que vai fazer agora, Charlie, já que é invisível?
Todo tipo de coisas passou por sua cabeça, pelo que ela podia ver. As aventuras surgiam e dançavam como fogo em seus olhos, e a sua boca aberta, dizia o que significava para um menino imaginar-se tal como o vento das montanhas. Num devaneio, ele disse: - Vou correr pelos campos de trigo, subir montanhas nevadas, roubar galinhas das fazendas. Vou chutar os porcos, quando eles não estiverem olhando. Vou beliscar as pernas das meninas, quando elas estiverem dormindo, e puxar suas ligas nas salas de aula. - Charlie olhou para a Velha Senhora, e esta, pelo canto dos olhos, viu algo de mau no rosto dele. - E vou fazer outras coisas, ah, se vou!
- Não tente nada comigo - advertiu a Velha Senhora. - Sou frágil como o gelo da primavera, e não se deve brincar comigo. - E então: - E a sua família?
- Minha família?
- Não pode ir para casa deste jeito. Vai assustá-los muito. Sua mãe desmaiaria como uma árvore cortada. Pensa que eles gostariam de ter você pela casa para tropeçar em você a toda hora, e sua mãe tendo de chamá-lo a cada três minutos, mesmo

que você esteja na sala, junto dela?
Charlie não tinha pensado nisso. Arrefeceu, e só disse - Puxa! e sentou-se, devagar.
- Vai ficar muito só. As pessoas olhando através de você, como se você fosse um copo d'água, gente esbarrando em você, sem vê-lo. E as mulheres, Charlie, as mulheres...
Ele engoliu em seco. - O que há com as mulheres?
- Nenhuma mulher vai olhar para você. E nenhuma mulher quer ser beijada por alguém que elas nem podem achar!
Charlie afundou o dedão na terra, meditativo. Acabou dizendo : - Ora, vou ficar invisível de qualquer jeito, para me divertir. Vou tomar muito cuidado, e pronto. Vou evitar ficar em frente de carroças e cavalos, e do papai. Papai dispara ao menor barulho. – Charlie piscou - Ora, se fico invisível, papai pode se levantar e encher-me de chumbo, pensando que eu poderia ser um esquilo, no terreiro...
A Velha Senhora concordou, olhando para a árvore. - É, pode ser.
Vou ficar invisível esta noite, e amanhã você pode me fazer visível de novo - decidiu ele, lentamente.
- Mas não é assim que são todas as criaturas? Sempre querendo ser ò que não podem - observou a Velha Senhora, olhando para um besouro num tronco.
- Que quer dizer?
- Ora - ela explicou - foi muito difícil fazer isso com você.
Vai levar um tempinho para acabar. Deve gastar assim como uma demão de tinta, rapaz.
- Você! - ele gritou. - Você fez de propósito! Agora vai desfazer! Faça-me visível de novo!
- Calma, vai acabar aos poucos, a mão, ou o pé primeiro, um de cada vez.
- Como vou ficar, andando pelas colinas com uma só mão aparecendo!
- Como um pássaro de cinco asas, pulando pelas pedras e arbustos.

- Ou com um pé só!
- Como um coelhinho cor-de-rosa, pulando pelo mato.
- Ou minha cabeça flutuando!
- Como um balão cabeludo, no circo!
- Quanto vai levar até eu ficar inteiro?
Ela resolveu que bem poderia levar um ano todo.
Ele gemeu. Começou a soluçar e morder os lábios e apertar os punhos. - Você me enfeitiçou, você fez isso, essa coisa, comigo.
Agora, não posso ir para casa!
Ela retrucou: - Mas pode ficar aqui, pode ficar aqui, bem à vontade, e eu vou mantê-la gordo e saudável.
Ele respondeu: - Fez isto de propósito! Sua bruxa velha, quer me manter aqui!
E saiu correndo pelos arbustos, na mesma hora.
- Charlie, volte aqui!
Nenhuma resposta, exceto passos sobre a turfa, negra e macia, e seu choro abafado, que sumia na distância.
Ela esperou, e acendeu o fogo. - Ele voltará - ela murmurou.
- E pensando bem - disse -, agora terei minha companhia na primavera, e até o fim do verão. Então, quando me cansar dele e quiser algum sossego, vou mandá-lo para casa.
Charlie retornou, sem fazer ruído, com a madrugada, deslizando pela terra macia até onde a Velha Senhora estava estendida como um graveto ressecado, na frente das cinzas espalhadas.
Ele sentou-se sobre algumas pedras, e ficou olhando para ela.
Ela não se atreveu a olhar para ele, nem na sua direção. Ele não fizera nenhum ruído; como ela poderia saber da presença dele? Não podia.
Ficou ali sentado, com as marcas de lágrimas no rosto.
Fingindo estar acordando - mas ela não havia conciliado sono, durante toda a noite - a Velha Senhora levantou-se, resmungando e bocejando, e andou em círculo.
- Charlie?
Seus olhos passaram dos pinheiros à terra, ao céu, até as

colinas distantes. Chamou-o, repetidamente, e quase deu com o olhar diretamente para ele, mas deteve-se. - Charlie? Oh, Charles! - ela gritou, e escutou o eco repetindo a mesma coisa.
Ele estava sentado começando a sorrir, subitamente percebendo que mesmo estando perto dela, ela estava se sentindo só. Talvez ele sentisse crescer um poder secreto, talvez se sentisse a salvo do mundo, certamente gostava de sua invisibilidade.
Ela disse, em voz alta: - Mas onde poderia estar aquele menino?
Se ele ao menos fizesse um ruído, para que eu pudesse saber onde está, talvez eu poderia fritar alguma coisa para ele.
Ela começou a preparar o desjejum, agastada com a quietude do menino. Ela espetou "bacon" num espeto de madeira. - O cheiro disto vai trazê-la até aqui - resmungou ela.
Enquanto ela estava de costas, ele pegou todo o bacon, e devorou-o.
Ela virou-se, exclamando : - Senhor!
Olhou desconfiada, pela clareira. - Charlie, é você?
Charlie limpou a boca com os punhos.
Ela andou pela clareira, fingindo que o procurava. Finalmente, teve uma idéia, e dirigiu-se direto para ele, braços estendidos. - Charlie, onde está?
Como um relâmpago, ele a evitou.
Ela precisou reunir toda sua força de vontade, para não sair correndo atrás dele; mas, como não se pode perseguir meninos invisíveis, ela sentou-se, praguejando, e tentou fritar mais bacon. Mas cada fatia que ela cortava, ele roubava do fogo e corria. Finalmente, rosto queimando, ela gritou. - Sei onde está! Ali! Ouvi você correr! - Ela apontou para o lado dele, sem muita precisão. Ele correu de novo. - Agora, está ali! Ali! E ali! - apontando para todos os lugares em que ele ficou, nos seguintes cinco minutos. - Estou ouvindo você pisar na grama, esbarrar numa flor, quebrar um graveto; tenho bons ouvidos, delicados como rosas. Podem ouvir as estrelas se movendo!
Silenciosamente, ele correu entre os pinheiros, gritando para trás : - Mas não pode me ouvir, se eu me sentar numa pedra. Vou ficar

parado!
Por todo o dia, alojou-se numa pedra, ao vento, sem se mover e sem comer nada.
A Velha Senhora foi pegar lenha no bosque, sentindo os olhos dele roendo suas costas. Queria dizer: - Eu o vejo, eu o vejo! Eu estava apenas brincando! Você está ali! - Mas engoliu em seco, e calou-se.
Na manhã seguinte, ele começou a fazer sua maldades. Começou a aparecer por detrás das árvores. Fazia caretas de cogumelo, de sapo, de aranha, para ela, puxando os lábios para baixo com os dedos, esbugalhando os olhos, puxando o nariz para cima, até se poder olhar lá dentro, e ver seu cérebro, pensando.
Uma vez, ela deixou cair a lenha. Fingiu que um pássaro a havia assustado.
Ele fez um gesto como que a estrangulá-la.
Ela estremeceu.
Fez outro movimento, como quem ia golpear seu rosto, e cuspir nele.
Ela suportou tudo isto sem mover uma pálpebra, ou torcer a boca.
Ele mostrou a língua, fazendo ruídos estranhos. Remexeu as orelhas, quase fazendo com que ela risse, e finalmente, ela não resistiu, mas logo explicou. - Sentei numa salamandra! Como me cutucou!
Ao meio-dia, toda aquela loucura chegou ao seu máximo.
Pois foi exatamente naquela hora que Charlie veio correndo pelo vale, completamente nu!
A Velha Senhora quase caiu sentada com o susto!
- Charlie! - ela quase gritou.
Charlie correu nu pelo lado de uma colina, e nu desceu pelo outro; nu como o dia, nu como a lua, como o sol e um pintainho recém-nascido, seus pés velozes como um beija-flor voando baixo.
A língua da Velha Senhora estava travada em sua boca. O que ela poderia dizer? Charlie, vá se vestir? Que vergonha? Pare com

isso?
Podia? Oh, Charlie, Charlie, meu Deus! Ela podia dizer algo, agora?
Sobre a pedra grande, ela viu-o dançando e dançando, nu como quando de seu nascimento, saltando com os pés nus, batendo as mãos nos joelhos, e contraindo e expandindo seu estômago branco, como se enche e esvazia um balão de ar.
Ela fechou os olhos, e rezou.
Depois de três horas assim, ela pediu : - Charlie, Charlie, venha cá! Tenho algo para lhe contar!
Ele veio como uma folha que cai, já vestido, felizmente.
- Charlie - ela disse, olhando para as árvores. - Estou vendo o dedão do seu pé direito. Ali.
- Mesmo?
- Sim - ela disse, tristemente. - Lá está, como um cogumelo sobre a grama. E ali está sua orelha esquerda, pendurada no ar, como uma borboleta rosada.
Charlie dançou. - Estou aparecendo, estou aparecendo!
A Velha Senhora concordou. - Ali está seu tornozelo!
- Dê-me meus dois pés! - ordenou Charlie.
- Já os tem.
- E minhas mãos?
- Vejo uma sobre seu joelho, como um pernilongo.
E a outra?
- Também está ali.
- Já tenho o corpo?
- Está se formando muito bem.
- Vou precisar de minha cabeça para ir para casa, Velha.
Ir para casa, ela pensou, desgostosa. - Não! - ela disse, teimosa.
- Não, você ainda não tem cabeça. Não, sem cabeça. - Ela ia deixar isso por último. Sem cabeça; sem cabeça - ela insistia.
- Sem cabeça? - ele gemeu.
- Sim, oh, meu Deus, você agora tem a danada da cabeça! - ela acabou desistindo. - Agora, dê-me o morcego com a agulha no olho!

Ele atirou o morcego. - Viva! - Seus gritos encheram o vale, e bem depois que ele saíra correndo para casa, ela ouvia seus ecos, correndo.

Então ela pegou sua lenha, com um grande e seco cansaço, e voltou para sua cabana, soluçando, falando. E Charlie seguiu-a todo o caminho, realmente invisível, agora, ela não podia vê-lo, só ouvi-la, como uma pinha caindo, ou uma corrente subterrânea, ou um esquilo subindo por um galho ; e perto do fogo, ao cair da noite, ela e Charlie sentavam-se, ele, tão invisível, e ela oferecendo-lhe o bacon que ele não aceitaria, então ela mesma comia, e então ela fazia alguma mágica, e dormia, junto com Charlie, feito de gravetos e trapos e pedras, mas ainda quente, e seu filho, confortável, em seus trêmulos braços maternais... e conversavam sobre coisas douradas a meia voz, até que a madrugada lentamente apagasse o fogo...

VENHA AO MEU PORÃO

Hugh Fortnum acordou para as sensações de sábado, e ficou deitado, olhos fechados, saboreando uma de cada vez.
Lá embaixo, bacon sendo preparado; Cynthia acordando-o com boa comida, ao invés de gritos.
No banheiro, Tom tomando banho de verdade.
Longe, em meio à luz do dia, de quem era a voz que já estava amaldiçoando o clima, o tempo e as marés? A Sra. Goodboy? Sim.
Aquela giganta cristã, um metro e oitenta, sem sapatos, a extraordinária jardineira, a dietista octogenária, e a filósofa da cidade.
Levantou-se, abriu a janela, e inclinou-se, para ouvi-la : - Pronto! Tome isso! Isto vai cuidar de você! Há!
- Tenha um bom sábado, Sra. Goodboy!
A idosa mulher imobilizou-se entre nuvens de inseticida, bombeadas através de um imenso pulverizador.
- Bobagem! Com essas pestes inimigas para vigiar?
- Que espécie, desta vez?
- Não quero gritar, para que os pássaros escutem, mas... - ela olhou à volta, desconfiada - que tal se eu lhe dissesse que eu fui a primeira linha de defesa contra os Discos Voadores?
- Ótimo, haverá foguetes entre os mundos, daqui a poucos anos.
- Acho que já existem! - Ela bombeou, mirando sob a sebe. Tornem isso!
Pôs a cabeça para dentro, afastando-se do dia fresco, não tão bem-humorado quanto sua reação inicial indicara. A pobre Sra.
Goodboy. Sempre a própria essência da razão. E agora, isso; seria a idade?
A campainha tocou.
Pegou seu robe e estava a meio caminho de descer as escadas, quando ouviu uma voz: - Entrega especial. Fortnum". e viu Cynthia afastar-se da porta da frente, com um pequeno

pacote nas mãos.
Ele estendeu a mão, mas ela abanou a cabeça.
- Entrega Especial Via Aérea para seu filho.
Tom desceu a escada como uma centopéia.
- Oba! Deve ser da Grande Estufa Bayou de Novidades!
- Eu gostaria de ficar tão animado, com a correspondência comum - observou Fortnum.
- Comum?! - Tom rasgava o pacote furiosamente. - Não lê as páginas de anúncios de "Mecânica Popular"? Aqui estão!
Todos olharam dentro da pequena caixa aberta.
- E o que é isso? - perguntou Fortnum.
- Os Cogumelos Sylvan-Glade Jumbo-Gigantes de Crescimento Garantido para Cultivar-em-seu-Porão-para-ter-Grandes-Lucros!
- Ah, claro; como eu sou mal informado - disse Fortnum.
Cynthia perguntou: - Aquelas coisinhas...?
- Crescimento fabuloso em vinte e quatro horas - Tom citou, de cor. - Plante-os em seu porão...
Fortnum e a esposa trocaram olhares.
- Bem - ela admitiu - é melhor do que sapos e cobras verdes.
- Claro que é! - e Tom saiu correndo.
- Tom - Fortnum chamou, em voz baixa.
Tom parou na porta do porão.
- Da próxima vez, pode pedir pela remessa comum. - Eles devem ter-se enganado - respondeu Tom - pensaram que eu era alguma companhia. Via Aérea especial, quem pode pagar isso?
E bateu a porta do porão.
Fortnum, surpreso, inspecionou o papel de embrulho, e então jogou fora. A caminho da cozinha, abriu a porta do porão.
Tom já estava ajoelhado, cavando com uma pazinha, na parte de trás do porão.
Sentiu a respiração de sua mulher atrás dele, olhando para a penumbra do porão.
- Espero que não sejam... venenosos?
Fortnum riu-se. - Boa colheita, fazendeiro!

Tom olhou para trás e acenou.
Fortnum fechou a porta, pegou o braço de sua esposa, e foi com ela para a cozinha, sentindo-se bem.
Perto do meio-dia, Fortnum estava indo de carro ao mercado mais próximo, quando viu Roger Willis, um amigo rotariano e professor de biologia na escola da cidade, acenando na calçada.
Fortnum parou o carro e abriu-lhe a porta.
- Olá, Roger, quer uma carona?
Willis logo aceitou, pulando para dentro e batendo a porta.
- Exatamente quem eu queria ver. Tenho adiado vê-lo há dias. Poderia bancar o psiquiatra para mim um pouco, por favor?
Fortnum examinou seu amigo por um instante, e continuou guiando.
- Por favor, sim, vá falando.
Willis acomodou-se, e ficou examinando suas unhas. - Vamos andar mais um pouco. Pronto. Bem o que quero dizer é: há algo de errado com o mundo.
Fortnum deu uma boa risada. - Sempre houve algo errado.
- Não; não, quero dizer... algo estranho, invisível... está acontecendo.
- A Sra. Goodboy - disse Fortnum, mais com os seus botões, e interrompeu-se.
- A Sra. Goodboy?
- Esta manhã. Deu-me uma lição sobre discos voadores.
- Não. - Willis mordeu a falange de seu indicador, nervoso. Nada de discos. Pelo menos, não creio. Diga-me, o que é a intuição?
- O reconhecimento consciente de algo que tinha estado subconsciente por muito tempo. Mas não cite este psicólogo amador! Riu-se de novo.
- Bom, bom! - Willis voltou-se, mais aliviado. Acomodou-se melhor no assento. - É isso! Durante um longo tempo, as coisas vão se juntando, certo? E de repente, você tem de cuspir, mas não se lembra de ter estado juntando saliva. Suas mãos estão sujas, mas não sabe como elas ficaram assim. A poeira cai em

cima de nós todo dia, e não sentimos, mas quando juntamos poeira bastante, lá está ela, e damos-lhe uma nome. Isso é intuição, tanto quanto me importe.
Bem, que tipo de poeira tem caído em mim? Alguns meteoros no céu, à noite? Clima estranho antes do alvorecer? Não sei. Certas cores, cheiros, os estalidos da casa às três da manhã? Os pêlos de meu braço arrepiados? Tudo o que sei é que a poeira juntou. E de repente, eu sei.
- Sim - falou Fortnum, inquieto. - Mas o que sabe?
Willis olhou para suas mãos, no colo.
- Estou com medo ; e não estou. E de novo, estou com medo, em pleno dia. O médico examinou-me. Estou ótimo. Sem problemas de família. Joe é um bom rapaz, um bom filho. Dorothy? É admirável. Com ela, não tenho medo de envelhecer ou morrer.
- Homem de sorte.
- Mas, trata-se de muito mais do que minha sorte. Morro de medo, por mim, por minha família ; agora, mesmo por você.
- Eu?
Tinham parado agora numa vaga perto do mercado. Houve um momento de calma, em que Fortnum virou-se para examinar o amigo. A voz de Willis trouxera-lhe uma fria inquietude.
- Receio tudo por todos - disse Willis. - Seus amigos, meus, e os amigos deles, e assim por diante. Que tolice, hein?
Willis abriu a porta, saiu e olhou para Fortnum ainda dentro.
Fortnum percebeu que deveria dizer algo.
- Bem, o que fazer?
- Willis olhou para o sol queimando no grande e remoto céu.
- Esteja em guarda - ele disse, devagar. - Fique de olho em tudo, por alguns dias.
- Tudo?
- Não usamos nem metade de tudo o que Deus nos deu, nem dez por cento do tempo. Deveríamos ouvir mais, sentir mais, cheirar mais, gostar mais. Talvez haja algo errado com o modo do vento soprar aquelas sementes, ali no estacionamento. Talvez seja

o sol batendo naqueles fios telefônicos, ou as cigarras cantando nos olmos. Se pudéssemos parar, escutar, por alguns dias, algumas noites, e comparar o que notamos. Então, diga-me para calar a boca, e obedecerei.
- Está bem - fingindo estar mais à vontade do que realmente estava. - Vou ficar de olho. Mas como reconhecerei aquilo que estou procurando, quando encontrar?
Willis olhou francamente para ele. - Vai saber. Precisa saber. Ou estaremos feitos, todos nós - ele disse calmamente.
Fortnum fechou a porta, sem saber o que dizer. Sentiu o embaraço crescendo, em seu rosto. Willis percebeu.
- Hugh, pensa que estou... meio desequilibrado?
- Imagine só! - disse Fortnum, com pouca naturalidade. - Está só um pouco nervoso. Deveria tirar umas duas semanas de férias.
Willis concordou. - Posso visitá-lo segunda, à noite?
- Apareça quando quiser.
- Espero poder, Hugh, realmente espero poder.
Então, Willis se foi, depressa, cruzando o estacionamento, para a entrada lateral do mercado.
Vendo-o afastar-se, Fortnum subitamente não quis mover-se.
Descobriu que muito lentamente, começava a respirar fundo, sopesando o silêncio. Umedeceu os lábios, sentindo gosto salgado. Olhou para o braço, na janela do carro, a luz do sol queimando os pêlos dourados. No estacionamento vazio, o vento passava, sozinho. Pôs a cabeça para fora, olhando para o sol, que devolveu o olhar com um golpe maciço de uma energia intensa, que o fez recolher-se.
Exalou o ar. Então, riu-se alto. E saiu, com o carro.
O copo de limonada estava úmido, e deliciosamente gelado. O gelo tocava música, dentro do copo, e a limonada estava satisfatoriamente azeda e doce em sua língua. Bebeu, saboreou, inclinou a cabeça para trás na cadeira de balanço na penumbra da varanda, olhos fechados. Os grilos manifestavam-se no gramado. Cynthia, tricotando, do outro lado da varanda, olhou-o, curiosa. Ele podia sentir a pressão de sua atenção.

- O que está pensando? - ela acabou falando.
- Cynthia, sua intuição está funcionando? O tempo é de terremoto? A terra vai afundar? A guerra será declarada? Ou teremos uma praga em nossas flores?
- Espere. Deixe-me sentir meus ossos.
Ele abriu os olhos, para ver Cynthia, por sua vez, fechar os seus e deixar-se ficar sentada, absolutamente imóvel, mãos sobre os joelhos. Finalmente, abanou a cabeça e sorriu.
- Não. Nenhuma guerra declarada. Nenhum afundamento de terra. Nem mesmo uma praga. Por quê?
- Encontrei muitos derrotistas hoje. Bem, eram só dois, e...
A porta de tela escancarou-se. O corpo de Fortnum sobressaltou-se como se tivesse levado um chute. Hã ... o que!
Tom, com uma sementeira nas mãos, saía na varanda.
- Desculpe - ele disse. - O que há, papai?
- Nada - Fortnum estava de pé, contente por ter de se mover.
- É a plantação?
Tom adiantou-se, contente. - Parte dela. Rapaz, eles estão indo bem. Em apenas sete horas, com bastante água, vejam como essas coisas cresceram! - pôs a sementeira na mesa, entre seus pais.
A plantação, de fato, florescia. Centenas de pequenos cogumelos entre o cinza e o marrom estavam aparecendo na terra úmida.
- Oram vejam... - disse Fortnum, impressionado.
Cynthia estendeu a mão para tocar o tabuleiro, mas retirou-a, incomodada.
- Detesto ser estraga-prazeres, mas... não seria possível que essas coisas sejam nada mais do que só cogumelos, não?
Tom sentiu-se ofendido. - O que pensa que vão comer? Fungóides venenosos?
- É, é isso - disse Cynthia, depressa - como sabe a diferença?
É só comer - disse Tom - se viver, são comestíveis. Se cair morto, bem!...
E deu uma gargalhada, o que surpreendeu Fortnum, mas só

fez sua mãe afastar-se. Sentou-se de novo.
- Eu... eu não gosto deles - ela disse.
- Rapaz, puxa vida! - Tom pegou o tabuleiro, contrafeito, e foi saindo, devagar.
- Tom - disse Fortnum.
- Não faz mal, todos pensam que serão arruinados pelo rapaz empreendedor; pouco me importa!
Fortnum entrou, quando Tom estava levando os cogumelos, em seu tabuleiro, pela escada do porão. Bateu a porta, e saiu correndo pelos fundos, irritado.
Fortnum voltou-se para sua mulher, que desviou o olhar.
- Lamento - disse ela. - Não sei por que, mas eu precisava dizer aquilo para Tom.
O telefone tocou. Fortnum trouxe o telefone para fora, com o fio da extensão.
- Hugh? - Era a voz de Dorothy Willis. Ela pareceu subitamente envelhecida e amedrontada. - Hugh... Roger não está ai?
- Dorothy? Não.
- Ele se foi! - disse Dorothy. - Levou todas as roupas de seu armário. - Ela começou a chorar, baixinho.
- Dorothy, espere. Estarei aí num minuto.
- Você precisa ajudar, por favor. Algo aconteceu a ele, eu sei ela gemeu. - Se você não fizer algo, nunca mais o veremos.
Muito lentamente, ele pôs o fone de volta no gancho, a voz dela ainda chorando dentro dele. Os grilos, de repente, estavam fazendo muito barulho. Ele sentiu os pêlos, um por um, se arrepiarem, em sua nuca.
- Ora, cabelo não pode fazer isso - ele pensou. - Mas, que bobagem. Não pode fazer isso, não na vida real, não pode!
Mas, arrepiando-se pêlo por pêlo, era o que seu cabelo fazia.
Os cabides estavam, de fato, vazios. Com algum estardalhaço, Fortnum empurrou-os para o lado, e olhou para Dorothy Willis, e seu filho, Joe.
- Eu estava passando - dizia Joe - e vi o armário vazio, sem nenhuma roupa de papai!

- Tudo estava bem - disse Dorothy. - Tínhamos uma ótima vida. Não compreendo, não, não! - Começou a chorar de novo, pondo as mãos no rosto.
Fortnum saiu de dentro do armário embutido.
- Não o ouviram saindo de casa?
- Estávamos jogando beisebol, na frente de casa - disse Joe.
- Papai disse que entraria por um minuto. Entrei pelos fundos e... tinha ido embora!
- Deve ter empacotado as coisas bem depressa e foi a pé, assim, não ouviríamos um táxi saindo da frente da casa.
Estavam passando pelo hall, agora.
- Vou verificar a estação de trens e o aeroporto. - Fortnum hesitou. - Dorothy, há algo no passado de Roger...
- Não, não foi loucura. - Ela titubeou. - Eu acho que de algum modo... ele foi seqüestrado.
Fortnum abanou a cabeça. - Não me parece razoável que ele faça as malas, saia de casa, e vá ao encontro de seus seqüestradores.
Dorothy abriu a porta como para deixar a noite ou o vento da noite entrar pelo hall, ao se voltar para olhar pelas salas, com sua voz vaga.
- Não. De algum modo, eles entraram em casa. Bem na nossa frente. levaram-no embora.
E depois: - ... uma coisa terrível aconteceu.
Fortnum saiu pela noite, com os grilos e as árvores agitadas pela brisa. Os derrotistas, ele pensou, falando da Derrota. A Sra. Goodboy.
Roger. E agora a mulher de Roger. Algo terrível aconteceu. Mas o que, por Deus? E como?
Olhou de Dorothy para seu filho. Joe, piscando, com lágrimas nos olhos, levou bastante tempo para se virar, andar pelo hall, e parar, segurando a maçaneta da porta do porão.
Fortnum sentiu suas pálpebras tremerem, sua íris flexionar-se, como se estivesse tirando uma foto de algo que desejaria recordar-se.
Joe abriu a porta do porão, e desceu, saindo da vista. A porta

fechou-se.
Fortnum abriu a boca para falar, mas Dorothy estava tomando sua mão agora, e teve de olhar para ela.
- Por favor, ache-o para mim.
Ele beijou-lhe o rosto. - Se for humanamente possível...
Se for humanamente possível. Céus, por que ele havia escolhido essas palavras?
Saiu, para a noite de verão.
Um engasgar, uma exalação; um engasgo, outra exalação, uma inalação asmática, um espirro. Alguém morrendo, no escuro? Não.
Apenas a Sra. Goodboy, invisível atrás da sebe, trabalhando até tarde, sua bomba manual em riste, seu cotovelo ossudo agitado. O cheiro adocicado e enjoativo do inseticida envolveu Fortnum, quando ele chegou à sua casa.
- Sra. Goodboy? Ainda está aí?
Da sebe escura, veio a voz: - Raios, ainda, sim! Afídios, pragas, minhocas, e agora, o marasmius oreades. E como cresce depressa!
- Quem?
- O maramius oreades, claro! De novo, ou eu ou eles, e pretendo ganhar. Tornem isso! E mais isso!
Ele afastou-se da sebe, da bomba, da voz, e encontrou sua esposa esperando por ele na varanda, como numa continuação de como deixara Dorothy na porta de sua casa, há alguns minutos.
Fortnum ia falar, quando uma sombra moveu-se lá dentro. Houve um estalido. Moveu-se uma maçaneta.
Tom desapareceu no porão.
Fortnum sentiu como se algo explodisse em sua cara. Ficou tonto. Tudo tinha a insensível familiaridade daqueles sonhos acordados em que todos os movimentos são recordados antes de acontecerem, todo diálogo sabido antes de sair da boca.
Achou-se olhando para a porta fechada do porão. Cynthia levou-o para dentro, admirada.
- O que? Tom? Ora, eu cedi, os malditos cogumelos significavam tanto para ele. Além do mais, quando ele os plantou no

porão, ficaram muito bem, plantados só na terra.
- Mesmo? - Fortnum ouviu-se dizendo.
Cynthia tomou seu braço. - E Roger?
- Ele se foi mesmo.
- Homens, homens... - ela disse.
- Não, está enganada, tenho visto Roger todo dia, nos últimos dez anos. Quando se conhece um homem tão bem, pode-se adivinhar como vão as coisas em sua casa, até se a comida está no forno ou no fogão. A morte ainda não tinha estado perto dele. Não saiu correndo atrás de uma juventude imortal, roubando pêssegos no quintal alheio. Não, não; eu juro, apostaria meu último dólar nisso. Roger...
A campainha tocou. O carteiro tinha chegado silenciosamente à varanda, e estava lá com um telegrama.
- Fortnum?
Cynthia acendeu a luz do hall, enquanto ele rasgava o envelope e abria o telegrama.
VIAJANDO NOVA ORLEANS. ESTE TELEGRAMA POSSÍVEL MOMENTO LIVRE. DEVE RECUSAR, REPITO, RECUSAR, QUALQUER PACOTE DE ENTREGA ESPECIAL! ROGER.
Cynthia ergueu os olhos do papel.
- Não compreendo. O que ele quer dizer?
Mas Fortnum já estava no telefone, discando depressa. - Telefonista? Policia, depressa!
Às dez e quinze daquela noite, o telefone tocou pela sexta vez, Fortnum atendeu e imediatamente foi falando. - Roger! Onde está!?
- Onde estou? - disse Roger, entre alegre e surpreso. - Sabia muito bem onde estava. Você é o responsável por isto. Eu deveria estar zangado com você!
Cynthia, a um sinal seu, pegou a extensão do telefone, na cozinha. Quando ouviu a extensão ligada, continuou. - Roger, eu juro que não sei. Recebi aquele seu telegrama e...
- Que telegrama? - disse Roger, jovialmente. - Não mandei

nenhum telegrama e agora, de repente, a polícia chegou, entrou no trem para o sul, me prende, e eu estou telefonando para você tirá-los de trás de mim. Hugh, se isto é algum trote...
- Mas, Roger, você simplesmente desapareceu!
- Numa viagem de negócios. Se é que se pode chamar isso desaparecer. Eu avisei Dorothy, e Joe.
- Isto está muito confuso, Roger. Não está em perigo? Ninguém o está forçando aí a falar assim?
- Eu estou bem, saudável, livre, e sem temores.
- Mas, Roger, e suas premonições?...
- Tolices! Agora, escute, eu estou até me comportando bem, não?
- Claro, Roger.
- Então seja bonzinho e dê-me permissão para ir embora. Chame Dorothy e diga-lhe que voltarei em cinco dias. Como ela poderia ter esquecido?
- Pois esqueceu, Roger. Vejo-o em cinco dias, então?
- Cinco dias, eu prometo.
A voz era, realmente, calorosa e firme, o velho Roger de novo.
Fortnum abanou a cabeça, mais desorientado que antes.
- Roger, este dia foi o mais maluco de minha vida. Não está fugindo de Dorothy? Ora, pode contar para mim.
- Eu a amo de coração. Agora, aqui está o tenente Parker, da polícia de Ridgetown. Até logo, Hugh.
- Até...
Mas logo o tenente estava na linha, irritado. O que Fortnum queria, com aquela complicação? O que estava acontecendo? Quem pensava que era? Ele queria ou não que prendessem esse seu suposto amigo?
- Soltem-no - Fortnum conseguiu dizer a certa altura, desligou o telefone e imaginou ouvir uma voz chamando os passageiros e o ruído do trem deixando a estação, a duzentas milhas ao sul da noite, que conseguia, de algum modo, ficar cada vez mais escura.
Cynthia andava bem devagar, na sala de estar.
- Sinto-me tão idiota - ela dizia.
- Como acha que eu me sinto?

- Quem poderia ter enviado o telegrama? E por quê?
Ele pegou um pouco de uísque para si e ficou no meio da sala, olhando para o copo.
- Ainda bem que não há nada com Roger - sua mulher falou, afinal.
- Ele não está bem - disse Fortnum.
- Mas acabou de dizer...
- Não disse nada. Afinal não podíamos arrastá-lo daquele trem e trazê-lo de volta para casa, se ele insiste em dizer que está bem?
Não. Ele mandou aquele telegrama, mas mudou de idéia, depois de enviá-lo. Por quê? Por que, por quê? - Fortnum andava pela sala, bebendo. - Por que prevenir-nos contra pacotes de entregas especiais?
O único pacote que recebemos este ano, de acordo com essa descrição, foi o que Tom recebeu esta manhã - e sua voz desapareceu.
Antes que ele pudesse mover-se, Cynthia estava pegando o papel de embrulho amassado, na cesta de papéis, com os selos de entrega especial.
O carimbo indicava: Nova Orleans, La.
Cynthia ergueu o olhar para ele. - Nova Orleans. Não é para lá que Roger está indo agora?
Uma maçaneta foi girada, uma porta abriu e fechou na mente de Fortnum. Outra maçaneta, outra porta escancarando-se e fechando.
Um cheiro de terra úmida.
Achou-se de novo discando o telefone. Depois de algum tempo, Dorothy Willis respondeu. Ele podia imaginá-la sentada sozinha numa casa com todas as luzes acesas. Falou calmamente com ela um pouco, então limpou a garganta, e disse : - Escute, Dorothy. Eu sei que pode parecer bobagem, mas nestes últimos dias chegou algum pacote de entrega especial em sua casa?
Sua voz era fraca. - Não. - E então: - Não, espere. Há três dias. Mas pensei que você soubesse! Todos os meninos estão recebendo.

Fortnum mediu as palavras cuidadosamente.
- Recebendo o que?
- Mas, por que pergunta? Não há nada errado em cultivar cogumelos, não?
Fortnum cerrou os olhos.
- Hugh? Ainda está ai? - perguntou Dorothy. - Eu disse : Não há nada errado com...
- ... plantar cogumelos? - Fortnum acabou dizendo. - Não, nada errado. Nada errado.
E lentamente, desligou o telefone.
As cortinas eram sopradas, como véus de luar. O relógio tiquetaqueava. O mundo da madrugada inundava o quarto. Ouviu a voz da Sra. Goodboy no ar matinal, já há um milhão de anos. Ouviu Roger pondo uma nuvem sobre o sol, ao meio-dia. Ouviu o policial praguejando contra ele, no sul do estado. Então a voz de Roger de novo, com o som da locomotiva levando para longe, e desvanecendo. E finalmente, a voz da Sra. Goodboy, atrás da sebe: - Céus, como cresce depressa!
- Quem?
- Marasmius oreades!
Abriu os olhos. Sentou-se.
Desceu as escadas, e foi ao dicionário enciclopédico.
Seu indicador sublinhou as palavras: "Marasmius oreades: um cogumelo comumente encontrado nos jardins, no verão e começo do outono."
Deixou o livro cair.
Lá fora, na escura noite de verão, acendeu um cigarro, e começou a fumá-lo.
A porta de frente fechou-se.
Cynthia aproximou-se dele, com seu robe.
- Não consegue dormir?
- Muito quente, eu acho.
- Não está quente.
- Não - ele concordou. - De fato, está frio. - Tirou duas baforadas, e então, sem olhar para ela, disse: - Cynthia... E se...? -

Interrompeu-se, para bocejar. - E se Roger estivesse certo, hoje de manha? E se a Sra. Goodboy também estivesse certa? Algo terrível está acontecendo. Como... - ele olhou para o céu e para os milhões de estrelas - a Terra estar sendo invadida por coisas de outros mundos, talvez.
- Hugh!
- Não, vamos apenas supor isso.
- É óbvio que não estamos sendo invadidos, ou perceberíamos.
- Digamos que reparamos, mas só pela metade, ficamos incomodados com alguma coisa. O que? Como poderíamos ser invadidos?
Por que meios as criaturas nos invadiram?
Cynthia olhou para o céu e ia sugerir algo, quando ele interrompeu.
- Não, nada de meteoros, ou discos voadores. Não com coisas que podemos ver. E bactérias? Também vêm do espaço, não?
- Eu li uma vez, sim...
- Esporos, sementes, pólens, vírus, provavelmente bombardeiam nossa atmosfera aos bilhões cada segundo, e assim o tem feito, por milhões de anos. Agora mesmo, estamos sentados sob uma chuva invisível. Cai sobre todo o país, cidade, vilas, e agora... em nosso jardim.
- Nosso jardim?
- E no da Sra. Goodboy. Mas pessoas como ela estão sempre arrancando ervas, pulverizando veneno, arrancando cogumelos de sua grama. Seria difícil para qualquer forma estranha de vida sobreviver numa cidade. O clima é uive problema, também. O melhor clima seria no sul : Alabama; Geórgia ; Luisiana. Nos pântanos úmidos, poderiam crescer bastante.
Mas Cynthia estava começando a rir, agora.
- Mas você não acredita, mesmo, que este Grande Bayou" ou seja lá o que for de Estufa da Companhia de Novidades que enviou aquele pacote para Tom pertença e seja operada

por cogumelos de um metro e oitenta de altura, vindos de outro planeta?

** "Bayou" ou "pântano", no sul dos EUA. (Nota do Digitalizador)*

- É, dizendo desse jeito, parece engraçado - ele admitiu.

- Engraçado? É hilariante! - E jogou a cabeça para trás, gargalhando.

- Meu Deus! - ele gritou, subitamente irritado. - Algo está acontecendo! A Sra. Goodboy está arrancando e matando marasmius oreades. E o que é marasmius oreades? Um tipo de cogumelo. Simultaneamente, e eu acho que você achará mera coincidência, por entrega especial, o que nos chega, no mesmo dia? Cogumelos para Tom! E o que mais acontece? Roger receia uma morte próxima! Depois de algumas horas, ele desaparece, e então telegrafa para nós, advertindo-nos para não aceitar o que? Os cogumelos por entrega especial para Tom! O filho de Roger recebeu um pacote semelhante nos últimos dias? Sim! De onde vêm os pacotes? Nova Orleans! E para onde Roger está indo quando desaparece? Nova Orleans! Percebe, Cynthia, percebe? Eu não estaria perturbado se tudo isso não se encaixasse! Roger; Tom; Joe; cogumelos; a Sra. Goodboy; pacotes; destinatários, tudo uma coisa só!

Ela estava olhando para o rosto dele, mais quieta, mas ainda divertida. - Não fique nervoso.

- Não estou! - Fortnum quase gritou. E então, ele simplesmente não podia continuar. Receava que o fizesse, acabaria rindo, também, o que não lhe agradava. Olhou para as casas da vizinhança, por todo o quarteirão, e pensou nos porões escuros e nos meninos da vizinhança que liam Mecânica Popular e mandavam seu dinheiro aos milhões para criar cogumelos num esconderijo. Assim como ele, quando criança, havia pedido pelo correio substâncias químicas, sementes, tartarugas, e inumeráveis bugigangas ou substâncias pegajosas. Sm quantos milhões de lares americanos, esta noite, haveria bilhões de cogumelos crescendo aos cuidados dos inocentes?

- Hugh? - sua esposa tocava-lhe o braço, agora. -

Cogumelos, mesmo os grandes, não pesam. Não se movem. Não têm braços e pernas. Como poderiam operar um serviço postal e "tomar" o mundo?
Vamos, vamos olhar nossos terríveis monstros inimigos!
Ela puxou-o para a porta. Lá dentro, ela dirigiu-se ao porão, mas ele parou, abanando a cabeça, um sorriso tolo formando-se em sua boca. - Não, não, eu sei o que vou encontrar. Você ganhou. Toda a coisa é idiota. Roger vai voltar na semana que vem e vamos todos nos embebedar juntos. Vá para cama agora, vou beber um copo de leite quente e daqui a pouco, estarei com você... bem, dois minutos...
- Assim é melhor! - ela o beijou no rosto, abraçou-o, e subiu a escada.
Na cozinha, pegou um copo, abriu a geladeira, e estava pondo leite no copo, quando parou.
Perto da prateleira de cima estava uma pequena travessa amarela. Não foi a travessa que chamou-lhe a atenção, mas o que ela continha. Cogumelos recém-colhidos.
Ele ficou ali por meio minuto, seu fôlego condensando-se ao ar da geladeira, antes de estender a mão, pegar a travessa, cheirá-la, apalpar os cogumelos, e então, por fim, carregando a travessa, foi para o hall. Olhou para o topo da escadaria, ouviu Cynthia andando no quarto, e ia chamá-la - "Cynthia, você pôs isto na geladeira?
Então, deteve-se. Sabia a resposta. Não tinha sido ela.
Pousou a travessa no corrimão, e ficou olhando para os cogumelos. Imaginou-se na cama, mais tarde, olhando para as paredes, janelas abertas, olhando as sombras do luar no teto. Imaginava-se dizendo: Cynthia? e ela respondendo, Sim? E ele: há um modo para cogumelos terem braços e pernas... O quê? ela diria, seu bobo, como? E ele juntaria coragem contra sua reação risonha, e continuaria dizendo, e se uma pessoa andasse pelo pântano, e os comesse?...
Nenhuma resposta de Cynthia.
Uma vez dentro da pessoa, os cogumelos se espalhariam por

seu sangue, tornariam cada célula, e transformariam o homem num...
marciano? Considerando esta teoria, o cogumelo precisaria de braços e pernas? Não, não quando poderia usar gente, viver dentro das pessoas e transformar-se nelas. Roger comeu cogumelos que lhe foram dados por seu filho. Roger transformara-se em "algo". Ele seqüestrara a si mesmo. E num último clarão de lucidez, quando era "ele mesmo", telegrafou-nos, avisando-nos para não aceitar os cogumelos da entrega especial. "O" Roger que telefonou não era mais Roger, mas um cativo daquilo que comera! Isso não faz sentido, Cynthia? Não faz? Não faz?
Não, disse a Cynthia imaginária, não, não faz sentido ; não, não ; não...
Houve um sussurro, abafado, fraco, do porão. Tirando os olhos da terrina, Fortnum foi até a porta do porão e aplicou a orelha contra ela.
- Tom?
Sem resposta.
- Tom, está aí embaixo?
Sem resposta.
- Tom?
Depois de um longo instante, a voz de Tom veio lá de baixo.
- Sim, papai?
- Já passa da meia-noite - disse Fortnum, esforçando-se para manter sua voz calma. - Que está fazendo ai?
Sem resposta.
- Eu disse...
- Cuidando da minha plantação - respondeu afinal o garoto, com a voz fraca e fria.
- Bem, saia daí! Está me ouvindo?!
Silêncio.
- Tom? Escute! Você pôs alguns cogumelos na geladeira, esta noite? Por quê?
Passaram-se uns dez segundos antes de o garoto replicar, lá

de baixo. - Para você e a mamãe comerem, claro.
Fortnum sentiu seu coração acelerar-se, e precisou respirar fundo três vezes, antes de continuar.
- Tom? Você não... isto é... por acaso não comeu alguns cogumelos?
- Engraçado; sim, esta noite. Num sanduíche, depois da janta.
Por quê?
Fortnum pegou a maçaneta. Agora era sua vez de não responder.
Sentiu seus joelhos começarem a derreter e tentou combater todo aquele sentimento sem sentido. Não há razão, ele tentou dizer, mas seus lábios não se moviam.
- Papai? - Tom perguntou, lá do porão. - Venha cá. - Outra pausa.
- Quero que veja a plantação.
Fortnum sentiu a maçaneta escorregar em sua mão suada. O trinco fez barulho. Ele tossiu.
- Papai? - Tom disse, em voz baixa.
Fortnum abriu a porta.
O porão estava completamente às escuras, lá embaixo.
Estendeu a mão, para o botão da luz. Como se percebendo a intrusão, de algum lugar Tom disse : - Não; a luz faz mal aos cogumelos.
Fortnum tirou a mão do interruptor.
Engoliu em seco. Olhou para trás, para a escada que levava até sua mulher. Acho, ele pensou, que deveria ir dizer adeus para Cynthia. Mas, por que pensei nisso! Por que deveria pensar nisso? Não há razão, não é mesmo?
Nenhuma.
- Tom? - ele disse, afetando bom-humor. Aqui vou eu!
E descendo na escuridão, fechou a porta.

O PIQUENIQUE DE UM MILHÃO DE ANOS

De alguma forma, mamãe teve a idéia de que talvez a família gostasse de fazer uma excursão de pesca. Mas não eram palavras de mamãe; Timothy sabia. Eram palavras de papai, e mamãe usou-as no lugar dele.

Papai chutou um montículo de pedrinhas marcianas e concordou. De modo que, imediatamente, houve um tumulto e gritaria, e logo o acampamento foi empacotado em cápsulas e containers, e mamãe pôs uma roupa esporte adequada, papai encheu o cachimbo, com mãos trêmulas, de olho no céu marciano, e os três meninos pularam no barco a motor, gritando, nenhum deles de olho em papai e mamãe, exceto Timothy.

Papai puxou a partida. O barco enviou o som de seu motor, constante para o céu. A água perturbou-se, o barco zarpou, e a família gritou - Hurra!

Timothy sentou-se na popa do barco com papai, seus dedos pequenos sobre os dedos peludos de papai, olhando o canal encurvar-se, retorcer-se, deixando o lugar acidentado em que desceram em seu pequeno foguete familiar, quando vieram da Terra. Ele recordou-se da noite da véspera da partida, a agitação e a pressa, o foguete que papai achara de algum modo, em algum lugar, e a conversa de férias em Marte. Uma distância grande demais para as férias, mas Timothy não disse nada, por causa de seus irmãos menores. Estavam em Marte e agora, a primeira coisa, ou pelo menos era o que diziam, iam pescar.

Papai tinha um olhar estranho, enquanto o barco subia o canal.

Um olhar que Timothy não sabia decifrar. Era constituído de uma forte luminosidade, e talvez, uma espécie de alívio. Fazia suas rugas profundas rirem, ao invés de chorar, ou de se preocuparem.

Então, lá foi deixado o foguete, resfriando, depois de uma curva do canal.

- Até onde iremos? - Robert mergulhou a mão. Parecia um caranguejinho saltitando na água violácea.

Papai suspirou. - Até daqui a um milhão de anos.
- Puxa - exclamou Robert.
- Vejam, crianças. - Mamãe apontou um longo e suave braço ali está uma cidade deserta.
Olharam, ansiosos, e a cidade morta apresentou-se a eles, dormitando num silêncio quente do clima marciano.
E papai parecia contente que estivesse abandonada.
Era um desolado acúmulo de rochas rosadas dormindo numa elevação arenosa, alguns pilares caídos, uma lápide solitária, e mais areia. E nada mais, milhas ao redor. Um deserto branco à margem do canal e um deserto azul por cima.
Então, um pássaro levantou vôo. Como uma pedra atirada através de uma lagoa azul, batendo, afundando, e desaparecendo.
Papi olhou-o assustado. - Pensei que fosse um foguete.
Timothy olhou para o profundo oceano do céu, tentando ver a Terra e a guerra, e as cidades arruinadas e os homens, matando-se, desde o dia em q e nascera. Mas nada viu. A guerra estava tão afastada e remota quanto duas moscas numa luta mortal no arco de uma grande e silente catedral. E igualmente sem sentido.
William Thomas limpou a testa e sentiu a mão de seu filho em seu braço, como uma jovem tarântula, transfixado. Fitou o filho. I Que está achando, filho?
- Ótimo, pai.
Timothy ainda não tinha entendido bem o que estavam maquinando os adultos, além de seu alcance. O homem com o imenso nariz aquilino bronzeado, pele descascando, os quentes olhos azuis como bolinhas de ágata com que brincava nas férias escolares, no verão, na Terra, e as longas e grossas pernas colunares nas calças folgadas.
- O que está olhando tanto, papai?
- Estava procurando a lógica terráquea, o senso comum, o bom governo, a paz, e responsabilidade.
- Tudo isso, lá em cima?
- Não, não encontrei. Não está mais lá. Talvez nunca mais volte.
Talvez estivemos nos iludindo, e nunca esteve lá.

- Hein?
- Veja um peixe! - apontou papai.
Subiu um clamor de soprano de todos os meninos, quando inclinaram o barco, estendendo seus suaves pescoços para ver. Soltaram ohs e ahs. Um peixe, em forma de anel prateado, passou flutuando, ondulando, e fechando-se como uma íris, instantaneamente, ao redor de partículas de comida, assimilou-as.
Papai ficou olhando. Sua voz era grave e serena.
- Como a guerra. A guerra vai passando, vê comida, contrai-se.
Num instante, lá se foi a Terra.
- William - advertiu mamãe.
- Desculpe - respondeu papai.
Ficaram sentados, quietos, e sentiram a água do canal passar, fresca, veloz e espelhada. O único som era o ronco do motor, a marola, o sol expandindo o ar.
- Quando veremos os marcianos? - exclamou Michael.
- Logo, eu acho - respondeu papai - talvez, esta noite.
- Mas, os marcianos são uma raça extinta - interveio mamãe.
- Não, não são. Vou mostrar-lhes alguns marcianos de verdade - papai asseverou.
Timothy não acreditou naquilo, mas nada disse. Tudo era tão estranho, agora. Férias, e ir pescar, e olhares estranhos.
Os outros garotos estavam já empenhados em proteger os olhos com as mãos, e ficavam olhando atentamente as pedras altas nas margens do canal, procurando marcianos.
- Como eles são? - quis saber Michael.
- Vai saber, quando os encontrar - papai deu uma risada esquisita, e Timothy viu uma veia batendo em sua face.
Mamãe era esguia e suave, com uma trança de cabelo dourado sobre a cabeça, como um diadema, olhos da cor das profundas e frias águas do canal, correndo sombrias, quase purpurinas, com reflexos de âmbar. Podiam-se ver seus pensamentos nadando por seus olhos, como peixes - alguns luminosos, outros sombrios, alguns velozes, ágeis, outros lentos e calmos, e por vezes, como quando ela olhou para onde estava a

Terra, somente cor, e nada mais. Estava sentada na proa do bote, com uma das mãos no canto da boca, a outra pousada no colo, e uma linha de seu pescoço queimado de sol aparecendo onde sua blusa se abria como uma flor branca.
Ficava olhando adiante para ver o que havia à frente, e, não podendo ver direito, olhou para trás, para o marido, e refletido em seus olhos, viu o que havia à frente; e como ele acrescentava parte de si mesmo a este reflexo, uma firme determinação, o rosto dela acalmou-se e ela virou-se, sabendo subitamente pelo que procurar.
Timothy olhava, também. Mas tudo o que via era uma linha reta do canal, tornando-se violeta atravessando um vale amplo, delimitado por colinas erodidas, até cair pela borda do céu. E este canal continuava indefinidamente, atravessando cidades que fariam o ruído de escaravelhos secos numa caveira ressecada, se fossem sacudidas. Cem ou duzentas cidades sonhando sonhos de um abrasador dia de verão, e sonhos de frescas noites de verão...
Tinham atravessado milhões de milhas até aqui - para pescar.
Mas havia uma arma, no foguete. Estamos de férias. Mas, por que toda aquela comida, mais do que suficiente para vários anos, deixada escondida lá no foguete? Férias. Bem por trás do véu das férias não havia um rosto risonho, mas algo duro, ossudo, e talvez terrível. Timothy não conseguia erguer esse véu, e os outros dois meninos estavam ocupados demais, em terem oito e dez anos, respectivamente.
- Puxa vida, nenhum marciano, ainda - Robert pousou seu queixo pontudo em suas mãos, e ficou contemplando o canal.
Papai tinha trazido um rádio atômico, preso a seu pulso. Funcionava segundo um princípio antigo : segurado contra os ossos perto da orelha vibrava, cantando ou falando. Papai o escutava, agora. Seu rosto parecia uma daquelas cidades marcianas em ruínas, escavado, encovado, quase morto.
Então, ele o deu para mamãe escutar. Seus lábios quedaram-se abertos.
- O que... - Timothy começou a perguntar, mas não acabou o que

queria dizer.
Pois naquele instante, num crescendo, houve duas explosões titânicas, avassaladoras, seguidas por uma meia dúzia de concussões menores.
Levantando a cabeça rapidamente, papai aumentou a velocidade do barco. O barco pulou para a frente. Isto acordou Robert de sua divagação, e arrancou gritos de alegria extática de Michael, que se agarrou às pernas de mamãe e ficou olhando a água passar por seu nariz numa torrente úmida.
Papai fez uma curva, reduziu a velocidade, e parou o barco num pequeno canal secundário, entrando sob um antigo atracadouro de pedra, semi-destruído, que cheirava a carne de caranguejo. A lancha atingiu o ancoradouro com força bastante para empurrá-los todos para frente, mas ninguém se machucou, e papai já estava olhando para trás, para ver se a esteira deixada na água do canal poderia acusar sua trajetória até o esconderijo. As linhas da água espalharam-se, atingiram as pedras, e voltaram sobre si mesmas, misturando-se com a luz do sol. Tudo desapareceu.
Papai escutava. Assim como todos.
A respiração de papai ecoava como punhos batendo contra as frias pedras do cais. Na sombra, os olhos felinos de mamãe fixavam-se em papai, procurando saber o que fazer, a seguir.
Papai relaxou e deu um suspiro, rindo de si mesmo.
- O foguete, claro. Estou ficando nervoso demais. O foguete.
Michael perguntou: - O que aconteceu, papai, o que aconteceu?
- Ora, explodimos nosso foguete, apenas isso - disse Timothy, tentando soar natural. - Já ouvi foguetes explodindo antes. O nosso acaba de explodir.
- Por que estouramos nosso foguete? - quis saber Michael. Hein, papai?
- É parte do jogo, seu bobo! - disse Timothy.
- Um jogo! - Michael e Robert adoravam essa palavra.
- Papai fez assim, de modo que ele explodisse, e ninguém pudesse saber onde descemos, ou para onde fomos! Se algum dia quiserem saber, percebe?

- Puxa, um segredo!
- Assustado com seu próprio foguete - admitiu papai para mamãe. - Estou mesmo nervoso. É tolice pensar que algum dia haverá mais foguetes. Exceto um, talvez, se Edwards e sua mulher conseguiram passar com o deles.
Aplicou o diminuto rádio ao ouvido, novamente. Depois de dois minutos, deixou a mão cair, como um trapo.
- Acabou, finalmente - disse para mamãe. - O rádio saiu do feixe atômico. Todas as outras estações do mundo se foram. Já tinham se reduzido a duas, nestes últimos anos. Agora, silêncio completo. E continuará provavelmente assim.
- Por quanto tempo? - perguntou Robert.
- Talvez seus bisnetos ouçam algo de novo - respondeu papai.
E continuou sentado ali, e as crianças foram tomadas no centro de seu pasmo, e derrota, e resignação, e aceitação.
Por fim, pôs a lancha no canal de novo, e continuaram no rumo original.
Estava ficando tarde. O sol já estava baixo no céu, e havia ainda uma série de cidades mortas à frente.
Papai falava calma e gentilmente com seus filhos. Muitas vezes, no passado, tinha sido brusco, distante, afastado deles, mas agora, afagava-lhes a cabeça só com uma palavra, e eles sentiam isso.
-- Mike, escolha uma cidade.
- O que, papai?
- Escolha uma cidade, filho. Qualquer uma dessas por que estamos passando.
- - Está bem; qual?
- Aquela de que gostar mais. Você também, Robert, Tim. Escolham a cidade de que mais gostarem.
- Quero uma cidade com marcianos dentro - falou Michael.
Você a terá - disse papai. - Eu prometo. - Sua boca dirigia-se às crianças, mas seus olhos, para mamãe.
Passaram por seis cidades, em vinte minutos. Papai não dissera nada mais a respeito das explosões; parecia estar muito

mais interessado em divertir-se com seus filhos, e deixá-los contentes, do que qualquer outra coisa.
Michael gostou da primeira cidade por onde passaram, mas foi vetada, porque todos duvidavam de primeiras impressões. Da segunda cidade, ninguém gostou. Era um posto da Terra, construído de Imadeira, e já desfazendo-se em serragem. Timothy gostou da terceira, porque era grande. A quarta e a quinta, eram demasiado pequenas, e a sexta, foi elogiada por todos, inclusive mamãe, que juntou-se aos Puxas! Ohs! e Ahs! e Vejam-só-aquilo!
Havia cinqüenta ou sessenta grandes estruturas ainda de pé, as ruas estavam cobertas de areias, mas pavimentadas, e podia-se ver uma ou duas velhas fontes centrífugas, ainda pulsando, has praças. E era toda a vida que tinha - a água jorrando, ao acaso.
- Esta é a cidade - todos disseram.
Dirigindo a lancha para um cais, papai saltou.
- Aqui estamos; isto nos pertence. É aqui que viveremos, doravante!
- Doravante? - Michael parecia incrédulo. Ficou parado, olhando, e então voltou-se, olhando na direção do foguete. - E o foguete? E Minnesota?
- Venha cá - disse papai.
Colocou o radinho contra a cabeça loura de Michael. - Escute.
Michael ficou escutando.
- Nada - ele disse.
- Pois é; nada. Nada mais. Não há mais Minneapolis, não há mais foguetes ; não há mais Terra.
Michael ponderou a revelação mortal, e começou a soluçar.
- Espere um pouco - papai disse, no mesmo instante - estou dando muito mais para vocês, em compensação, Mike!
- O que? - Michael reteve as lágrimas, curioso, mas pronto a continuar chorando, caso a revelação seguinte fosse tão desconcertante quanto a original.
- Estou lhe dando esta cidade, Mike. É sua.
- Minha?

- Para você, e Robert, e Timothy, para vocês três, e mais ninguém.
Timothy pulou do barco. - Vejam, caras, só para nós! Tudo isso! - Ele estava fazendo o jogo de papai, e estava representando muito bem. Depois que as coisas estivessem mais calmas, ele poderia se afastar e chorar por uns dez minutos. Mas agora, ainda era um jogo, uma excursão da família, e as crianças deviam brincar.
Mike pulou com Robert. Ajudaram mamãe.
- Cuidado com sua irmã - disse papai, e ninguém soube o que ele dizia, senão mais tarde.
Entraram pela grande cidade, de pedras rosadas, cochichando, porque cidades abandonadas têm a virtude de nos fazer cochichar, para ver o sol se pôr.
- Em cinco dias - disse papai, em voz baixa - vou voltar para onde estava o foguete, e vou recolher a comida que escondemos nas ruínas, e vou trazê-la para cá; e vou procurar Bert Edwards, sua mulher e filhas.
- Filhas? - perguntou Timothy. - Quantas?
- Quatro.
- Antevejo problemas por causa disso - mamãe falou lentamente.
- Garotas - Michael fez uma careta como uma velha estátua marciana. - Garotas...
- Virão num foguete, também?
- Sim. Se conseguirem. Foguetes familiares são feitos para se viajar até a Lua, não para Marte. Tivemos sorte em conseguir.
- Como conseguiu o foguete? - murmurou Timothy, pois os outros meninos estavam um pouco à frente.
- Economizei. Economizei por vinte anos, Tim. Eu mantive escondido, esperando nunca ter de usá-lo. Suponho que deveria tê-lo dado para o governo, para a guerra, mas eu sempre pensei em Marte...
- E num piquenique!
- Isso. Que isto fique entre eu e você. Quando vi que tudo estava para acabar, na Terra, depois de ter esperado até o último momento, arrumei nossas coisas. Bert Edwards também tinha

uma nave escondida, mas decidimos que seria mais seguro partir separadamente, caso alguém tentasse nos abater.
- Por que explodiu o foguete, papai?
- Para nunca mais podermos voltar. E, se algum homem malvado chegar em Marte, não poderá nos localizar.
- Por isso que olha para cima todo o tempo?
- Sim, mas é bobagem. Nunca nos seguirão. Não têm com que nos seguir. Só estou sendo muito cuidadoso.
Michael voltou, correndo. - É nossa de verdade, papai?
- Todo o planeta nos pertence, crianças; todo o planeta.
Ficaram por ali, como o Rei da Colina, Topo do Morro, Rei de Tudo o que Viam, Monarcas Planipotenciários e Presidentes, tentando compreender o que significava possuir um mundo, e como era grande, um mundo todo.
A noite veio depressa, na atmosfera rarefeita, e papai deixou-os na praça, perto da fonte, foi até o bote, e voltou trazendo uma pilha de papéis nas suas mãos grandes.
Fez um montículo com os papéis, num pátio, e pôs fogo neles.
Para se aquecerem, agacharam-se à volta da fogueira, e riam-se, e Timothy viu as letrinhas saltando como animais assustados quando as chamas as tocavam e engolfavam. Os papéis enrugaram como a pele de uma velha, e a cremação rodeava inúmeras palavras: TÍTULOS DO GOVERNO; Evolução dos Negócios, 1999; Preconceito Religioso: Um Ensaio; A Ciência da Logística; Problemas da Unidade Pan-Americana; Relatório do Estoque, 3 de julho, 1998; Digesto Militar... Papai insistiu em trazer estes papéis, de propósito. Sentou-se, e foi jogando-os ao fogo, um por um, satisfeito, e disse às crianças o que aquilo significava.
- Já é hora de eu lhes contar algumas coisas. Suponho que não foi justo, esconder isso de vocês por tanto tempo. Não sei se vocês vão compreender, mas preciso falar, mesmo se entenderem apenas parte.
Atirou uma folha ao fogo.
- Estou queimando todo um modo de vida, como aquele que está

sendo queimado na Terra, agora. Desculpem-me, se falo como político. Afinal, sou um exgovernador de Estado, e fui honesto, e me detestaram por isso. A vida na Terra nunca resultou em algo realmente bom. A ciência correu à nossa frente, depressa demais, e as pessoas ficaram perdidas numa floresta mecânica, como crianças fazendo coisas bonitas, engenhocas, helicópteros, foguetes; insistindo nas coisas erradas; insistindo nas máquinas, ao invés de como usá-las.

As guerras foram crescendo, e crescendo, e finalmente mataram a Terra. É isso o que quer dizer o rádio silencioso. E foi disso que fugimos.

- Tivemos sorte. Não sobrou nenhum foguete. Já é hora de saberem que não estamos aqui para pescar. Evitei dizer-lhes antes. A Terra acabou. Viagens interplanetárias, só daqui a séculos, ou nunca. Mas aquele modo de viver provou ser errado, e estrangulou-se com suas próprias mãos. Vocês são jovens. Vou repetir-lhes esta história até que saibam de cor.

Interrompeu-se para jogar mais papéis no fogo.

- Agora, estamos sós. Nós, e um punhado de outros que descerão em alguns dias. O bastante para recomeçar. O bastante para afastarmo-nos de tudo aquilo da Terra, e começarmos vida nova...

O fogo atiçou-se, como que para enfatizar as palavras dele. E então, todos os papéis estavam queimados, exceto um. Todas as leis e crenças da Terra foram queimadas e transformadas em cinzas quentes, que logo seriam carregadas pelo vento.

Timothy olhou para a última coisa que papai jogou ao fogo. Era um mapa-múndi, e enrugou-se e distorceu-se com o calor, e desapareceu, como uma borboleta negra e quente. Timothy virou o rosto.

- Agora, vou mostrar-lhes os marcianos - disse papai. - Vamos todos; por aqui, Alice. - E tomou a mão dela.

Michael estava gritando, e papai pegou-o e o carregou, e foram alegremente pelas ruínas, até o canal.

O canal. Onde amanhã, ou no dia seguinte, suas futuras

esposas apareceriam num bote, garotinhas risonhas, agora, com seu pai e sua mãe.
A noite desceu sobre eles, e à volta deles, havia estrelas. Mas Timothy não conseguiu achar a Terra, que já tinha se posto. E isto era algo para se pensar.
Um pássaro noturno piou entre as ruínas, enquanto andavam.
Papai disse : - Sua mãe e eu vamos ensinar-lhes. Talvez falhemos. Espero que não. Temos muito para ver e aprender. Planejamos esta viagem há muitos anos, mesmo antes de vocês nascerem. Mesmo antes de vocês nascerem. Mesmo que não tivesse havido guerra, teríamos vindo para Marte, eu acho, para viver aqui, e termos a nossa própria vida. Ainda seria preciso outro século para que Marte fosse envenenado pela civilização da Terra. Agora, será diferente, claro...
Atingiram o canal. Era comprido e estreito, frio e úmido, e refletia a noite.
- Sempre quis ver um marciano - disse Michael. - Onde estão, papai? Você prometeu!
- Ali estão eles - disse papai, e ele pôs a mão no ombro de Michael e apontou para baixo.
Os marcianos estavam ali. Timothy começou a tremer.
Os marcianos estavam ali - no canal - refletidos na água. Timothy; Michael; Robert; Mamãe e Papai.
Os marcianos olharam para eles por um longo e silencioso momento, através das ondulações da água...

A MULHER GRITANDO

Meu nome é Margaret Leary e tenho dez anos de idade, e estou no quinto ano da Escola Pública. Não tenho irmãos nem irmãs, mas tenho um bom pai e mãe, só que eles não me dão muita atenção. E de qualquer maneira, nunca pensamos que teríamos algo a ver com a mulher assassinada. Ou quase.

Quando se vive numa rua como a nossa, nunca pensamos que coisas horríveis vão acontecer, como tiros ou facadas, ou gente enterrada praticamente no quintal de casa. E quando acontece, a gente não acredita. A gente continua passando manteiga na torrada, ou assando um bolo.

Vou contar o que aconteceu. Era meio-dia, bem no meio de julho. Estava quente, e mamãe me disse: - Margaret, vá comprar sorve-te. É sábado e papai almoça em casa; precisamos de uma sobremesa especial.

Eu corri pelo terreno baldio atrás de casa. Era um terreno grande, onde as crianças jogavam beisebol, e quebravam as vidraças, e essas coisas. E quando estava de volta, com o sorvete, eu estava passando; cuidando da minha vidinha, quando de repente, aconteceu.

Ouvi a Mulher Gritando.

Parei e escutei.

Vinha do chão.

Uma mulher estava escondida embaixo da terra e das pedras, e do vidro quebrado, e estava gritando, com toda força, um grito horrível, para que alguém a desenterrasse.

Eu fiquei ali, com medo. Ela continuou gritando um grito abafado.

Então comecei a correr. Caí, levantei, e corri mais um pouco.

Entrei pela porta de tela de casa, e ali estava mamãe, toda calma, sem saber o que eu sabia, que havia uma mulher de verdade, viva, enterrada atrás da casa, a cem jardas, gritando assassino.

Mamãe - eu disse.

Não fique aí parada com o sorvete - disse mamãe.

Mas, mamãe - eu repeti.
- Ponha-o na caixa de gelo.
- Escute, mãe, há uma Mulher Gritando no terreno baldio.
E lave as mãos - disse mamãe.
- Ela estava gritando, e gritando...
- Vejamos, agora; sal e pimenta... - dizia mamãe, totalmente desligada.
- Escute-me - eu disse em voz alta. - Precisamos desencavá-la.
Está enterrada embaixo de toneladas e toneladas de terra e se não a desenterramos, ela vai sufocar e morrer.
- Estou certa de que ela pode esperar até depois do almoço disse mamãe.
- Mamãe, não está acreditando em mim?
- Claro, querida. Agora vá lavar as mãos e leve este prato de carne para seu pai.
- Nem mesmo sei quem é ela, ou como ela foi parar lá, mas preciso ajudá-la antes que seja tarde demais.
- Meu Deus - disse mamãe - veja só este sorvete. O que você fez, ficou no sol e deixou-o derreter?
- Ora, no terreno...
- Vá, menina...
- Fui para a sala de jantar.
- Ei, pai, há uma Mulher Gritando no terreno baldio.
Nunca vi uma mulher que não gritasse - disse papai.
- Estou falando sério.
Você parece estar mesmo falando sério.
- Precisamos pegar pás e picaretas e cavar, como se fosse uma múmia egípcia.
- Não estou me sentindo arqueólogo, Margaret, algum dia mais fresco, em outubro, vou brincar com você desse jeito.
- Mas não podemos esperar tanto - eu quase gritei. Meu coração estava quase estourando. Eu estava nervosa e assustada e aqui estava papai, pondo carne em seu prato, cortando e comendo, sem me dar atenção.
- Papai?

- Hum? - ele disse, mastigando.
- Papai, precisa sair, depois do almoço, e ajudar-me. Papai, papai, eu te dou todo o meu dinheiro do meu cofre-porquinho!
- Bem, então, estamos falando de negócios, hein? Deve ser muito importante, para você oferecer seu dinheiro perfeitamente honesto. Quanto vai me pagar por hora?
Tenho cinco dólares, que me levou um ano para economizar, e é tudo seu.
Papai tocou meu braço. - Estou tocado. Você quer que eu brinque com você, e quer até me pagar por isso. Sinceramente, Margaret, você faz seu velho pai sentir-se como um covarde. Não lhe dedico nenhum tempo. Vou lhe dizer uma coisa; depois do almoço, vou sair para escutar a Mulher Gritando, sem cobrar nada.
- Você vai, oh, vai mesmo?
- Sim, madame, isso mesmo, mas promete uma coisa?
- O que?
- Para eu sair, você precisa comer todo seu almoço.
- Prometo.
- OK.
Mamãe entrou, sentou-se, e começamos a comer.
- Não tão depressa - disse mamãe.
Comi mais devagar. Então comecei a comer depressa, de novo.
- Ouviu o que sua mãe disse - falou papai.
- A Mulher Gritando - eu disse - precisamos ir depressa.
- Eu - respondeu papai - pretendo ficar sentado aqui, judiciosamente dando minha atenção primeiro ao meu bife, e depois às batatas, e minha salada, claro, e então ao meu sorvete, e depois, beber demoradamente meu café gelado, se não se importar. O que pode bem levar uma hora. E mais uma coisa, mocinha, se mencionar mais uma vez o nome dessa Coisa Gritando, na mesa, durante o almoço, não sairei com você para ouvir o recital dela.
- Sim, senhor.
- Entendeu bem?

- Sim, senhor.
O almoço durou um milhão de anos. Todos se moviam em câmara lenta, como alguns filmes do cinema. Mamãe levantava-se devagarzinho e sentava-se devagarzinho, e os garfos e as facas e as colheres eram lentos. Mesmo as moscas na sala voavam devagar. E os músculos do rosto de papai moviam-se tão devagar. Tudo era tão lento. Eu queria gritar - Depressa! Por favor, corram, levantem, saiam, vamos correndo!
Mas não, eu tinha de ficar sentada, e todo o tempo ficamos ali almoçando, bem devagarzinho, e todo o tempo, lá no terreno (eu podia escutá-la gritando, em minha mente. Gritando!) estava a Mulher Gritando, sozinha, enquanto o mundo almoçava e o sol estava quente, e o terreno continuava vazio, como o céu.
- Pronto - disse papai, quando acabou.
- Agora você vai sair para ver a Mulher Gritando?
- Primeiro, um pouquinho mais de café gelado - papai disse.
- Por falar em Mulher Gritando - disse mamãe - Charlie Nesbitt, e sua mulher, Helen, brigaram de novo, ontem à noite.
- O que não é nada de novo - disse papai - eles estão sempre brigando.
- Se quiser saber - disse mamãe - Charlie não presta; nem ela, tampouco.
- Oh, não sei - disse papai - ela até que é boa pessoa.
- Você é preconcebido. Afinal, quase se casou com ela.
- Vai ficar falando nisso de novo? Afinal, fiquei noivo dela só por seis semanas.
- Mostrou algum bom senso quando rompeu.
- Ora, você conhece Helen, e seu temperamento artístico. Eu não agüentei muito aquilo. Mas ela era simpática. Simpática e bondosa.
- E o que ela conseguiu? Um marido brutal como o Charlie.
- Papai...
- Está bem; Charlie é terrivelmente temperamental. Lembra-se quando Helen representou na peça de fim de ano da escola? Estava linda. Até escreveu algumas músicas para a peça. Foi

naquele verão que escreveu aquela música para mim.
- Ha - disse mamãe.
- Não ria; era uma bela música.
- Nunca tinha me falado sobre essa música.
- Foi só algo entre Helen e eu. Deixe-me ver, como era mesmo?
- Papai...
- É melhor que você leve sua filha até o terreno, antes que ela desmaie. Pode me cantar essa linda canção depois.
- OK; você, venha - e eu saí correndo com ele.
- O terreno continuava vazio e quente e havia vidro de garrafas quebradas, verde, branco, marrom, por todos os lugares.
- E agora, onde está essa Mulher Gritando? - riu-se papai.
- Esquecemos as pás - eu exclamei.
- Vamos buscá-las depois, depois de ouvirmos a solista.
Levei-o até o lugar. Escute - eu disse.
Escutamos.
- Não estou ouvindo nada - papai disse, por fim.
- Shh - eu disse. - Espere.
- Ficamos escutando um pouco mais. - Ei, por que não grita?!
- eu disse.
Ouvimos o sol, no céu. Ouvimos o vento nas árvores, tudo muito quieto. Ouvimos um ônibus, lá longe, passando. Ouvimos um carro passando.
E foi tudo.
- Margaret - disse papai - sugiro que você vá se deitar e ponha um pano molhado na testa.
- Mas ela estava aqui - eu gritei - eu a ouvi, gritando, e gritando, e gritando. Veja, foi aqui que o chão foi escavado. - Eu apontava para a terra, insistindo. - Ei, você aí embaixo!
- Margaret - disse papai. - Este é o lugar onde o Sr. Kelly cavou ontem para enterrar seu lixo.
- Mas durante a noite, alguém usou o lugar que o Sr. Kelly escavou para enterrar uma mulher. E cobriu tudo de novo.
- Bem, vou voltar e tomar um banho frio - disse papai.
- Não vai me ajudar a cavar?

- É melhor não ficar aqui muito tempo; está muito quente.
Papai foi embora. Ouvi a porta dos fundos bater.
Chutei o chão. - Puxa vida!
Os gritos recomeçaram.
Ela gritava e gritava. Talvez tivesse se cansado e descansou, e agora recomeçava, só para mim.
Fiquei no terreno baldio, com o sol quente, e quase chorei. Voltei para casa e bati a porta.
- Papai, ela está gritando de novo!
- Claro; claro. Vamos. - E ele me levou para meu quarto. Fez-me deitar e pôs um trapo frio na minha cabeça. - Agora, vamos com calma.
Comecei a chorar. - Papai, não podemos deixá-la morrer. Ela está enterrada, como naquela estória de Edgar Allan Poe, e pense só como deve ser horrível ficar gritando, e ninguém prestar atenção.
- Eu a proíbo de sair de casa - disse papai, preocupado. - Fique deitada, esta tarde. - Saiu e trancou a porta. Eu o ouvi conversando com mamãe, na sala da frente. Depois de algum tempo, parei de chorar. Saí da cama e fui até a janela. Meu quarto era no andar de cima. Parecia alto.
Tirei um lençol da cama, amarrei no pé da cama, e joguei pela janela. Então pulei a janela e escorreguei pelo lençol, até poder pular para o chão. Então corri para a garagem, quietinha, e peguei duas pás, e corri para o terreno. Estava mais quente do que nunca. E comecei a cavar, e enquanto eu cavava, a mulher continuava gritando...
Era um trabalho duro. Enfiar a pá na terra, e levantar as pedras e os cacos de vidro. E eu sabia que ia levar a tarde toda, e poderia não acabar a tempo. Que podia fazer? Correr e contar para as outras pessoas? Mas seriam como papai e mamãe, e não me dariam atenção. Só continuava cavando, sozinha.
Depois de dez minutos, Dippy Smith veio pela trilha, até o terreno baldio. Tem minha idade, e está na minha escola.
- Oi, Margaret.

- Oi, Dippy - eu estava meio sem fôlego.
- Que está fazendo?
- Cavando.
- Cavando o que?
- Tem uma Mulher Gritando no chão, e eu estou desenterrando ela - respondi.
- Não estou escutando grito nenhum.
- Sente e espere um pouco, e vai ouvir como ela grita. Ou melhor ainda, ajude-me a cavar.
- Só vou cavar se ouvir um grito.
Ele esperou.
- Escute! Está escutando isso?
- Ei! - disse Dippy, meio desconfiado, olhos brilhando. - Isso foi bom; faça de novo.
- De novo o que?
- O grito.
- Precisamos esperar - eu disse, estranhando aquilo.
- Faça de novo - ele insistiu, sacudindo meu braço - vamos!
Procurou algo em seu bolso, que me mostrou. - Dou essa bolinha de vidro prá você se fizer de novo.
Um grito saiu do chão.
- Puxa vida! Me ensina! - Ele dançava à minha volta, como se fosse um milagre.
- Mas eu não... - comecei a dizer.
- Você comprou o livro "Projete Sua Voz", que custa dez centavos, daquela companhia de mágica de Dallas? - perguntou Dippy.
- Ou tem um daqueles aparelhos de ventriloquismo na boca?
- É... - eu menti, porque queria que ele me ajudasse. - Se me ajudar a cavar, ensino você a fazer, depois.
- Tá bem; me dá uma pá.
Cavamos juntos, e de tempos em tempos, a Mulher gritava.
- Até parece que ela está embaixo da gente - falou Dippy. Você é ótima, Maggie - e então perguntou - como ela se chama?
- Quem?

- A Mulher Gritando. Precisa ter um nome.
- Claro - pensei um pouco. - O nome dela é Wilma Schweiger, e ela é uma velha rica; tem noventa e seis anos, e foi enterrada por um homem chamado Spike, que falsifica notas de dez dólares.
- Sim senhor, hein?
- E há um tesouro enterrado com ela, e eu sou um ladrão de cemitério, que veio roubá-la - eu não parava de cavar.
Dippy repuxou os olhos, e disse, com um ar misterioso: - Posso ser um ladrão de cemitério, também? - E teve uma idéia melhor. Vamos fazer de conta que é a princesa Omanatra, uma rainha do Egito, coberta de diamantes!
Continuamos cavando e pensei, ah, vamos salvá-la, vamos sim.
Se não pararmos!
- Ei, tive outra idéia - disse Dippy. Saiu correndo e trouxe uma cartolina. Rabiscou nela alguma coisa.
- Continue cavando! - eu disse. - Não podemos parar.
- Estou fazendo uma tabuleta; vê? Cemitério Repouso Eterno!
Podemos enterrar alguns passarinhos e besouros, em caixas de fósforos ou outras caixas. Vou procurar também algumas borboletas.
- Não, Dippy!
- Vai ser mais divertido, assim. Vou pegar um gato morto, também, acho...
- Dippy! Use sua pá! por favor!
- Ah! Estou cansado. Acho que vou para casa, tirar uma soneca.
- Não pode fazer isso.
- Quem disse?
- Dippy, tem uma coisa que eu quero te contar.
- O que?
Ele chutou a pá.
Eu cochichei no ouvido dele. - Há realmente uma mulher enterrada ali.
- Ora, claro que há, já que você disse...
- Você também não acredita em mim.

- Diga-me como é que você projeta sua voz, e eu continuarei cavando.
- Mas eu não posso te ensinar, porque eu não estou projetando a voz. Olhe, Dippy, eu vou ficar ali, bem longe, e você vai ficar escutando aqui.
A Mulher gritou de novo.
- Ei! - disse Dippy. - Tem mesmo uma mulher aqui!
- Era o que eu estava tentando dizer.
- Vamos cavar!
Cavamos por vinte minutos.
- Onde será que ela está?
- Não sei...
- Imagino se é a Sra. Nelson, ou a Sra. Turner, ou a sra Bradley.
Será que ela é bonita? De que cor será o cabelo dela? Será que ela tem trinta anos, ou noventa, ou será que tem sessenta?
- Cave!
O monte de terra crescia.
- Será que ela vai nos recompensar por tê-la escavado?
- Claro.
- Será que vai nos dar vinte e cinco centavos?
- Mais; aposto que vai nos dar um dólar.
Dippy recordou-se, enquanto tocava. - Uma vez, li um livro sobre mágicas. Havia um hindu, que, sem roupa nenhuma, entrou num túmulo e ficou dormindo ali sessenta dias, sem comer nada; chocolate, chiclete, doces, nada, nem ar, por sessenta dias. - Seu rosto entristeceu-se. - Não seria uma pena se só tivesse um rádio enterrado aqui, e nós dando duro?
- Um rádio seria bom; ficaria para nós.
E então uma sombra apareceu sobre nós.
- Ei, crianças, que pensam que estão fazendo?
Viramo-nos. Era o Sr. Kelly, o homem que era dono do terreno.
- Oh; olá, Sr. Kelly - dissemos.
- Vou lhes dizer o que quero que façam; quero que peguem essas pás e peguem aquela terra e a ponham de volta naquele buraco que estavam fazendo. R isso que eu quero que façam.

Meu coração começou a bater depressa de novo. Estava com vontade de gritar.
- Mas, Sr. Kelly, há uma Mulher Gritando, e...
- Não estou interessado; não estou ouvindo nada.
- Escute! - eu gritei.
O grito.
O Sr. Kelly ouvia e abanava a cabeça. - Não estou escutando nada. Agora vamos; encham e vão para casa antes que lhes dê uns pontapés!
Enchemos todo o buraco, de novo. E todo o tempo que ficamos enchendo o buraco, o Sr. Kelly ficou ali, braços cruzados, e a mulher gritava, mas o Sr. Kelly fingia não estar ouvindo.
Quando acabamos, o Sr. Kelly foi-se, dizendo : - Agora, vão para casa. E se os pegar aqui de novo...
- Virei para Dippy. - É ele - eu cochichei.
- Hum?
Ele matou a Sra. Kelly. Enterrou-a ali, depois de tê-la estrangulado, numa caixa, mas ela acordou. Ora, ele ficou bem ali, e ela estava gritando, e ele não dava nenhuma atenção.
- Ei - disse Dippy - é isso mesmo. Ele ficou ali, mentindo para nós. - Só se pode fazer uma coisa. Chamar a polícia e fazê-los prender o Sr. Kelly.
Corremos para o telefone da venda da esquina.
A polícia estava batendo na porta do Sr. Kelly cinco minutos depois. Dippy e eu estávamos escondidos no jardim, escutando.
- Sr. Kelly? - disse o guarda.
- Sim, senhor; em que posso ser útil?
- A Sra. Kelly está em casa?
- Sim, senhor.
- Podemos vê-la, senhor?
- Claro; ei, Ana!
A Sra. Kelly veio até à porta e olhou. - Sim, senhor?
- Desculpe-nos - disse o policial. - Tivemos um informe de que a Sra. estava enterrada num terreno baldio, Sra. Kelly. Parecia voz

de criança, mas precisávamos ter certeza. Desculpe tê-los perturbado.
- São aquelas crianças danadas - exclamou o Sr. Kelly, nervoso.
- Se as pegar de novo, vou desmontá-las, membro por membro!
- Nossa! - disse Dippy, e nós dois saímos correndo.
- Que faremos, agora? - eu disse.
- Eu preciso ir para casa - disse Dippy. - Puxa, realmente, estamos numa complicação. Vamos levar uma surra.
- Mas, e a Mulher Gritando?
- Pro inferno com ela - disse Dippy. - É melhor não nos metermos a ir no terreno de novo. O velho Kelly pode estar esperando com sua cinta de afiar navalha e nos dar uma bruta surra. E, acabo de lembrar, Maggie. O velho Kelly não é meio surdo?
- Oh, não é de admirar que ele não ouviu os gritos.
- Até logo - disse Dippy. - Acabamos entrando pelo cano com o seu ventriloquismo. Vejo vocês depois.
Fui deixada sozinha no mundo, sem ninguém para me ajudar, nem ninguém que acreditasse em mim. Eu só queria me arrastar até aquela caixa com a Mulher Gritando, e morrer. A polícia estava atrás de mim, agora, porque menti para eles, só que eu não sabia que era mentira, e meu pai devia estar me procurando, também, ou iria, se achasse minha cama vazia. Só havia uma coisa a fazer.
Fui de casa em casa, o quarteirão todo, por perto do terreno baldio. E toquei todas as campainhas, e quando a porta abria, eu dizia: - Desculpe, Sra. Griswold, mas não está faltando ninguém na sua casa? - ou - Alô, Sra. Pikes, parece bem disposta, hoje. Que bom que está em casa. E assim que eu via que a dona da casa estava, eu conversava um pouco, só para ser bem-educada, e ia descendo a rua.
As horas iam passando. Estava ficando tarde. E eu ficava pensando, não há muito ar naquela caixa, com aquela mulher embaixo da terra, e se eu não correr, ela vai sufocar, e eu preciso correr! E eu ia tocando as campainhas, e batendo nas portas, e ia

ficando cada vez mais tarde, e eu estava para desistir e ir para casa, quando bati na última porta, que era a casa do Sr. Charlie Nesbitt, nosso vizinho.
Fiquei batendo um tempão.
Ao invés da Sra. Nesbitt, Helen, como meu pai a chama, veio o Sr. Nesbitt, Charlie.
- Ah, é você, Margaret?
- É; boa tarde.
- Que posso fazer por você, menina?
- Bem, eu pensei em fazer uma visitinha para sua mulher, a Sra. Nesbitt.
- Oh, ele disse.
- Posso entrar?
- Bem, ela foi até a venda...
- Eu espero - e passei por ele.
- Ei! - ele disse.
Sentei-me numa poltrona. - Puxa, que dia quente, hoje - tentei parecer calma, pensando no terreno baldio e o ar acabando na caixa, e os gritos ficando cada vez mais fracos.
- Escute, hem... menina - disse Charlie, aproximando-se de mim. - Acho que é melhor não esperar.
- Ora, por que não?
- Bem, minha mulher não vai voltar.
- Não?
- Não hoje, quero dizer. Ela foi à venda, como eu disse, mas de lá ela foi visitar a mãe dela, em Shenectady. É isso, ele foi visitar a mãe. Voltará em dois ou três dias, talvez numa semana.
- Que pena.
- Por quê?
- Eu ia contar uma coisa para ela.
- O que?
- Eu só queria contar para ela que há uma mulher enterrada, ali no terreno vazio, gritando embaixo de toneladas e toneladas de terra.
O Sr. Nesbitt deixou cair o cigarro.

- O senhor deixou cair seu cigarro, Sr. Nesbitt - eu apontei com meu sapato.
- Caiu? Ah, sim, caiu. Bem, vou contar para Helen, quando ela voltar. Vai gostar de ouvi-la.
- Obrigada; é uma mulher mesmo, que está lá.
- Como sabe?
- Eu ouvi.
- Ora, você sabe o que é uma raiz de mandrágora?
- O que é isso?
- Você sabe; mandrágora. É um tipo de planta. Elas gritam. Já li isso uma vez. Como sabe que não é uma mandrágora?
- Nunca pensei nisso.
- É melhor começar a pensar - disse ele, acendendo outro cigarro. Tentou parecer calmo. - Escute, nenen, eh, você falou disso a alguém mais?
- Claro, falei com muita gente.
O Sr. Nesbitt queimou o dedo com o fósforo.
- E ninguém quis fazer nada?
- Não; não acreditaram em mim.
Ele sorriu. - Claro. Natural. Você é só uma criança. Por que, eles a ouviriam?
- Vou lá agora, e cavá-la, com uma pá.
- Espere.
- Preciso ir.
- Fique mais um pouco - ele insistiu.
- Obrigada, mas não posso.
Ele pegou meu braço. - Sabe jogar baralho? Mico?
- Sim, senhor.
Tirou um baralho de uma mesa. - Vamos jogar.
- Preciso ir cavar.
- Haverá muito tempo para fazer isso - ele disse, calmo. - De qualquer modo, minha mulher poderá voltar. Claro, pode esperar por ela. Espere mais um pouco.
- Acha que ela volta?
- Claro. E aquela voz; é muito forte?

- Está ficando cada vez mais fraca.
O Sr. Nesbitt suspirou e sorriu. - Vocês e suas brincadeiras, crianças. Vamos jogar um pouco, agora, hein? É mais divertido do que Mulheres Gritando.
- Preciso ir. É tarde.
- Fique ; não tem nada para fazer.
Eu sabia o que ele estava tentando fazer. Estava tentando me prender na casa dele até que os gritos parassem. Estava tentando impedir que eu ajudasse. Minha mulher estará em casa em dez minutos, ele disse. Claro. Dez minutos. Espere. Sente-se aqui.
Jogamos. O relógio tiquetaqueava. O sol se pôs. Estava ficando tarde. Os gritos iam ficando cada vez mais fracos, em minha mente.
- Preciso ir embora.
- Outro jogo - disse o Sr. Nesbitt. - Espere mais uma hora. Minha mulher ainda volta. Espere.
Depois de uma hora, ele olhou seu relógio. - Bem, menina, acho que você pode ir, agora. - E eu sabia qual era o plano dele. Ele sairia, no meio da noite, e cavaria a mulher dele, ainda viva, e a levaria para algum outro lugar, onde a enterraria de uma vez por todas. Até mais, menina. Até... - Deixou-me ir, porque ele pensava que agora todo o ar da caixa tinha acabado.
A porta fechou na minha cara.
Voltei ao terreno, e me escondi entre uns arbustos. O que eu podia fazer? Contar para os meus pais? Mas eles não acreditaram em mim. Chamar a polícia, para prender o Sr. Charlie Nesbitt? Mas ele disse que a mulher dele estava viajando! Ninguém acreditaria em mim!
Fiquei vigiando a casa do Sr. Kelly. Ele não estava à vista. Corri até o lugar dos gritos, e fiquei bem ali.
Os gritos tinham parado. Estava tudo tão quieto, que eu pensei que não ouviria mais nenhum grito. Estava tudo acabado, já era tarde demais, eu pensei.
Abaixei-me e apertei a orelha contra o chão.

E então ouvi, lá embaixo, bem fundo, e tão fraco, que quase não conseguia escutar.
A mulher não estava mais gritando. Estava cantando.
Era algo como: - "Eu te amei tanto; eu bem que te amei".
Era uma canção triste. Muito fraca. E interrompida. Todas aquelas horas embaixo do chão, naquela caixa! ela deve ter ficado louca.
Tudo o que ela precisava era de um pouco de ar e comida, e estaria bem de novo. Mas ela continuava cantando, sem querer gritar mais, sem se importar; só cantava.
Fiquei escutando a canção.
E então virei, atravessei o terreno, subi a escada, na minha casa, e abri a porta da frente.
- Pai - eu ia dizendo.
- Então, aí está você! - ele gritou.
- Pai - eu repeti.
- Vai levar uma surra - ele disse.
- Ela não está gritando mais.
- Não me fale mais nisso!
- Ela está cantando - eu gritei.
- Não está falando a verdade!
- Papai, ela está lá e vai morrer logo, se não me ouvir. Está lá cantando, e está cantando assim - e cantarolei a música. Cantei algumas das palavras - Eu te amei tanto; eu bem que te amei...
O rosto de papai empalideceu. Aproximou-se e pegou meu braço Que disse?
Eu cantei de novo - Eu te amei tanto; eu bem que te amei...
- Onde ouviu essa música? - ele gritou.
- Lá no terreno, agora mesmo.
- Mas é a canção de Helen, a que ela escreveu, há anos, para mim! Você não pode conhecê-la. Ninguém a conhecia, exceto Helen e eu. Nunca cantei isso para ninguém.
- Claro - eu disse.
- Meu Deus! - papai disse, e saiu correndo pela porta, com uma pá. A última vez que eu o vi, estava no terreno com uma pá,

cavando, e muitas outras pessoas, também cavando.
Eu estava tão feliz, que quase chorei.
Disquei um número, no telefone, e quando Dippy atendeu, eu disse : - Oi, Dippy. Tudo está bem. Tudo saiu bem, desta vez. A Mulher Gritando, parou.
- Bacana - respondeu Dippy.
- Eu te encontro no terreno, com uma pá, daqui a dois minutos - eu disse.
- O último a chegar é um mico! Até! - gritou Dippy.
- Até, Dippy - e saí correndo.

O SORRISO

Na praça da cidade, a fila tinha se formado às cinco da manhã com os galos ainda cantando nos campos cobertos de geada, e não havia fogos acesos. Em vários lugares, entre os prédios em ruínas, alguma neblina havia permanecido, mas agora, com as luzes das sete da manhã, ela se dissipava. Lá na estrada, em pequenos grupos, as pessoas estavam se reunindo para o dia da feira, o dia do festival.

O menino, ainda pequeno, estava imediatamente atrás de dois homens que estavam conversando em altas vozes, no dia claro, e todos os sons que faziam pareciam duas vezes mais altos com o frio. O menino batia os pés no chão, e soprava em suas mãos em concha, e olhava para as roupas sujas e grosseiras dos homens, e para a longa fila de homens e mulheres à frente.

- Ei, menino, o que está fazendo aqui, tão cedo? - disse o homem atrás dele.

- Para ter um bom lugar na fila - disse o menino.

- Por que não sai e dá seu lugar para quem gosta?

- Deixe o menino em paz - disse o homem à frente, de súbito, voltando-se.

- Eu estava brincando. - O homem de trás pousou a mão na cabeça do menino. O menino esquivou-se, friamente. - Eu só achei esquisito, um menino fora da cama, tão cedo.

- Este menino é um apreciador das artes, se quer saber - disse o defensor do garoto, um homem chamado Grigsby. - Qual é o seu nome, jovem?

- Tom.

- Pois o Tom está aqui para cuspir direitinho, não é, Tom?

- Claro que sim!

A risada se propagou ao longo da fila.

Um homem estava vendendo copos rachados de café quente, logo adiante. Tom olhou e viu o fogo e a infusão borbulhando numa panela enferrujada. Não era bem café. Era feito de alguma frutinha que crescia na campina próxima da cidade, e vendia a um

tostão a xícara para aquecer os estômagos; malucos compravam, pois poucos tinham dinheiro.
Tom olhou adiante, para o lugar onde acabava a fila, atrás de um muro que havia sido bombardeado.
- Eles dizem que ela sorri - disse o garoto.
- Sim, é isso mesmo - retrucou Grigsby.
- Dizem que ela é feita de óleo e tela.
- Isso mesmo. E é o que me faz pensar que ela não é original. O original, ouvi dizer, foi pintado em madeira, há muitíssimo tempo.
- Dizem que ela tem quatro séculos.
- Talvez mais. Ninguém nem mesmo sabe que ano é este, com certeza.
- Estamos em 2061!
- É o que dizem. Mentirosos. Poderia ser 3000, ou 5000, pelo que sabemos. As coisas ficaram terrivelmente bagunçadas, por algum tempo. Tudo o que temos são cacos, pedaços.
Foram avançando, pelas frias ruas da cidade.
- Quanto tempo, até que possamos vê-la? - perguntou Tom, impaciente.
- Só mais alguns minutos. Ela foi instalada com suportes de metal, e um cordão de veludo, tudo bonitinho, para manter a gente afastada. Agora uma coisa, Tom, nada de pedras. Não permitem que se atirem pedras nela.
- Sim, senhor.
O sol subiu no céu, trazendo o calor que fez os homens fecharem seus casacos sombrios, e seus chapéus ensebados.
- Por que estamos todos aqui na fila, afinal? - perguntou Tom.
- Por que estamos aqui para cuspir?
Grigsby não abaixou o olhar para ele, mas considerou a altura do sol. - Bem, Tom, há muitas razões. - Procurou, distraído, no bolso, que já tinha caído há muito, um cigarro que não existia. Tom já vira aquele gesto um milhão de vezes. - Tom, tem algo a ver com ódio.. Ódio por tudo do passado. Eu lhe pergunto, Tom, como fica-mos neste estado, cidades arruinadas, as estradas como

quebra-cabeças, por causa das bombas, e metade dos campos de trigo brilhando à noite, com a radioatividade? Não é uma coisa desgraçada?
- Sim, senhor, acho que sim.
- Pois é assim, Tom; odiamos seja lá o que for que destruiu e arruinou tudo. É a natureza humana. Irracional, talvez, mas humana.
- Não há quase ninguém, ou nada, que não odiamos - disse Tom.
- Claro! Toda aquela maldita bagunça do pessoal, no passado, acabou com tudo. De modo que aqui estamos numa manhã de quinta-feira com nossos estômagos colados nas costas, sentindo frio, vivendo em cavernas, e coisa e tal, não fumamos, não bebemos, não fazemos nada, exceto nossos festivais, Tom, nossos festivais.
E Tom pensou nos festivais dos últimos anos. Uma vez, rasgaram todos os livros na praça, e os queimaram, e todos se embriagaram, e riram muito. E no festival da ciência, um mês atrás, quando trouxeram empurrado o último automóvel, e tiraram a sorte, e cada sortudo vencedor pôde dar uma martelada no carro.
- Se eu me lembro daquilo, Tom? Se eu me lembro? Ora, fui eu que esmaguei a janela da frente, está ouvindo, a janela! Meu Deus, fez um barulho adorável, crash!
Tom podia até ouvir o vidro caindo em montículos cintilantes.
E Bill Henderson, ele destruiu o motor. E ele fez um bom trabalho, muito eficiente. Vam.
- Mas o melhor de tudo - recordou Grigsby - foi quando eles acabaram com uma fábrica que ainda estava tentando fabricar aviões!
- Céus, como foi bom explodi-la! - comentou Grigsby. - E então, achamos aquela fábrica de jornais, e o depósito de munições, e explodimos os dois juntos; percebeu, Tom?
Tom estava admirado com aquilo. - Acho que sim.
Já era dia alto. Agora, os odores da cidade em ruínas erguiam-se ao ar quente, e as coisas rastejavam entre os edifícios ruídos.

- Nunca mais vai voltar, senhor?
- O que, a civilização? Ninguém a quer. Eu não, pelo menos!
- Eu até que toleraria um pouquinho dela - disse o homem atrás daquele. - Havia alguma coisinha até que bonita, nela.
- .Não esquentem suas cabeças - gritou Grigsby - não há lugar para essas coisas.
- Ah - disse aquele homem lá atrás. - Alguém virá, algum dia.
com imaginação e vai consertar tudo. Grave minhas palavras. Alguém com coração.
- Não - disse Grigsby.
- Pois eu digo que sim. Alguém com uma alma para as coisas bonitas. Poderá nos dar de volta uma espécie limitada de civilização, do tipo na qual poderíamos viver em paz.
- A primeira coisa que haveria seria uma guerra!
- Mas, talvez, da próxima vez seja diferente.
Por fim, estavam na grande praça. Um homem a cavalo estava se aproximando, ao longe, da cidade. Tinha um papel na mão. No centro da praça estava a área isolada. Tom, Grigsby e os outros estavam já juntando o cuspe, e adiantando-se - adiantando-se preparados, olhos arregalados. Tom sentiu seu coração batendo forte ; estava excitado, e a terra estava quente, sob seus pés descalços.
- Aqui vamos nós, Tom, manda brasa!
Quatro policiais estavam nos cantos da área protegida, quatro homens com pedaços de cordão amarelo em seus pulsos, para indicar sua autoridade sobre os outros homens. Estavam lá para evitar que atirassem pedras.
- Por aqui - disse Grigsby no último instante - todos sentem que tiveram sua chance com ela, percebe, Tom? Vá, agora.
Tom defrontou-se com o quadro, e ficou olhando para ele um momento.
- Tom, cuspa!
Sua boca estava seca.
- Vamos Tom! Vá em frente!
- Mas - disse Tom, devagar - ela é linda!

- Deixe, eu cuspo por você - Grigsby cuspiu, e o míssil voou à luz do sol. A mulher do retrato sorria serena, secretamente para Tom, e ele a contemplava, coração pulsando, música nos ouvidos.
- Ela é linda - dizia.
- Agora saia, antes que a polícia...
- Atenção!
A fila quedou-se em silêncio. Num momento, instavam Tom a mover-se, agora, voltavam a atenção para o homem a cavalo.
- Como a chamam, senhor? - Tom perguntou.
- O quadro? Mona Lisa, Tom, eu acho. Sim, a Mona Lisa.
- Tenho um aviso - disse o cavaleiro. - As autoridades decretaram que ao meio-dia de hoje, o retrato deverá ser entregue ao populacho aqui presente, de modo que possam participar da destruição do...
Tom nem mesmo teve tempo de berrar antes que o povo viesse sobre ele, gritando e empurrando, precipitando-se em direção ao retrato. Houve um forte ruído de rasgar. A polícia saiu correndo, para escapar. A multidão urrava, suas mãos como aves furiosas, bicando o retrato. Tom mesmo sentiu-se empurrado através da coisa quebrada.
Estendeu a mão, numa imitação cega dos outros, agarrou um farrapo da tela oleosa, puxou, sentiu a tela ceder, e então caiu, foi chutado, e rolou para a periferia da mole. Sangrando, roupa rasgada, viu algumas velhas mastigando pedaços de tela, homens estraçalhando a moldura, chutando os farrapos, e transformando-os em confete.
Somente Tom ficou de lado, calado, na praça movimentada.
Olhou para sua mão. Estava agarrando o pedaço de tela contra o peito, escondida.
- Ei, Tom! - gritou Grigsby.
Sem dizer palavra, soluçando, Tom correu. Afastou-se pela rua cheia de buracos de bombas, para um campo, cruzou um riacho, sem olhar para trás, a mão sempre fechada, debaixo de seu casaco.

Ao pôr do sol, chegou à vila, e continuou. Por volta das nove, chegou à velha casa da fazenda. Já dentro do silo, na parte que ainda estava de pé, ouviu os sons da família dormindo - sua mãe, seu pai, seu irmão. Deslizou rápida e silenciosamente pela pequena porta, e deitou-se, ofegante.
- Tom? - chamou sua mãe, no escuro.
- Sim.
- Onde esteve? - perguntou, ríspido, seu pai. - Vai levar uma surra, amanhã de manhã.
Alguém chutou-o. Seu irmão, que ficara trabalhando em seu diminuto pedaço de terra.
- Vá dormir - reclamou fracamente sua mãe.
Outro chute.
Tom ficou deitado, recuperando o fôlego. Tudo era quietude.
Sua mão estava apertada contra o peito, forte, forte. Ficou deitado assim por uma meia hora, olhos fechados.
Então, sentiu algo, e era uma fria luz branca. A lua estava alta no céu, e um quadradinho de luz foi se aproximando lentamente do corpo de Tom. Então, e só então, sua mão afrouxou-se. Lenta, cuidadosamente, prestando atenção nos que dormiam perto dele, Tom estendeu um pouco a mão. Hesitou, respirou fundo, e então, ansioso, abriu a mão e desdobrou o pedacinho de tela.
Todo mundo estava adormecido, ao luar.
E ali, em sua mão, estava o Sorriso.
Olhou para ele, à luz branca do céu da meia-noite. E pensou, repetidamente, consigo mesmo, quieto, o Sorriso, o adorável Sorriso.
Uma hora mais tarde, ainda podia vê-la, mesmo depois de tê-lo dobrado com todo cuidado, escondendo-o. Fechou os olhos, e o Sorriso estava lá, na escuridão. E ainda estava lá, cálido e gentil, quando adormeceu, e o mundo estava em silêncio, e a lua, alta, e então desceu do céu, quando amanhecia.

ELES ERAM MORENOS, E DE OLHOS DOURADOS

O metal do foguete esfriava ao frio vento. Sua porta deslocou-se, pop. De seu interior de relojoaria, saíram um homem, uma mulher e três crianças. Os outros passageiros sussurravam pela campina marciana, deixando o homem a sós com sua família. O homem sentiu seu cabelo esvoaçar e os tecidos de seu corpo se tencionarem, como se ele estivesse no centro de um vácuo. Sua mulher, à sua frente, parecia quase esvanecer-se em fumaça. As crianças, como sementes, poderiam, a qualquer instante, ser sopradas para todos os climas marcianos. As crianças ergueram o olhar para ele, como as pessoas olham para o sol para saber a que hora de suas vidas estão. Seu rosto estava frio. - Algo errado? - perguntou sua esposa. - Vamos voltar para o foguete. - De volta para a Terra? - Sim! Escutem! O vento soprava como que para desfazer suas identidades. A qualquer momento, o ar marciano poderia arrancar-lhe a alma, como se arranca a medula de um osso. Sentiu-se submerso numa substância química que poderia dissolver sua inteligência, e queimar seu passa- do. Olharam para as colinas marcianas que o tempo desgastara com a esmagadora pressão dos anos. Viram as velhas cidades, perdidas em seus prados, como ossos delicados de uma criança em meio a ventosos lagos gramados. - Esqueça, Harry - disse a mulher. - É tarde demais. Cruzamos sessenta milhões de milhas. As crianças, com seu cabelo louro, questionavam com a profunda abóbada do céu marciano. Não havia resposta, só o veloz assovio do vento pelo mato hirsuto.

Ele ergueu a bagagem em suas mãos frias. - Aqui vamos nós - ele falou - um homem à borda de um oceano, pronto para avançar, e afogar-se.

Dirigiram-se à cidade.

O nome da família era Bittering. Henry, e sua esposa, Cora; Dan; Laura e David. Construíram uma cabana branca, e comiam bem, ali, mas o medo nunca se afastava. Ia se deitar, com o Sr. e a Sra. Bittering, um parceiro indesejável nas conversas de cada

noite, e a cada amanhecer.
- Sinto-me como um cristal de sal - ele dizia - numa correnteza da montanha sendo lavado. Não pertencemos a este lugar. Somos gente da Terra. Aqui é Marte. E foi feito para os marcianos. Pelos céus, Cora, vamos comprar as passagens de volta!
Mas ela abanava a cabeça. - Um dia, a bomba atômica vai acabar com a Terra. Então, estaremos a salvo, aqui.
- A salvo, e enlouquecidos!
- Tick-tock, sete horas - cantou o relógio sonoro - hora de levantar. - E foi o que fizeram.
Algo o fazia verificar tudo, pela manhã - o forno, os vasos de gerânios - exatamente como se esperasse que algo pudesse estar faltando. O jornal da manhã estava quente como uma torrada, recém-saído do foguete da Terra, das seis da manhã. Quebrou o selo, e abriu-o, à mesa do desjejum. Forçava-se a aparentar tranqüilidade.
- Os tempos da colonização, de novo - declarou. - Ora, daqui a dez anos, haverá um milhão de terráqueos, em Marte. Cidades grandes, e tudo o mais! Dizem que fracassaremos. Dizem que os marcianos se ressentirão, de nossa invasão. Mas, encontramos algum marciano? Nem vivalma! Sim, encontramos suas cidades desertas, mas ninguém dentro delas; certo?
Um rio de vento submergiu a casa. Quando as janelas pararam de tremer, o Sr. Bittering engoliu em seco, e olhou para as crianças.
- Não sei - disse David. - Talvez haja marcianos por aqui, e não os vemos. Às vezes, à noite, eu penso que os escuto. Escuto o vento. A areia bate na minha janela. Fico assustado. E vejo aquelas cidades lá sobre as montanhas, onde os marcianos viveram, há muito tempo. E eu penso que vejo coisas movendo-se, naquelas cidades, papai. E imagino se eles se importam que tenhamos vindo para cá; se não vão nos fazer algo, por termos vindo.
- Bobagens! - exclamou o Sr. Bittering, olhando pelas janelas.

- Somos gente honesta, decente. - Olhou para seus filhos. - Todas as cidades têm seus fantasmas. Memórias, quero dizer. - Olhou para as colinas. - Vemos uma escadaria, e imaginamos como seria um marciano subindo por ela. Vemos as pinturas marcianas, e imaginamos como deveria ser o pintor. Fabricamos um fantasminha na mente, uma memória. É bem natural. Imaginação. – Interrompeu-se. Não foram passear pelas ruínas, foram?
- Não, papai. - David olhou para seus sapatos.
- Fiquem longe delas. Passe a geleia.
- Não importa - disse o pequeno David. - Aposto que algo acontece.
Algo aconteceu, naquela tarde.
Laura entrou correndo pela colônia, chorando. Subiu cegamente, pela varanda.
- Mamãe, papai - a guerra, a Terra! - ela soluçava. - Veio uma mensagem de rádio. Bombas atômicas em Nova Iorque! Todos os foguetes interplanetários destruídos. Não haverá mais foguetes para Marte, nunca!
- Oh, Harry! A mãe abraçou seu marido e sua filha.
- Tem certeza, Laura? - perguntou o pai, calmo.
Laura chorava. - Estamos entalados em Marte, para sempre!
Por um bom tempo, só havia o som do vento, ao cair da tarde.
Sós, pensou Bittering. Só mil de nós, aqui. Sem poder voltar.
Sem saída. Sem saída. O suor cobria seu rosto, e suas mãos, e seu corpo; estava encharcado com o calor de seu medo. Queria bater em Laura, gritar: - Não, está mentindo! Os foguetes voltarão! - Ao invés disto, acariciou a cabeça dela contra ele, e disse: - Os foguetes voltarão, algum dia.
- Pai, que faremos?
- Tratar de nossas vidas, claro. Plantar, criar as crianças. Esperar. Manter as coisas funcionando, até que a guerra acabe, e os foguetes voltem.
Os dois garotos saíram da varanda.
- Crianças - ele disse, sentado, desviando o olhar deles -

tenho algo para lhes contar.
- Nós sabemos - eles responderam.
Nos dias que se seguiram, Bittering passeava freqüentemente pelo jardim, para ficar sozinho com seu medo. Enquanto os foguetes teceram uma teia de prata pelo espaço, ele conseguira aceitar Marte. Pois sempre pensara: - Amanhã, se eu quiser, posso comprar um bilhete e voltar para a Terra.
Mas agora: A teia partida, os foguetes amontoados como ferro velho e fio derretido. O povo da Terra entregue ao estranho Marte, areias de canela e ares de vinho, para serem assados como pães de gengibre no verão marciano, armazenados como uma colheita, no inverno. O que seria dele, e dos outros? Esta era a hora que Marte havia esperado. Agora, ele os devoraria.
Ajoelhou-se sobre as flores, uma pá nas suas mãos nervosas. Trabalhe, pensava; trabalhe e esqueça.
Olhou do jardim para as montanhas de Marte. Pensou nos velhos nomes orgulhosos marcianos que outrora pertenceram àqueles picos.
Os terráqueos, caindo do céu, pousaram o olhar sobre as colinas e rios, deixados sem nome, a despeito dos nomes que tiveram. No passado, os marcianos haviam construído cidades, e deram-lhes nomes; escalaram as montanhas, e deram-lhes nomes; cruzaram os mares, e deram-lhes nomes. As montanhas derreteram, os mares secaram, as cidades aluíram. A despeito disto, os terráqueos sentiram uma culpa secreta, ao dar novos nomes às antigas colinas e vales.
Porém, o homem vive por símbolos e rótulos. Novos nomes foram dados.
O Sr. Bittering sentia-se muito só, em seu jardim, ao sol de Marte, anacronismo ali agachado, plantando flores da Terra num solo estranho.
Pensar. E continuou pensando. Conserve a mente esquecida da Terra, a guerra atômica, os foguetes perdidos.
Transpirava. Relanceou à volta. Ninguém espiando. Tirou a gravata. Pendurou-a cuidadosamente num pessegueiro que

importara ainda pequeno, de Massachussetts.
Voltou à sua filosofia de nomes e montanhas. Os terráqueos tinham mudado os nomes. Agora, tínhamos Vales Hormel; Mares Roosevelt; Colinas Ford; Platôs Vanderbilt; Rios Rockefeller, em Marte. Não estava certo. Os colonizadores americanos tinham sido sensatos, usando velhos nomes índios, das pradarias: Wisconsin; Minnesota; Idaho; Ohio; Utah; Milwaukee; Waukegan; Osseo. Os velhos nomes; os velhos significados.
Contemplando, absorto, as montanhas, pensou: Vocês, estão ai"? Todos os mortos, vocês, marcianos? Bem, cá estamos nós, ilhados!
Venham, expulsem-nos! Estamos indefesos!
O vento soprou um chuveiro de flores de pessegueiro.
Ele estendeu sua mão queimada de sol, e soltou uma exclamação. Tocou as flores e colheu-as. Revirou-as, tocou-as e examinou-as bem. Então chamou sua mulher.
- Cora!
Ela apareceu numa janela. Ele correu na direção dela.
- Cora, estas flores!
Ela pegou-as.
- Vê? São diferentes. Mudaram! Não são mais flores de pêssego!
- Parecem normais.
- Não são. Estão erradas! Não sei como. Uma pétala a mais; uma folha ; algo, a cor, o cheiro!
As crianças saíram correndo, a tempo de verem seu pai correndo pelo jardim, arrancando rabanetes, cebolas, e cenouras.
- Cora, venha ver!
Eles todos pegaram os rabanetes, as cebolas e as cenouras, para examiná-los.
- Parecem-se com cenouras?
- Sim... não. - Ela hesitou. - Não sei.
- Mudaram.
- Talvez.
- Você sabe que sim! Cebolas que não são cebolas; cenouras que

não são cenouras. Prove: o mesmo, mas diferente. Cheire: não é o mesmo de antes. - Ele sentia seu coração latejar, e estava com medo. Afundou seus dedos na terra. - Cora, o que está acontecendo? O que é isso? Precisamos nos afastar disso. - Correu pelo jardim. Cada árvore foi tocada por ele. - As rosas. As rosas. Tornaram-se verdes!

E ficaram olhando para as rosas verdes.

E dois dias mais tarde, Dan veio correndo. - Venham ver a vaca.

Eu a estava ordenhando, e vi. Venham!

E foram até o estábulo, para ver sua única vaca.

Estava crescendo um terceiro chifre.

E o gramado da frente da casa deles estava muito calma e lentamente se colorindo como violetas de primavera. As sementes da Terra estavam crescendo com um tom púrpura.

- Precisamos cair fora - disse Bittering. - Vamos comer essa coisa e então, mudaremos - quem sabe para o que? Não posso deixar acontecer. Só há uma coisa a fazer. Queimar esta comida!

- Não está envenenada.

- Mas está; sutil; muito sutilmente. Um pouquinho só. Muito pouco. Não devemos tocá-la.

Olhou desanimado, para sua casa. - Mesmo a casa. O vento fez alguma coisa com ela. O ar queimou-a. A neblina, de noite. As pranchas, todas deformadas. Não é mais a casa de um terráqueo.

- Ora, é a sua imaginação!

Pôs seu paletó e gravata. - Vou até a cidade. Precisamos fazer algo, agora. Volto já.

- Espere, Harry! - gritou sua esposa.

Mas ele já tinha ido.

Na cidade, na sombra, à frente do armazém, os homens estavam sentados, com as mãos nos joelhos, conversando com toda a calma.

O Sr. Bittering desejou disparar uma pistola no ar.

O que estão fazendo, seus loucos! - pensava. Aqui sentados!

Ouviram as notícias - estamos perdidos, aqui neste planeta. Bem, movam-se! Não estão com medo? Não receiam nada? Que

vão fazer?
- Olá, Harry - todos disseram.
- Ei - dirigiu-se a eles - ouviram as notícias, no outro dia, não?
Disseram que sim, e riram-se. - Claro, claro, Harry.
- E que vão fazer a respeito?
- Fazer, Harry, fazer. O que podemos fazer?
- Construir um foguete, é o que podem fazer.
- Um foguete, Harry, para voltar para toda aquela atribulação?
Ora, Harry!
- Mas vocês precisam querer voltar. Já notaram as flores dos pessegueiros, a cebola, a grama?
- Sim Harry, acho que sim - disse um dos homens.
- E isso não os perturba?
- Não nos causou tanta impressão, Harry.
- Idiotas!
- Calma, Harry.
Bittering quase estava chorando. - Precisam trabalhar comigo.
Se ficarmos aqui, mudaremos todos. Não sentem o cheiro? Algo no ar. Um vírus marciano, talvez; alguma semente; ou um pó1em. Escutem-me!
Olharam para ele.
- Sam - disse a um deles.
- Sim, Harry?
- Vai me ajudar a construir um foguete?
- Harry, eu tenho uma carga inteira de metal, e alguns esquemas. Se quiser construir um foguete em minha oficina, esteja à vontade. Vendo-lhe todo aquele metal por quinhentos dólares. Poderá construir um ótimo foguete, trabalhando sozinho, em trinta anos.
Todos riram.
- Não riam.
Sam olhou para ele, bem humorado.
- Sam - Bittering disse - seus olhos...
- O que há com eles, Harry?
- Não eram cinza?

- Bem, não me lembro.
- Eram, não?
- Por que pergunta, Harry?
- Por que agora estão amarelados.
- É mesmo, Harry? - disse Sam, à vontade.
- E você está mais alto, e magro.
- Talvez esteja certo, Harry.
-.Sam, você não deveria ter olhos amarelos.
- Harry, qual é a cor dos seus olhos?
- Meus olhos? Azuis, claro.
- Veja só, Harry. - Sam estendeu-lhe um espelho de bolso.
O Sr. Bittering hesitou, e então ergueu o espelho.
Havia alguns reflexos dourados, no azul de seus olhos.
- Ei, veja só o que me fez - disse Sam um momento depois. Quebrou meu espelho.

Harry Bittering foi para a oficina e começou a construir o foguete. Os homens ficavam à porta, aberta, e conversavam e faziam piadas, sem erguer a voz. De vez em quando, ajudavam-no em alguma coisa. Mas geralmente só ficavam por ali, olhando-o, com seus olhos que se amarelavam.
- Está na hora da janta, Harry.
Sua mulher apareceu com o jantar numa cesta.
- Não vou tocá-la - ele disse. - Só vou comer o que vem do super-congelador. Comida que veio da Terra. Nada de nosso cultivo.
Sua mulher ficou olhando para ele. - Você não pode construir um foguete.
- Já trabalhei numa oficina, antes, quando tinha vinte anos. Eu sei trabalhar com metais. Uma vez que eu comece, os outros virão ajudar - ele disse, sem olhar para ela, abrindo os esquemas.
- Harry, Harry - ela disse, desanimada.
- Precisamos ir embora, Cora, precisamos.

As noites eram cheias de vento, que soprava pelos campos vazios iluminados pelo luar, passando pelo pequeno xadrez das cidades, que repousavam havia doze mil anos. No povoado dos terráqueos, a casa dos Bittering agitava-se com um sentimento de

mudança.
Na cama, o Sr. Bittering sentia alterações em seus ossos, moldados como ouro. Sua mulher, deitada a seu lado, estava queimada pelo sol de muitas tardes. Ela era morena, e de olhos dourados, enegrecida pelo sol, dormindo, e as crianças metálicas, em suas camas, e o vento rugindo desesperadamente, passando pelos velhos pessegueiros, pela grama violeta, agitando pétalas verdes.
O medo era incessante. Tornara seu coração e sua garganta. Pingava na umidade do braço e na têmpora, e nas palmas trêmulas.
Uma estrela verde ergueu-se no leste. Uma palavra estranha emergiu dos lábios do Sr. Bittering. - Iorrt. Iorrt. - Ele repetiu. Era uma palavra marciana. E ele não sabia marciano. No meio da noite, ele se levantou e discou para Simpson, o arqueólogo. - Simpson, o que significa a palavra Iorrt7 - Ora, é a velha palavra marciana para o planeta Terra. Por quê? - Nada ; nada. O telefone escorregou de sua mão. - Alô; alô; alô - ficava dizendo, enquanto ele olhava para a es- trela verde. - Bittering? Harry, ainda está na linha? Os dias estavam cheios de sons metálicos. A estrutura do foguete foi erguida com a ajuda relutante de três homens indiferentes. Ele ficou extremamente cansado, em uma hora ou duas, e teve de se sentar. - A altitude - disse um homem, rindo. - Você tem comido? - perguntou o outro. - Tenho comido - ele respondeu, azedo. - Do congelador? - Sim! - Está ficando magro, Harry. - Não estou! - E mais alto! - Mentiroso!
Sua mulher levou-o para passear, alguns dias depois. - Harry, já usei toda a comida do Congelador. Não há mais nada. Vou ter que fazer sanduíches com comida de Marte. Ele sentou-se, pesadamente. - Você precisa comer - ela disse. - Está fraco. - Sim - ele respondeu. Pegou um sanduíche, abriu-o, olhou para ele, e começou a mor- der, receoso. - E descanse o resto do dia - ela disse. - Está muito quente. As crianças querem nadar nos canais e passear. Venha conosco. - Não posso perder tempo. Estamos em crise! - Só por uma hora. Nadar vai lhe fazer bem. Ele ergueu-se,

suarento. - Está bem; está bem. Deixe-me só. Irei depois.
- Será bom para você, Harry.
O sol estava quente, o dia, calmo. Só havia um grande sol queimando a terra. Moveram-se ao longo do canal, o pai, a mãe, e as crianças, correndo, de roupa de banho. Pararam e comeram uma refeição de sanduíches. Ele viu a pele deles tornando-se marram. E viu os olhos amarelos de sua esposa e de seus filhos, olhos que nunca foram amarelos antes. Alguns tremores o abalaram, mas foram arrebatados por ondas de um calor agradável, enquanto ficava tomando sol.
Estava cansado demais para se assustar.
- Cora, há quanto tempo seus olhos estão amarelos?
Ela estava admirada. - Sempre, eu acho.
- Não eram castanhos, há três meses?
Ela mordeu os lábios. - Não; por que pergunta?
- Não faz mal.
Ficaram ali sentados.
- Os olhos das crianças - ele disse. - Estão amarelos, também.
- Às vezes, as crianças em idade de crescimento mudam a cor dos olhos.
- Talvez sejamos crianças, também. Pelo menos, para Marte. É uma idéia. - Ele riu-se. - Acho que vou nadar.
Pularam na água do canal, e ele deixou-se afundar até o fundo, como uma estátua dourada, e ficou ali, num silêncio verde. Tudo estava quieto nas águas profundas; tudo era paz. Ele sentiu a corrente lenta e constante arrastando-o.
Se eu ficar aqui tempo bastante, ele pensou, a água vai corroer minha pele até que os ossos fiquem como coral. Só ficará meu esqueleto. E então a água poderá acumular coisas em meu esqueleto. Coisas verdes; coisas das profundezas; coisas vermelhas; coisas amarelas.
Mudar. Mudar. Lenta, profunda e silenciosamente. E não é o que está acontecendo lá?
Ele viu o céu submerso, acima dele, o sol tornado marciano, pela atmosfera, tempo e espaço.

Lá em cima, um grande rio, ele pensava, um rio marciario, todos nós bem no fundo dele, em nossas casas-seixo, em nossas casas-rochedo submersas, como caranguejos, escondidos, e a água lavando nossos corpos velhos e esticando os ossos e...
Deixou-se subir, pela luz mortiça.
Dan estava sentado à beira do canal, olhando seriamente para seu pai.
- Utha - ele disse.
- O que? - disse o pai.
O menino sorriu. - Você sabe. Utha é a palavra marciana para "pai".
- Onde aprendeu isso?
- Não sei. Por aí. Utha!
- O que quer?
O menino hesitou. - Eu... eu quero mudar meu nome.
- Mudar?
- Sim.
Sua mãe nadou para perto. - O que há de errado com o nome Dan?
Dan careteou. - No outro dia, você chamava Dan; Dan; Dan.
Nem mesmo ouvi. Eu disse comigo mesmo: Esse não é meu nome.
Tenho um novo nome, que quero usar.
O Sr. Bittering apoiou-se na margem do canal, corpo frio e o coração batendo lentamente. - Qual é esse novo nome?
- Linnl. Não é um bom nome? Posso usá-lo? Posso, por favor?
O Sr. Bittering pôs a mão na cabeça. Pensou naquele foguete idiota, e ele trabalhando sozinho, ele mesmo só, junto de sua família, tão só.
Ouviu sua mulher dizer. Por que não?
E ouviu a si mesmo dizer. - Sim, pode usá-lo.
- Iáá á! - gritou o menino. - Sou Linnl, Linnl!
Correndo pelo campo, dançava e gritava.
O Sr. Bittering olhou para sua esposa. - Por que fizemos aquilo?
- Não sei - disse ela. - Pareceu-me uma boa idéia.

Andaram pelas colinas. Passearam por velhos caminhos de mosaico, passando por fontes que ainda funcionavam. Os caminhos eram cobertos com uma película de água fria todo o verão. Podia-se ficar descalço o dia inteiro, como se se atravessasse um riacho.

Chegaram a uma pequena vila deserta marciana, com uma boa vista do vale. Estava no topo de uma colina. Salões de mármore azul, grandes murais, uma piscina. Era refrescante, num verão tão quente.

Os marcianos nunca acreditaram em cidades grandes.

- Que bonito - disse a Sra. Bittering - se pudéssemos nos mudar aqui para esta vila, durante o verão.

- Vamos - disse ele - voltar para a cidade. Há trabalho a fazer no foguete.

Mas, enquanto ele trabalhava, naquela noite, a idéia da vila de ! mármore azul penetrou sua mente. Com o passar das horas, o foguete pareceu menos importante.

Com o passar dos dias e semanas, o foguete desvanecia. A velha febre passara. Ele se atemorizava ao pensar que se deixara vencer. Mas de algum modo o calor, o ar, as condições de trabalho...

Ouviu os homens murmurando na porta de sua oficina.

- Todos estão indo; ouviu?

- Todos indo. Está bem.

Bittering saiu. - Indo para onde? - Viu um par de caminhões, carregados com crianças e mobília, saindo pela rua empoeirada.

- Para as vilas - disse o homem.

- Isso mesmo, Harry, e você?

- Tenho um trabalho para terminar, aqui.

- Trabalho! Pode acabar esse foguete no outono, quando estiver mais frio.

Tomou fôlego. - A estrutura está pronta.

- No outono será melhor. - Suas vazes soavam preguiçosas, com o calor.

- Preciso trabalhar - retrucou.

- No outono... - eles argumentaram. E pareciam tão sensatos; tão certos...
- No outono seria melhor - ele pensou. - Haverá bastante tempo, então.
- Não! - gritou parte dele, lá no fundo, abandonada, trancada, sufocando. - Não! Não!
- No outono - ele falou.
- Vamos, Harry - disseram todos.
- Sim - ele acedeu, sentindo sua carne derreter no quente ar líquido. - Sim, no outono. Então, começo a trabalhar.
- Tenho uma vila perto do canal Tirra - alguém disse.
- Quer dizer, o Canal Roosevelt?
- Tirra. O velho nome marciano.
- Mas, no mapa...
- Esqueça o mapa. Agora, é Tirra. Encontrei um lugar nas montanhas Pillan...
- Quer dizer, a Cadeia Rockefeller - disse Bittering.
- Quero dizer as Montanhas Pillan - disse Sam.
- Sim - respondeu Bittering, mergulhado no ar sufocante. - As Montanhas Pillan.
Todos ocupavam-se em carregar o caminhão na férvida tarde, do dia seguinte, Laura, Dan e David carregavam pacotes. Ou, como eles preferiam ser chamados, Ttil, Linnl, e Werr.
A mobília foi abandonada na pequena cabana.
- Parecia tão boa, em Boston - disse a mãe. - E aqui, na cabana. Mas, na vila? Não. Vamos pegá-la quando voltarmos, no outono.
Bittering estava quieto.
- Tenho algumas idéias sobre a mobília da vila - ele disse, depois de algum tempo. - Mobília grande, confortável.
- E a sua enciclopédia? Vai levá-la, com certeza?
O Sr. Bittering desviou o olhar. - Voltarei para pegá-la, na semana que vem.
Viraram-se para sua filha. - E seus vestidos de Nova Iorque?
A menina surpreendeu-se. - Ora, não os quero mais.
Fecharam o gás, a água, trancaram as portas, e foram-se.

Papai olhou o caminhão.
- Não estamos levando quase nada. Considerando o que trouxemos para Marte, isto é apenas um punhado de coisas!
Deu a partida no caminhão.
Olhando a pequena cabana branca, por um longo momento, ficou tomado do desejo de correr para ela, tocá-la, dizer-lhe adeus, pois sentia como se estivesse se afastando para uma longa jornada, deixando algo para o que ele bem poderia nunca voltar, nunca mais compreender.
Então, Sam e sua família passaram, num outro caminhão.
- Ei, Bittering! Já estamos indo!
O caminhão saiu pela antiga estrada, da cidade. Havia outros sessenta viajando na mesma direção. A cidade encheu-se com uma silenciosa e pesada poeira, com sua passagem. As águas do canal estavam azuis, ao sol, e uma brisa passava pelas árvores estranhas.
- Adeus, cidade! - disse o Sr. Bittering.
- Adeus; adeus - disse a família, acenando para ela.
Não olharam para trás.
O verão secou os canais. O verão passava como chama pelos campos. Na abandonada colônia da Terra, as casas pintadas descascavam. Pneus que as crianças haviam usado como balança, nos quintais, estavam suspensos como pêndulos de relógios parados, no ar de fornalha.
Na oficina, o foguete começou a enferrujar.
No suave outono, o Sr. Bittering estava, muito moreno agora, de olhos muito dourados, acima de sua vila, olhando para o vale.
- É hora de voltar - disse Cora.
- Sim, mas não vamos - ele disse -, não há mais nada por lá.
- Seus livros. Suas roupas boas - ela disse.
Ela tinha dito : Seus llles e suas boas ior uele rre.
- A cidade está vazia. Ninguém. Ninguém vai voltar. Não vai voltar. Não há motivo; nenhum.
A filha tecia tapeçarias e os filhos tocavam antigas flautas e gaitas, seus risos ecoando na vila de mármore.

O Sr. Bittering olhou para a colônia da Terra, lá longe, no vale. O povo da Terra construía casas tão estranhas e ridículas...
- Não sabiam de nada - sua mulher ponderou. - Gente tão feia. Felizmente, eles se foram.
Olharam um para o outro, surpreendidos com o que acabavam de falar. Riram.
- Para onde foram? - ele imaginou. Olhou para sua esposa. Ela estava dourada, esguia, como sua filha. Ela olhou para ele, e ele parecia tão jovem quanto seu filho mais velho.
- Não sei - ela disse.
- Iremos à cidade, talvez no ano que vem, ou no seguinte, ou depois - ele disse, calmamente. - Agora; estou com calor. Vamos nadar?
Deram as costas para o vale. De braços dados, caminharam sem dizer nada por um caminho de água da fonte.
Cinco anos mais tarde, um foguete caiu do céu. Ficou no vale, fumegando. Os homens saíram dele, gritando.
- Ganhamos a guerra, na Terra! Estamos aqui para salvá-los! Ei!
Mas a cidade norte-americana, de cabanas, pessegueiros, e teatros, estava quieta. Encontraram uma estrutura rudimentar de foguete enferrujado na oficina vazia.
Os homens do foguete procuraram nas colinas. O capitão estabeleceu seu quartel-general num bar abandonado. Seu tenente voltou para informar.
- A cidade está vazia, mas encontramos nativos nas colinas, senhor. Gente escura. Olhos amarelos. Marcianos. Muito amigáveis.
Conversamos um pouco. Aprendem inglês depressa. Estou certo de que nossas relações serão muito boas com eles, senhor.
- Escuros, hein? - disse o capitão. - Quantos?
- Seiscentos; oitocentos, acho, vivendo naquelas ruínas de mármore nas colinas, senhor. Altos, saudáveis. Lindas mulheres.
- Disseram-lhe o que houve com os homens e mulheres que estabeleceram a colônia da Terra, tenente?

- Não tinham a mínima idéia do que aconteceu a esta cidade, ou a sua gente.
- Estranho. Será que esses marcianos os mataram?
- Eles parecem surpreendentemente pacíficos. O mais provável é que uma praga acabou com esta cidade, senhor.
- Talvez. Acho que este é um daqueles mistérios que nunca resolveremos. Um daqueles mistérios sobre os quais sempre se lê.
O capitão olhou para a sala, janelas sujas, as montanhas azuis erguendo-se adiante, os canais, luminosos, e ouvia a brisa. Estremeceu.
Então, recobrando-se, pegou um novo mapa que pregou numa mesa vazia.
- Há muito o que fazer, tenente. - Sua voz era monótona, e continuava, enquanto o sol se punha atrás das colinas azuis. - Novas colônias. Mineração; novos minerais para se procurar. Espécimes bacteriológicos a serem tomados. Trabalho ; muito trabalho. E os velhos registros foram perdidos. Temos um serviço de remapeamento, dar novos nomes às montanhas e rios, e coisas assim. Vai exigir alguma imaginação.
- Que acha de chamar essas montanhas de Montanhas Lincoln; este canal, Canal Washington, aquelas colinas... podemos dar a elas seu nome, tenente. Diplomacia. E você, pode fazer o favor de dar meu nome a uma cidade. Questão de cortesia. E por que não chamar aqui de Vale Einstein, e ali adiante... está me escutando, tenente?
O tenente desviou o olhar do azul e da neblina das colinas, bem longe, no horizonte.
- Que? Oh, sim, senhor!

O BONDE

As primeiras luzes sobre os telhados, lá fora; manhãzinha. As folhas em todas as árvores estremecendo com um suave despertar à mínima brisa que a madrugada possa oferecer. E então, longe, por uma curva do trilho prateado, vem o bonde, equilibrado sobre quatro pequenas rodas de aço azulado, pintado da cor das tangerinas. Cobertas com dragonas de latão luzidio, e canos dourados; e seu sino cromado ressoa se o velho motorneiro aciona-o com seu sapato gasto. Os números na frente e nos lados do bonde são luminosos como limões. Dentro, seus assentos, eriçados com um fresco musgo verde. Algo como um espanta-moscas ergue-se de seu teto para roçar no fio de aranha, alto, nas árvores que passam, de onde tira seu sangue. De cada janela evola-se um incenso, o penetrante, azul e secreto odor de relâmpagos e tempestades de verão.

Pelas longas ruas, ladeadas de olmos, o bonde vai, só, as luvas cinzentas do motorneiro tocando delicadamente, atemporalmente, a alavanca de controle.

Ao meio-dia, o motorneiro parava seu carro no meio do quarteirão, e inclinava-se para fora. - Ei!

E Douglas, e Charlie, e Tom, e todos os meninos e meninas do quarteirão viam a lua cinza acenando, e caíam de árvores e deixavam cordas de pular como serpentes brancas sobre os gramados, para f sair correndo para sentar nos confortáveis assentos verdes, e de graça.

O Sr. Tridden, o motorneiro, mantinha sua luva sobre a boca da caixa, enquanto o bonde ia pela alameda. - Ei - disse Charlie. - Aonde estamos indo?

- Última viagem - disse o Sr. Tridden, olhos postos no alto fio elétrico, à frente. - Não haverá mais bondes. Os ônibus começam a funcionar amanhã. Vão me aposentar. Logo, uma viagem grátis para todos! Atenção!

Girou a alavanca de latão, o bonde gemeu e fez uma interminável curva verde, e durante todo aquele intervalo, o tempo no

mundo parou, como se só as crianças e o Sr. Tridden e sua máquina miraculosa estivessem descendo um rio infinito.
- Último dia? - perguntou Douglas, estupefato. - Não podem fazer isso! Não podem tirar o bonde! Ora - ia dizendo Douglas não me importa o que se diga, um ônibus não é um bonde. Não faz o mesmo barulho. Não tem trilhos, nem fios, não solta faíscas, não se põe areia nos trilhos, não tem as mesmas cores, não tem sino, não desce o degrau, como um bonde faz!
- É isso mesmo - confirmou Charlie. - Eu sempre gosto de ver um bonde descer o degrau, como uma sanfona.
- Claro - disse Douglas.
E então, tinham chegado ao fim da linha; os trilhos, abandonados por trinta anos, iam em direção ao campo. Em 1910, levaram o bonde para Chessman Park, com muitas festas. Os trilhos ainda estão enferrujando, nas colinas.
- Agora, aqui, damos meia-volta - disse Charlie.
- Aqui é que você se engana! - O Sr. Tridden ligou o gerador de emergência. - Vamos adiante!
O bonde, com um solavanco e girando em falso, passou dos limites da cidade, e foi-se pelas colinas, em meio a faixas de perfumada luz solar e amplidões de sombra, que cheiravam a cogumelos. Aqui e ali, riachos lavavam os trilhos, e o sol filtrava-se pelas árvores, como vidro verde. Deslizavam sussurrando pelos meandros, inundados com girassóis silvestres, por estações abandonadas, vazias de tudo, exceto do confete dos bilhetes picotados, e seguiram um regato do bosque, até um campo ensolarado, enquanto Douglas falava. - Ora, mesmo o cheiro de um bonde, é diferente. Já estive em ônibus, em Chicago, e têm um cheiro esquisito.
- Os bondes são muito lentos - disse o Sr. Tridden. - Vamos usar ônibus agora. Ônibus para gente, e ônibus para a escola.
O bonde fez uma parada. Do bagageiro, o Sr. Tridden tirou grandes cestas de piquenique. Gritando, as crianças ajudaram-no a tirar as cestas, passando pelo leito seco de um riacho, que tinha se esvaziado numa lagoa, onde o antigo coreto estava se

desmanchando em pó, por causa dos cupins.
Ficaram sentados, comendo sanduíches de presunto, morangos frescos e laranjas sumarentas, e o Sr. Tridden contava-lhes como era, há quarenta anos: a banda tocando naquele belo coreto, à noite, os homens bombeando ar em suas cornetas, o gorducho maestro lançando suor pela ponta de sua batuta, as crianças e as borboletas correndo pela grama alta, as damas, com longos vestidos, e altos penteados, desfilando pelos passeios em forma de xilofone, com os cavalheiros em seus sufocantes colarinhos. Ali estava o passeio agora, semi-destruído pela vegetação, através dos anos. O lago estava azul, calmo, silencioso, e os peixes pacificamente passavam por entre os caniços, e o motorneiro ia falando, e falando, e as crianças sentiram que estavam em outro ano, com o Sr. Tridden parecendo maravilhosamente jovem, olhos acesos como pequenas lâmpadas, azuis e elétricas. Era um dia calmo, sonolento, ninguém apressado, o bosque à volta, o sol imobilizado, enquanto a voz do Sr. Tridden subia e descia, e uma agulha de bordar cruzando o ar, dando pontos, incessante, desenhos dourados, e invisíveis. Uma abelha, instalada numa flor, zumbindo, e zumbindo. O bonde estava ali, como um realejo encantado, rebrilhando quando o sol incidia sobre ele. O bonde estava em suas mãos, mas o cheiro de latão, quando comiam amoras maduras. O luminoso odor do bonde era soprado de suas roupas, pelo vento do verão.
Um mergulhão passou pelo céu, gritando.
Alguém estremeceu.
O Sr. Tridden pegou suas luvas. - Bem, é hora de irmos. Seus pais vão pensar que roubei vocês.
O bonde estava silente e escuro, como o interior de uma sorveteria. Com um suave farfalhar de veludo verde, os assentos foram virados pelas crianças, caladas, de modo que se sentaram dando as costas para o calmo lago, o coreto deserto, e as pranchas de madeira, que faziam uma espécie de música se se andasse pelas suas margens, até outro mundo.
Bing! fez o suave sino, sob o pé do Sr. Tridden, e deslizaram de

volta por caminhos floridos, abandonados pelo sol, atravessando bosques, rumo a uma cidade que parecia esmagar todos os lados do bonde com tijolos, e asfalto e madeira, quando o Sr. Tridden parou, para as crianças descerem.

Charlie e Douglas foram os últimos a ficarem perto da língua exposta do bonde, o degrau dobravel, respirando a eletricidade, olhando para as luvas do Sr. Tridden na alavanca metálica.

Douglas passou os dedos pelo musgo verde do riacho, olhou para o niquelado, o latão, a cor de vinho do teto.

- Bem... até logo, Sr. Tridden.
- Até logo, rapazes.
- Até algum dia.

Houve um fraco suspiro do ar ; a porta fechou-se, delicadamente, embutindo sua língua corrugada. O bonde zarpou lentamente, pela tarde, mais luminoso que o sol, todo tangerina, refletindo ouro e limão, virou uma esquina distante, girando sobre si, e desapareceu; foi-se.

- Ônibus escolares. - Charlie ia, pela calçada. - Não vai nos dar nenhuma chance de nos atrasarmos na escola. Virá nos buscar na porta de casa. Nunca mais estar atrasado na vida. Pense nesse pesadelo, Doug, pense só.

Mas Douglas, sobre o gramado, estava vendo como seria amanhã, quando os homens derramariam piche quente nos trilhos prateados, e nunca se saberia que por ali havia passado um bonde. Sabia que levaria muitos anos até que pudesse esquecer-se dos trilhos, não importava quão profundamente fossem enterrados. Em alguma manhã de outono, primavera, ou inverno, ele sabia que acordaria, e se não se aproximasse da janela, se só ficasse bem aninhado e aquecido em sua cama, ele ouviria, bem longe.

E, além da esquina, pela manhã, lá na avenida, entre as fileiras regulares de sicômoro, olmo e bordo, na quietude antes do burburinho do dia, perto de sua casa, ele ouviria aqueles ruídos familiares.

Como o tique-taque de um relógio, o rumor de uma dúzia de

barris metálicos rolando, o zumbido de uma só imensa libélula voando.
Como um carrossel, como uma pequena tempestade elétrica, da cor do relâmpago, aproximando-se, aqui, e afastando-se. O tilintar do bonde. O chiado, como o de um jato de soda, quando descia seu degrau, e o recolhia, singrando por sua rota, trilhando um oculto e enterrado trilho para algum oculto e enterrado destino...
- Vamos brincar de chutar-a-lata, depois da janta? - sugeriu Charlie.
- Claro - respondeu Douglas - chutar-a-lata.

A MÁQUINA VOADORA

No ano 400 A.D., o imperador Yuan ocupava seu trono, por detrás da Grande Muralha da China, e a terra estava verde com a chuva, preparando-se para a colheita, em paz, o povo sob seu domínio, nem muito feliz, nem muito triste.

De manhãzinha, do primeiro dia da primeira semana do segundo mês do ano novo, o imperador Yuan estava bebericando chá e abanando-se contra uma brisa quente quando um servo veio correndo pelos ladrilhos escarlates e azuis do jardim, exclamando: - Ó Imperador, Imperador, um milagre!

- Sim - retrucou o Imperador - o ar está perfumado, esta manhã.

- Não, não, um milagre! - disse o servo, com uma rápida reverência.

- E este chá sabe-me bem, por certo que se trata de milagre.

- Não ; não ; Excelência.

- Deixa-me adivinhar, então... o sol nasceu, e um novo dia está sobre nós. Ou o mar está azul. Esse sim, o mais excelente dos milagres.

- Excelência, um homem está voando!

- O quê? - O Imperador parou de abanar-se.

- Eu vi no ar, um homem voando, com asas. Ouvi uma voz chamando do céu, e quando ergui os olhos, lá estava ele, um dragão nos cajus, com um homem em sua boca, um dragão de papel e bambu, da cor do sol, e da grama.

- É cedo - replicou o Imperador, e acabas de sair de um sonho.

- É cedo, mas tenho certeza do que vi! Vinde, para também verdes.

- Senta-te aqui comigo - disse o Imperador. - Bebe um pouco de chá. Deve ser causa insólita, se veraz, ver um homem voar. Deves ter tempo para considerar a cousa, assim como eu devo preparar-me para essa visão.

Beberam chá.

- Por obséquio - finalmente disse o servo - ou ele ir-se-á.

O Imperador ergueu-se, pensativo. - Agora, podes mostrar-me

o que viste.
Andaram por um jardim, um caminho gramado, passaram por uma pequena ponte, um bosquezinho, e subiram uma pequena elevação.
- Ali! - indicou o servo.
O Imperador olhou para o céu.
E no céu, rindo, tão alto que mal se podia ouvir o riso, estava um homem; e o homem estava vestido com coloridos papéis e bambus, à guisa de asas, e tinha uma linda cauda amarela, e estava planando, como o maior de um universo de pássaros, como um dragão jovem, numa terra de dragões velhos.
O homem chamou-os lá do alto, por entre os frios ventos da manhã. - Estou voando! Estou voando!
O servo acenava-lhe. - Sim; sim!
O Imperador Yuan não se moveu. Ao invés disso, olhou para a Grande Muralha agora avultando-se, destacando-se da neblina, nas verdes colinas, aquela esplêndida serpente de pedras que se retorcia majestosamente através de toda a terra. Aquela muralha maravilhosa, que os protegera, em épocas remotas, das hordas inimigas e preservara a paz por anos incontáveis. Viu a cidade, aninhada perto de um rio, e uma estrada, e uma colina, começando a despertar.
- Diz-me - interpelou o seu servo - alguém já viu este homem voar?
- Sou o único, Excelência - disse o servo, sorrindo para o céu, acenando.
O Imperador olhou para o céu por mais um minuto, e então disse : - Chama-o aqui para mim.
- Ho, desce, desce! O Imperador deseja falar-te! - gritou o servo, mãos em concha aplicadas à boca.
O Imperador olhava em todas as direções, enquanto o homem vinha planando, no vento matinal. Viu um lavrador, logo cedo no campo, olhando para o céu, e memorizou o local onde morava.
O homem voador desceu com um ruído de papel, e o estalido

dos bambus. Veio orgulhoso, até o imperador, desajeitado com a armação, por fim curvando-se perante o ancião.
- Que fizeste? - quis saber o Imperador.
- Voei pelos céus, Vossa Excelência - replicou o homem.
- O que fizeste? - instou novamente o Imperador.
- Acabo de dizer-vos! - insistiu o homem.
- Nada me disseste. - O Imperador estendeu sua mão fina para tocar o belo papel e a armação semelhante a uma ave, do aparelho.
Estava fria, como o vento.
- Não é lindo, Excelência?
- Sim, muito belo.
- É o único no mundo! - sorriu o homem. - E eu sou o inventor!
- O único no mundo?
- Juro que sim!
- Quem mais sabe disto?
- Ninguém. Nem mesmo minha mulher, que pensaria que enlouqueci, com o sol. Ela pensava que eu fazia uma pipa. Levantei-me à noite e fui para aqueles rochedos. E quando a brisa matinal soprou, e o sol despontou, ganhei coragem, Excelência, e saltei do rochedo.
Voei! Mas minha mulher não sabe disto.
- Melhor para ela então - disse o Imperador. - Vem comigo.
Voltaram juntos à grande casa. O sol já estava alto no céu e o aroma da grama era refrescante. O Imperador, o servo, e o homem voador pararam no grande jardim.
O Imperador bateu palmas. - Ho, guardas!
Os guardas vieram correndo.
- Prendam este homem.
Os guardas agarraram o homem voador.
- Chamem o carrasco - disse o Imperador.
- Mas, o que é isto! - exclamou o homem voador, aparvalhado.
- Que fiz? - E começou a chorar, agitando a armação com seus soluços.
- Aqui está o homem que construiu uma certa máquina - disse

o Imperador - e ainda nos pergunta o que é que criou. Não conhece a si mesmo. Só lhe basta criar, sem saber o porquê do que fez, nem o que essa coisa vai causar.
O executar veio, com um brilhante e afiado machado. Ficou de prontidão, com seus braços musculosos descobertos, rosto coberto com uma serena máscara branca.
- Um momento - interrompeu o Imperador. Virou-se para uma mesa próxima, na qual havia uma máquina que ele próprio inventara.
O imperador retirou uma chavezinha de ouro de seu pescoço. Enfiou a chave na delicada máquina, e girou-a. Então ligou a máquina.
A máquina era um jardim, de metal e jóias. Movimentada, os pássaros cantavam em minúsculas árvores de metal, lobos andavam por florestas em miniatura, e bonequinhos entravam e saíam pelo sol e pela sombra, abanando-se com leques miniatura, ouvindo aos diminutos pássaros de esmeralda, e deixando-se ficar perto de fontes impossivelmente pequenas, mas funcionando.
- Não é belo? - disse o Imperador. - Se me perguntasses o que fiz aqui, poderia bem te responder. Fiz pássaros cantarem, fiz florestas murmurarem, fiz pessoas passearem nestes bosque, fruindo a folhagem, as sombras, a música. Foi isso que fiz.
- Mas, ó Imperador - implorou o homem voador, de joelhos, lágrimas descendo pelo rosto. - Fiz cousa semelhante! Encontrei a beleza. Voei ao vento matinal. Olhei para baixo, e contemplei todas as casas adormecidas, e jardins. Senti o cheiro do mar, e o vi, além das colinas, lá do alto. E planei como um pássaro ; ah, não sei descrever como é belo, o céu, o vento passando, soprando-me como uma pluma, e ali, como um abano, o perfume do céu matinal! E como nos sentimos livres! Isso é belo. Imperador, isso também é belo!
- Sim - retrucou o Imperador, entristecido. - Eu sei que deve ser verdade. Pois senti meu coração voar contigo, no ar, e imaginava: Como será? Qual a sensação? Como aparecem os lagos distantes, de tão alto? E como parecem minhas casas, e

meus servos? Como formigas? E as cidades distantes, ainda adormecidas?
- Então, poupai-me!
- Mas há tempos - falou o Imperador, mais contristado ainda em que se deve perder um pouco da beleza, caso se deseje conservar a pouca beleza que já se tem. Não me atemorizas, mas temo algum outro homem.
- Que homem?
- Algum outro homem que, vendo-te, construa algo de papéis coloridos e bambu, como isso. Mas outro homem terá um rosto maldoso, e um coração maldoso, e a beleza ir-se-á. É a este homem que temo.
- Por quê? Por quê?
- Quem me garante que, algum dia, esse homem num aparelho como o teu, de papel e caniços, não poderá voar pelos céus e deixar cair grandes pedras sobre a Grande Muralha? - perguntou o Imperador.
Ninguém moveu-se, nem disse palavra.
- Cortem-lhe a cabeça - disse o Imperador.
O carrasco brandiu seu machado acerado.
- Queimem a pipa e o corpo do inventor, e enterrem juntas as suas cinzas - ordenou o Imperador.
Os servos apressaram em obedecer.
O Imperador voltou-se para seu valete. - Constrange tua língua.
Foi tudo um sonho, um lamentável e belíssimo sonho. E aquele lavrador naquele campo distante, que também viu, diz-lhe que seria muito valioso para ele considerar aquilo apenas uma visão. Se a notícia espalhar-se, tu e o lavrador morrerão no mesmo momento.
- Sois misericordioso, Imperador.
- Não; não misericordioso - respondeu o velho. Além do muro I
do jardim, viu os guardas queimando a linda máquina de papel e bambu, que rescendia ao vento da manhã. Viu a fumaça escura subindo ao céu. - Não, só muito perplexo, e tempestuoso.
- Viu os guardas cavarem um fosso, para enterrar as cinzas. - Que

é a vida de um homem, contra a de um milhão de outros? Devo consolar-me com este pensamento.

Tomou a chave de seu pescoço e mais uma vez deu corda ao lindo jardim em miniatura. Ficou olhando os campos, na direção da Grande Muralha, a cidade pacífica; a campina verde; os rios e riachos. Suspirou. O jardinzinho girava sua oculta e delicada maquinaria e movimentava-se; a gente pequena movia-se pelos bosques, raposinhas pulavam por clareiras ensolaradas, com suas peles brilhantes, e em meio ao arvoredo saíam agudos trechos de música e azul brilhante, e amarelo, voando, voando, voando, naquele firmamento pequenino.

- Oh - disse o Imperador - veja os pássaros, veja os pássaros!

ÍCARO MONTGOLFIER WRIGHT

Estava deitado na cama, e o vento soprou pela janela, por suas orelhas, e por sua boca entreaberta, de modo a sussurrar para ele, em seu sonho. Era como o vento do tempo uivando nas cavernas de Delfos para dizer o que deveria ser dito de ontem, hoje, amanhã. Por vezes, uma voz dava um grito, muito longe, às vezes dois, uma dúzia, toda uma raça de homens gritava por essa boca, mas suas palavras eram sempre as mesmas: - Veja; veja, conseguimos!

E subitamente, ele, um ou muitos, foram arremessados ao sonho, e voaram. O ar desdobrava-se num suave oceano cálido, onde ele nadava, ainda não acreditando.

- Veja, veja! Foi feito!

Mas ele não pedia ao mundo para ver, ele estava apenas tentando abrir bem os sentidos, para ver, saborear, cheirar, tocar o ar, o vento, a lua despontando. Nadou pelo céu. A pesada terra tinha-se ido.

Mas, espere, ele pensou, espere um pouco!

Esta noite - que noite era?

A noite da véspera, claro. A noite da véspera do primeiro vôo do foguete à Lua. Além deste quarto, no deserto crestado, a cem jardas, o foguete espera por mim.

Bem, está esperando, agora? Existe realmente um foguete?

Um momento! Ele pensou, e torceu-se, revirou, suando, olhos apertados, para a parede, o ar assobiando entre seus dentes.

Esteja bem certo, mesmo! Você, agora, quem é você?

Eu? Pensou. Meu nome?

Jedediah Prentiss, nascido em 1938, formado em 1959, licença de piloto de foguete, 1971. Jedediah Prentiss... Jedediah Prentiss...

O vento assobiou seu nome para longe! Tentou agarrá-lo, gritando.

Então, indo-se quieto, esperou que o vento devolvesse-lhe o nome. Esperou bastante, e havia apenas o silêncio, e então, depois de mil batidas do coração, sentiu movimento.

O céu abriu-se como uma flor macia. O Mar Egeu agitava leques langorosos por uma praia escura, distante.
Na arrebentação das ondas, na praia, ouviu seu nome.
Ícaro.
E de novo, num sussurro: Ícaro.
Alguém sacudiu-lhe o braço, e era seu pai, dizendo seu nome, e sacudindo a noite. E ele mesmo estava ali, pequeno, meio voltado para a janela e a praia lá embaixo, e o céu profundo, sentindo o primeiro vento da manhã arrepiar as penas douradas alojadas em cera ambariana ao seu lado. Asas douradas arrepiando-se, quase vivas, nos braços de seu pai, e as de seus ombros tremeram um pouco, enquanto olhava para essas asas e além, para o rochedo.
- Pai, como está o vento?
- Está bom para mim, mas nunca o bastante, para você...
- Pai, não te preocupes. As asas parecem desalinhadas agora, mas meus ossos nas penas lhes darão força, meu sangue na cera, far-lhes-á vida!
- Meu sangue, meus ossos, também, lembra-te; cada homem empresta sua carne a seus filhos, pedindo que cuidem bem dela. Promete não ir muito alto, Ícaro, o sol ou meu filho, o calor de um, a febre do outro, poderiam derreter estas asas. Cuidado!
E carregaram as esplêndidas asas douradas e ouviram-nas murmurar em seu braços, seu nome, ou algum nome que soprava, fervilhava e caía como uma pena, no ar calmo.
Montgolfier.
Suas mãos tocaram a corda rija, o linho brilhante, o fio de costura, quente como o verão. Suas mãos alimentavam uma chama como lã e palha.
Montgolfier.
E seu olho percorreu o cordame, a força oceânica, a imensa pêra prateada flutuante, ainda inchando-se com as trêmulas correntes de ar encanadas da fogueira. Silencioso como um deus erguendo-se acima dos campos franceses, este delicado

envoltório de linho, este saco oscilante de ar aquecido, logo se soltaria, livre. Arrancando para cima, rumo a mundos azuis de silêncio, sua mente, e a de seu irmão, velejariam juntas, emudecidas, serenas entre nuvens-ilha, onde dormiam relâmpagos não civilizados. Naquele abismo não mapeado, onde nenhum canto de pássaro ou grito de homem pode chegar, o balão se lançaria. Lançado à deriva, ele, Montgolfier, e todos os homens, poderiam ouvir o incomensurável alento de Deus e a catedral da eternidade.

- Ah; ele moveu-se; a multidão moveu-se, à sombra do balão aquecido. Tudo está pronto; tudo está certo...

Certo. Seus lábios mexiam-se, no sonho. Certo. Chiado, sussurro, rufar, uma lufada. Certo.

Das mãos de seu pai, um brinquedo saltou para o teto, girou com seu próprio vento, suspenso, enquanto ele e seu irmão olhavam para vê-la esvoaçar, agitar-se, assobiar, ouvindo murmurar seus nomes.

Wright.

Sussurrando: vento; céu; nuvem; espaço; asa; voar...

- Wilbur, Orville? Veja, o que é aquilo?

Ah. Em seu sonho, sua boca suspirou.

O helicóptero de brinquedo zumbia, batia no teto, resmungava: águia; corvo; pardal; andorinha; gavião. Sussurrava águia, sussurrava corvo, e finalmente, esvoejando até suas mãos, ruflando asas, uma lufada dos ares dos verões futuros, com um último torvelinho e exaltação cochichando gavião.

Sonhando, ele sorriu.

Viu as nuvens descendo sobre o Mar Egeu.

Sentiu o balão oscilar, como bêbado, seu grande volume pronto para o vento próspero.

Sentiu a areia do Atlântico, com suas dunas macias, que poderiam salvá-lo; a ele, pássaro errante, caso caísse. A estrutura tocava como se fosse uma harpa, e ele mesmo arrebatado por sua música.

Fora do quarto, ele sentiu o foguete aprestado deslizar

pelo campo deserto, suas asas de fogo dobradas, seu hálito de fogo retido, seguro, prestes a falar por três bilhões de homens. Num momento, ele acordaria e sairia andando devagar, rumo àquele foguete.
E ficar à borda do penedo.
Ficar calmo à sombra do balão quente.
Ser atingido pelas areias de Kitty Hawk.
E enfiar seus pulsos de rapaz, braços, mãos, e dedos com asas douradas, em cera dourada.
E tocar uma última vez o fôlego preso do homem, engasgado com admiração e imaginação, bombeadas e costuradas para erguer seus sonhos.
E dar partida no motor a gasolina.
E pegar a mão de seu pai, e desejar-lhe sorte, com as asas dele, flexionadas e prontas, aqui no precipício.
Então avançar e saltar.
Então, cortar as cordas para liberar o grande balão.
Então girar o motor, e fazer o avião enfrentar o vento.
E baixar o interruptor, dando partida ao foguete.
E juntos, num só impulso, nadar, correr, pular, planar, deslizar, voltado para o sol, lua, estrelas, iriam por sobre o Atlântico, Mediterrâneo, pelo campo, deserto, cidade, vila; no silêncio gasoso, batendo asas, tamborilando as estruturas, numa erupção vulcânica, num rugido tímido; numa hesitação, titubeante, então ascensão constante, lindamente mantida, surpreendentemente transportados, ririam e gritariam cada um seu nome para si mesmos. Ou gritariam os nomes de outros ainda não nascidos ou outros, há muitos mortos, e soprados pelo vento escuro, ou pelo vento salgado, ou pelo sopro silencioso do vento do balão ou o vento do fogo químico. Cada um sentindo as penas luminosas agitar-se quase explodindo de suas omoplatas! Cada um deixando para trás o eco de seu vôo, um som para circular, e retornar pela terra, nos ventos, e falar de novo, em outras épocas aos filhos dos filhos de seus filhos, adormecido, mas ouvindo o incansável céu noturno.

Para cima, mais para cima, mais alto! Uma maré de primavera, uma enchente do verão, um infundável rio de asas!
Uma campainha tocou, suavemente.
.Não, ele murmurou, vou acordar logo. Espere...
E Egeu deslizou sob a janela; foi-se; as dunas do Atlântico, o campo francês, dissolvendo-se no deserto do Novo México. Em seu quarto, perto de seu catre, não havia plumas numa cera dourada. Lá fora, nenhuma pêra esculpida pelo vento, nenhuma máquina com jeito de borboleta. Lá fora, apenas um foguete, um sonho combustível, esperando pela fricção de sua mão para ser aceso.
No último momento do sonho, alguém falou seu nome.
Calmamente, ele deu a resposta como se a tivesse ouvido durante horas, após o meio da noite.
- Ícaro Montgolfier Wright.
Repetiu-o, para que o perguntador pudesse lembrar da ordem e soletrá-lo até a última incrível letra.
- Ícaro Montgolfier Wright.
- Nascido: novecentos anos antes de Cristo. Escola primária: Paris, 1783, Estudos superiores: Kitty Hawk, 1903. Graduação, da Terra à Lua: neste dia, pela graça de Deus, 1º. de agosto de 1971. Morte e enterro, com sorte, em Marte, verão do Ano de Nosso Senhor, de 1999.
Então deixou-se lentamente acordar.
Momentos depois, cruzando o deserto, ouviu alguém gritando, e gritando, e gritando.
E se ninguém estava lá, ou se alguém estava atrás dele, não sabia dizer. E se era uma voz, ou muitas, jovem ou velha, perto ou muito longe, elevando-se ou abaixando, sussurrando ou gritando para ele todos os três de seus bravos nomes, ele também não saberia dizer. Não se voltou para olhar.
Pois o vento estava se intensificando e ele deixou que o arrebatasse e o soprasse todo o resto do caminho, através do deserto até o foguete que estava lá, esperando.